ANNO III — N. 26 OUTUBRO, 1928

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

SUMMARIO

A nova escola de Minas. — Pedagogia chinêsa. — O sentido da visão, *Guerino Casasanta.* — Diario de classe e Caderno de preparação das lições. — Duas lições do 4º anno primario, *Maria Ignacia de Queiroz Miranda.* — O ensino intuitivo da historia. — A nova organização pedagogica. — Lições de português, *Firmino Costa.* A punição na historia da pedagogia, *Ciaccia.*—Curso de aperfeiçoamento. — Faculdade de Medicina de Bello Horizonte, *Aurelio Pires.* — Questões de pedagogia, *Alexandre Drumond.*

SECÇÃO DO CENTRO PEDAGOGICO DECROLY

INFORMAÇÕES UTEIS

BELLO HORIZONTE — ESTADO DE MINAS GERAES

ANNO III — N. 26 OUTUBRO DE 1928

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO
N.º 210
Data 20-10-77
BIBLIOTECA

A nova escola de Minas

Uma das preoccupações mais elevadas da actual reforma do ensino é a de chamar para a escola a attenção dos paes. A escola não é apenas um abrigo seguro e fecundo, em que os paes descansem, por algumas horas, das canseiras de supportar os filhos, mas uma casa queridissima, olhada com veneração e com affecto.

E' tomar umas paginas de Amicis e contemplar o que era, ha perto de meio seculo, uma saída de escola italiana. Quando o bedel tocava o signal de aviso, já se agglomerava nas portas e nos passeios—uma grande multidão carinhosa de paes e de parentes, á espera de seus filhinhos...

Lembram-se da primeira pagina do *Coração* ?

> «As ruas estavam cheias de meninos. As duas livrarias apinhavam-se de paes e mães que compravam bolsas, cadernos e carteiras. Diante da escola havia tanta gente que o bedel e o guarda civil a muito custo conseguiam deixar a porta desimpedida.»

Sim, sim ! Era uma santa multidão de paes e mães, ansiosos, esperançosos, sorridentes, a fazer de boa vontade essas santissimas despesas, que lhes iam decerto abalar o humilde orçamento domestico. Não era um caderno dado de má vontade, como se fosse para uma coisa inutilissima. Não era um dinheiro lançado como que para per-

dê-lo. Aquelles paes e aquellas mães, que alli se agglomeravam, eram os cidadãos illuminados de um povo — que viam na escola o augusto laboratorio do futuro !

E' vêr com que interesse guiam os filhos !

> «A muito custo entramos. Homens e mulheres, empregados e militares, levando os meninos e segurando os *certificados* de accesso da classe atrasada, enchiam o saguão de entrada e as escadas, e faziam tanto barulho como num theatro.»

Levavam os filhos para a escola, compravam-lhes, pessoalmente, os livros, acompanhavam-n'os pelas ruas, discutiam com elles, perguntavam pelas lições, auxiliavam-n'os nos exercicios, brincavam com elles, conheciam todos os seus companheiros e, depois, os paes dos companheiros, ficando a escola não só como uma casa em que se ensinavam as crianças, mas principalmente como uma formadôra de homens amigos, fautôra de paz e de solidariedade entre os cidadãos de uma patria e, por isso, fautora da paz e da solidariedade humana.

No primeiro dia de escola, o pequeno entristeceu-se, por ver tantos dias na frente por encher. Mas a mãe, que lhe lia nos olhos tudo o que lhe passava no coração, corre a animá-lo.

> «Eu disse de mim para mim:
>
> —Primeiro dia, hoje. Ainda faltam muitos mezes de trabalho e de estudo.
>
> Corri a beijar a mão de mamãe que se ia embora.
>
> —Coragem, Henrique. Havemos de estudar juntos, disse-me ella».

Na verdade, a boa mãe de Henrique acompanhava, com immenso cuidado, a sua vida escolar. Pae e mãe viviam com os olhos voltados para a escola, solicitos pelo que nella se passava, venerando o director, amando os mestres, batendo palmas pelo bom exito dos meninos laboriosos, animando os desalentados, folheando, ansiosamente, os cadernos e livros.

Com a instituição do auditorium, que tem por fim reunir, duas vezes por mez, as familias das creanças para assistirem ás singelas reuniões infantis; com a collaboração permanente que se pede dos pais, na obra de educação dos filhos, quanto a seus estudos, saude e bem estar; com a organização das associações de mães de familias, que devem cooperar estreitamente com as autoridades escolares para o fim «de levantar na escola o nivel moral e de saude, promover a matricula e a frequencia escolar, concorrer para o desenvolvimento e o progresso das instituições escolares, particularmente as destinadas á assistencia aos meninos pobres»; com a creação dos conselhos escolares municipaes, em que se pretende incluir as figuras primaciaes de cada municipio, interessando-as nessa grande obra; com os boletins, avisos, conselhos e pedidos, num contacto constante e bemfazejo de paes e mestres; —o novo Regulamento quer ampliar os antigos moldes das escolas e fazer dellas não só as escolas das crianças, mas tambem as escolas dos pais.

O professorado de Minas deve considerar, attentamente, nessa face da reforma. Deve luctar, por todos os meios a seu alcance, para chamar para a sua escola a attenção, o carinho, a solicitude dos pais. A escola tem sido um descanso para os pais: livram-se dos garotos por umas horas e nem mesmo se sentem agradecidos aos mestres, que são culpados das minimas coisas. Pois é necessario que acompanhem, com attenção, a vida escolar! O Brasil tem necessidade disso. E só no dia em que uma carinhosa multidão mineira estiver á porta de uma escola, ansiosa e affectuosa, á espera de seus filhos, numa hora de exame, num dia de chuva, num dia de festa, é que nós poderemos dizer com desvanecimento:

— Eis a nova escola de Minas!

PEDAGOGIA CHINÊSA

I

ANTIGUIDADE

Os chinêses gabam-se de ser uma das nações mais civilizadas e das mais antigamente civilizadas. Tão superiores pareceram a si proprios as suas conquistas que não quizeram contacto com o resto do mundo. Como todos povos que alcançaram certo grau de cultura, como os romanos que tinham os extrangeiros por inimigos e como os gregos que os tinham por barbaros, os chinêses olhavam de viez para os outros povos, contentissimos de si e de sua sabedoria.

Na verdade a China alcançou muito cedo um grande desenvolvimento. Muitos seculos antes de Christo, de 20 a 25 seculos, mais ou menos, já era uma nação constituida quase com os mesmos elementos com que até agora se constitue: o Estado, a sociedade, a familia, a religião — já se achavam fixados nos moldes quase eternos com que vem atravessando os tempos. Essa velhice verifica-se pelas suas chronicas, que são abundantes e que se não interromperam. Entretanto, os chinêses exaggeram essa antiguidade e o que parece ter-se desenrolado a 2.000 annos antes de nossa era — elles o situam a 20.000 ou a 30.000 annos...

II

SEMI-CIVILIZAÇÃO

O que é certo, porém, é que os chinêses nunca alcançaram o que nós chamamos civilização. Sim, uma semi-civilização.

Civilização é progresso, é marcha, é adiantamento. Compreende bôa organização politica, principios juridicos e moraes bem definidos, cultura scientifica, gosto artistico, delicadeza de sentimentos, brandura de costumes. Mas, antes de tudo, civilização é uma caminhada constante para diante. E' um continuo amontoar. Comprehende a conservação do que se ha adquirido de bom e a acquisição de novas riquezas.

Os chinêses, como veremos, caminharam. Mas chegaram a um ponto do caminho e pararam. Povo ordeiro e trabalhador, devotadamente dado á agricultura, amigo da paz e com excellentes costumes, sobrio e frugal, trabalhador pacientissimo e infatigavel, superior, por muitos titulos, a muitos povos que prosperam — o povo chinez trabalhou, prosperou, predominou e estacou de repente no seu progresso. Immobilizou-se ha seculos nas suas fórmas: estagnou-se. Por isso é que se diz que não é civilizado, mas semi-civilizado.

III

PORQUE PARARAM?

A causa de seu estagnamento é simples. Os chinêses contentaram-se com o que alcançaram. Realizaram muito e julgaram-se superiores de muito a todos os povos. As fórmas com que se organizaram e que realmente apresentavam um progresso extraordinario relativamente ao que os outros povos tinham alcançado, pareceram-lhes o que de melhor poderia existir na terra. Resolveram immobilizá-las, eternizá-las. O passado não passou para os chinêses: ficou. O que elles não têm é presente e futuro. Porque as suas crenças, os seus conhecimentos, os seus principios, os seus deuses, as suas superstições, os seus sentimentos, as suas idéas — tudo o que rege, anima e constitue a vida, afinal, desde o modo de lavar o rosto até a prece que se balbucia, tudo se acha miudamente regulamentado.

Criada em casa com os vicios da tradição, a criança vae para a escola e é submettida ao supplicio de um ensino formidavel. Tem que aprender, de cór, sem comprehender nem racionar, perto de vinte e cinco mil signaes que constituem o alphabeto. Depois tem que aprender a escrever seis especies de calligraphia. E' um trabalho terrivel, quasi em pura perda, porque a lingua que aprendem não é a que se fala. E' uma lingua morta, literaria, apenas encontradiça nos classicos, e que differe tanto da fala commum como o latim do português. Para que consiga manejar essa lingua tem o estudante que perder um tempo infinito, ler, reler e observar, cuidadosamente, os modelos, entregar-se a rigorosos exercicios de imitação.

IV

A LITERATURA CHINESA

"A natureza e o emprego desta literatura indicarão melhor até que ponto a educação chinêsa consiste no dominio da

fórma. Além de ser lingua morta, não falada, não traz por muitos annos vantagem alguma aos estudantes.

Martin diz que "é como se os nossos estudantes estudassem unicamente o latim e fossem obrigados a aprender de cór os classicos latinos por modo que os podessem repetir, sem um só erro, mas não soubessem nada do significado das palavras e tanto menos da literatura."

Os "Quatro livros" e os "Cinco classicos" que compõem a literatura sacra dos chinêses teem mais ou menos o volume do Velho e Novo Testamento. Como em algumas partes do Velho Testamento, o seu conteúdo se refere inteiramente ás fórmas exteriores de conducta, salvo algumas affirmações de principios geraes. Estes textos sacros são obra de Confucio (551-478 a. C.) e de seus sequazes e formam a base do Confucionismo, a religião fundamental dos chinêses. Ao passo que o Budhismo e o Taoismo apresentam um cerimonial e uma religião racionalista, o Confucionismo realiza uma notavel funcção de ethica social e politica com a moralidade privada e domina absolutamente a educação chinêsa. O breve exemplo seguinte que compreende o principio ethico mais alto do Confucionismo, o da piedade filial, illustra-lhe os traços caracteristicos". (Monroe — Codignola, *Breve corso di storia dell'educazione*).

V

TEXTOS DE CONFUCIO

1) — O soberano e rei ordena ao chefe dos ministros que diffundam a virtude entre os milhões de homens do povo.

2) — Os filhos ao servirem os seus paes, devem todos, ao primeiro canto do gallo, lavar as mãos, lavar a bocca, pentear o cabello, cobrir a cabeça com a touca de seda, fixando-a com o alfinete, ligar os cabellos na base com o laço, escovando bem os que ficarem livres, e depois vestir a tunica, deixando pender os extremos das fitas. Devem usar a jaqueta preta, os calções e a cinta, fixando a esta a taboasinha. A' direita e á esquerda da cintura devem estar presos os objectos de uso: á esquerda a escova e o lenço, a faca e a pedra para afiá-la, a pequena cavilha e o espelhinho de metal para conseguir fogo do sol; á direita, o dedal de arqueiro para o polegar e o braçal, o canudo para os instrumentos de escrever, o faqueiro para as facas, a cavilha maior e o tradozinho para tirar fogo da lenha. Devem calçar-se e amarrar os cordões.

3) — As mulheres dos filhos devem servir os sogros como serviam os proprios paes. Ao primeiro canto do gallo devem lavar as mãos, lavar a bocca, pentear-se, cobrir-se com a touca

de seda, segurando-a com alfinete, atar os cabellos, na base, com o laço. Devem, depois, vestir a jaqueta e sobre esta a cinta de seda. A' esquerda devem ficar presos a escova e o lenço, a faca e a pedra para afia-la, a pequena cavilha e o espelhinho para fazer fogo, com o sol; á direita, o agulheiro, linha e dedal, tudo collocado no saquinho, a cavilha grande e o tradozinho para fazer fogo com a lenha. Porão tambem os seus collares e amarrarão os cordões dos sapatos, etc.

VI

ESCOLA

Como se vê, a vida dos chinêses é miudamente regularizada. Nada se lhes deixa á iniciativa pessoal. Nem mesmo a

Um extrangeiro visita a escola chinêsa...

disposição natural das coisas mais communs. O sabio usava o lenço do lado esquerdo e, como lhe parecesse commodo, vá de receitá-lo como regra necessaria á vida, para um povo inteiro.

E se nessas pequenas coisas da vida commum a regulamentação é tão minuciosa, a ponto de prever as minimas coi-

sas, calcule-se a que extremos devia chegar para regulamentar os trabalhos escolares. Nestes, como em tudo, a preoccupação exclusiva é chamar a attenção das crianças para as minimas coisas, preoccupá-las demasiadamente com as minucias, para que não tenham uma visão do conjuncto, sobrecarregar-lhes a memoria com um acervo formidavel de coisas inuteis — desenvolvendo-a extraordinariamente, desenvolver o espirito de imitação, tanto quanto possivel.

Uma lição, diante do visitante...

Logo que entram para a escola, devem os chinêses decorar os signaes e os vocabulos da lingua, o que é uma trabalho insano; depois, decorar os textos sagrados; depois, estudar cuidadosamente os innumeraveis commentadores dos textos sagrados, para aprenderem a escrever naquelle estylo.

A calligraphia é aprendida com muito cuidado. Dá-se-lhe grande valor. Mas aprendê-la não é tarefa facil. E' infinito o numero de signaes e teem, além disso, uma natureza complicadissima. Não ha ligação alguma entre a leitura e a calligraphia. Não entendem o que aprendem dos signaes, porque a lingua literaria é quase uma lingua morta, e nem o o que escrevem. Só mais tarde é que as combinam.

Tendo aprendido os signaes, por modo que se habituam a lêr os livros classicos, tratam então de decorar taes livros que,

como se disse, teem o tamanho de nossa Biblia, mais ou menos. Não se preoccupam muito com a significação. Toda a attenção converge para a fórma. Feito esse trabalho, prestam exame de admissão. Daqui não se conclua que é um trabalho geralmente exequivel. Longe disso. Como diz Monroe, acontece que muitos gastam a maior parte da vida a preparar-se para um officio que nunca conseguem e conhecem-se exemplos de avós, filhos e netos a participarem do mesmo exame, martyrizados com os mesmos estudos.

VII

ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Os chinêses estudam para cargos publicos. Se conseguem armazenar a multidão de coisas que se lhes ministra, o governo os aproveita e podem mesmo aspirar ás honras do mandarinato.

Mas é tal o conjuncto de exigencias, e tal o aperto formidavel dos exames que os mais afoitos desanimam.

Ha escolas elementares em todas as aldeias, na sua maioria devidas á iniciativa particular. Os professores primarios se constituem em geral daquelles que, depois de violento estudo, tentaram exame e mallograram. Não ha edificio especial. Qualquer lugar vasio de casa, templo, esquina, lhes serve, desde que sejam cobertos. Os alumnos separam-se da familia e consagram-se inteiramente á sua tarefa. São numerosas as horas de aula. Não teem divertimento algum. Deve-se notar que taes escolas teem pouca frequencia, porque o systema de exames que geralmente elimina 19 entre vinte alumnos não é para seduzir. Demais, esse estudo exclusivo impossibilita o aprendizado de qualquer outro modo de vida e mais aggrava as condições miseraveis do povo, de si já pobre.

Além dessas escolas elementares, ha, nas cidades, escolas superiores, destinadas a preparar os alumnos para os exames com o estudo dos commentarios e exercicios de composição.

O systema de exames, como já se tem dito, é pavoroso. Quem os atravessa está bem collocado e bem aproveitado. Ha um exame preliminar e seguem-se-lhe tres exames chamados "exames de graus". O primeiro exame realiza-se de três em três annos em cada séde de districto, sob a direcção de um funccionario provincial; o segundo, com distancia de alguns mêses, na capital da provincia; o terceiro, com maior intervallo, em Pekim, ao qual podem concorrer apenas aquelles que lograram passar nos primeiros exames.

Para se calcular o rigor do exame bastam estes dados estatisticos de 1903: concorreram ao primeiro grau 760.000 alumnos e passaram 28.923; para outro grau só passaram 1.586 candidatos dos 190.300, que concorreram.

VIII

METHODOS DE ENSINO

Chegamos agora ao ponto principal deste apanhado e que é mesmo a sua razão de ser. Estudar os processos pedagogicos da China seria esquisitice, se não resultasse desse estudo

O professor chinês usa açoite...

nada de util. Devemos observar-lhes as virtudes e os defeitos, para adquirirmos uns e evitarmos outros.

Como se viu, o ensino elementar tende apenas a desenvolver a memoria. "O escopo do professor é obrigar os seus alumnos, em primeiro lugar, a recordar, em segundo lugar, a recordar, e, em terceiro lugar e sempre, recordar". A escola deve ser barulhenta. Para decorar, o alumno pronuncía o texto em voz alta. Depois de decorada a licção, recita-a, "virando as costas para o livro".

Os mestres exigem a recitação exacta, palavra por palavra. Não se preoccupam com que os alumnos compreendam o sentido do que decoram. "A attenção do alumno, diz Smith, pede-se apenas em duas coisas: repetir os signaes na mesma ordem em que se acham no livro e repeti-los com a maior velocidade possivel."

A feitura de ensaios, que são as provas finaes, não tem o valor que poderia ter, porque não se tende a fazer trabalhos originaes. Tanto mais perfeito é considerado o trabalho quanto melhor imita a construcção, o rithmo, o pensamento, dos livros sagrados. "E' como se em nossas escolas, diz Monroe, tudo se reduzisse a desenvolver a habilidade de escrever ensaios semelhantes pela fórma, estructura e sentimento aos *Proverbios* e aos *Psalmos*."

IX

CAUSAS DA ESTAGNAÇÃO DA CHINA

Os historiadores teem attribuido a varias causas a suspensão do surto cultural da China. Uns, como o nosso Oliveira Lima, imputam-n'a á posição geographica, outros á falta de visinhança de povos cultos, outros á indole do povo. Deve-se acreditar que taes causas tiveram alguma influencia, mas não influencia exclusiva e nem mesmo preponderante. Não é devido á situação geographica, porque naquelle mesmo lugar os chinêses realizaram grandes progressos. Não é devida á falta de contacto com os outros povos nem á indole do povo, porque os japonezes realizaram o admiravel milagre de que somos testemunhas.

O motivo principal da estagnação chinêsa repoisa no seu systema pedagogico. No desenvolvimento brutal da memoria. Na convocação permanente da attenção voluntaria para as menores minucias das coisas. Na observação constante da superficie das coisas. No espirito de imitação, levado ao requinte. Na regulamentação de todos os passos da vida com multiplicidade de regras.

Dahi derivam-se qualidades apreciaveis: desenvolvimento extraordinario da memoria, attenção poderosa, requinte de fórma, habilidade de imitação, paciencia infinita para pequenos trabalhos, exactidão nas minucias.

X

CONCLUSÕES QUE NOS SERVEM

Deste estudo ligeiro, colhido aqui e alli, vamos tirar as conclusões que se nos podem applicar e que são, ao que disse-

mos, os motivos razoaveis desse passeio entre os chinêses.

Antes de tudo, uma grande verdade. Temos muitas chinêsices a expurgar. O ensino das linguas mortas e vivas, — tal qual se ha feito e ainda se faz entre nós, — manuseio diuturno de vocabulario, amor apaixonado aos torneios da fórma, commentario exclusivamente grammatical dos textos — é

Quasi todos os chinêses sabem lêr...

um ensino meramente formal e esterilizador. Fórma e não conteúdo. Palavras, palavras, na phrase amarga de Shakespeare... O que se deve procurar ao lado dessa dissecação da phrase, é a significação do que se lê, explicando-a aos alumnos, fazendo com que estes a procurem por si, agitando, emfim, o seu machinismo mental.

A segunda chinêsice é o exercicio desarrazoado da memoria. A memoria é uma faculdade poderosa e util e deve-se aproveita-la com cuidado. Tão cuidadosamente deve ser aproveitada quanto a intelligencia, porque a educação moderna é integral e não desenvolve uma parte em detrimento da outra.

A terceira chinêsice a combater é a regulamentação minuciosa e policial com que se regula a vida de nossas crianças. Marca-se-lhes tudo, ensina-se-lhes tudo, ordena-se-lhes tudo, do modo de andar á fórma do sorriso, do nó da gravata ás amizades. Não teem iniciativa de ordem alguma.

São chinêses de outra especie, mas chinêses. Se o que a chinêses mais se censura é a falta de iniciativa, é a imitação, é o formalismo — somos verdadeiros chinêses. E' deixar que caiam sobre nós alguns mil annos deste modo de vida e a nossa civilização produzirá fructos soberbos. Vestir á européa, e pensar á chinêsa, — tem sido a vida do nosso povo.

E é preciso reagir sériamente. E' preciso despertar a iniciativa da criança, dar-lhe liberdade de movimentos, quebrar os grilhões convencionaes e atoleimados com que se lhe embaraça o corpo e a alma. Fazer as crianças verem as coisas, com os seus olhos, tocá-las com as suas mãos, experimentar, pessoalmente, raciocinar, tirar conclusões.

Os chinêses não alcançaram civilização, porque não alcançaram sciencia. São estupendamente observadores, mas saber não é apenas observar. Observar é o primeiro passo. Depois, sobrevem a reflexão e tira dos factos observados as conclusões necessarias. A observação, a reflexão, a critica, são os graus que subir para chegar á verdade. Os chinêses observam os factos e não lhes verificam as causas. Os passaros, por exemplo, partem pelo inverno. Nós sabemos que elles emigram para paizes quentes e explicamos perfeitamente taes migrações. Os chinêses buscam nos seus livros o que ha sobre o assumpto e affirmam que as codornizes no outomno se transformam em toupeiras e voltam a ser codornizes na primavera...

Para elles, o gelo ,preso por annos dentro da terra, transforma-se em cristal. E' um povo que observa, vê, admira, mas não tem a iniciativa de dar a explicação natural. Acceita a que se lhes dá nos livros. Não duvída. A duvida é um signal de liberdade. A duvida é já uma iniciativa. Quasi rebellião.

A massa formidavel de nossos camponeses e de nossas crianças, as camadas baixas de nosso povo — não explicam a maioria dos factos que vêm. Não dão a explicação dos livros sagrados dos chinêses, mas dão explicação bem similhante...

Tratemos, portanto, de agitar as faculdades creadoras das crianças e tratar de desenvolvê-las, tomando a sério e realizando a sério a lição que se contém neste simples conceito de Dittes: "O methodo pedagogico dos chinêses consiste, não em desenvolver, mas em communicar". Pois bem: não tratemos de communicar tão sómente um acervo de noções ás crianças, fazendo-as vehiculos de idéas alheias, mas tratemos de desenvolver-lhes a intelligencia, por modo que pensem, como as suas idéas, como vêem com as seus olhos e andam com os seus pés.

O SENTIDO DA VISÃO

A physica é a mãe das sciencias, disse Bacon. Em frente dos problemas pedagogicos da educação dos sentidos, de sua preservação, do seu valor educativo, este axioma tem a sua perfeita razão de ser.

A vista, entre os sentidos, tem a primazia, não só pela delicadeza de sua constituição physiologica, como acima de tudo, por ser o traço de união, a via de communicação entre "o exterior material e o interior espiritual".

A caracteristica dos methodos modernos, diz Compayré, é, por assim dizer, a victoria dos olhos sobre o ouvido. Antigamente os methodos se resumiam na audição: as lições eram cantadas e muita gente aprendeu cantando o *be a ba*, a taboada, e as declinações latinas. Um systema, emfim, que serviu para communicar á memoria os conhecimentos por intermedio da audição.

Actualmente, diz Comenius, a educação cifra-se, primordialmente em "ver e fallar". A visão, por isso que é mais prompta, mais precisa, mais intuitiva, mais directa, offerece maior somma de conhecimentos e melhores condições de observação. Prova irrecusavel é o facto de muitos surdos comprehenderem tudo pelo movimento dos labios.

Posto se deprehenda, para logo, a importancia da integridade da visão, vamos relatar o que diz Faria de Vasconcellos sobre o assumpto:

Berger sutura um olho a um cão, quando nasce. Mezes depois (7 a 8) mata-o e constata, examinando o cerebro que, na região da camada cortical correspondente ao olho suturado... as cellulas nervosas ficaram num estado rudimentar, ao passo que, na região correspondente ao olho aberto, os prolongamentos das cellulas nervosas augmentaram e se complicaram.

Isto significa que a visão defeituosa e sem a necessaria vitalidade deprime a parte que lhe corresponde no cerebro. Nestas condições, as cellulas não se desenvolvem e o atrazo intellectual é certo. Haverá excepções, mas assim como a surdez acarreta a mudez, tambem a má visão retarda o desen-

volvimento da intelligencia. Os orgãos dos sentidos acham-se intimamente ligados ao cerebro e isto ninguem contesta.

E' preciso, pois, que se dedique um cuidado especial a este importantissimo orgão, collocando a creança num ambiente de preservação e de saude, cujos principaes pontos vamos, rapidamente, analysar.

A anomalia mais generalizada nas escolas é a myopia.

Os hygienistas são accordes em affirmar que o esforço muscular da visão, na leitura, é tão grande que póde acarretar diversas enfermidades visuaes. Que a myopia tem nella uma das principaes causas, é fóra de duvida.

Basta considerar a circumstancia de ella se ir manifestando gradualmente, e mais intensamente, dos cursos inferiores para os superiores.

Compayré constatou, num inquerito, o seguinte resultado:

Em 600 alumnos de escolas elementares — nenhum myope.

Em 60 alumnos de escolas superiores — 11 myopes.

Muitos e variados inqueritos sobre esse assumpto são registrados pelos compendios e donde extrahimos a seguinte estatistica de Conh (Hamburgo):

Nas escolas elementares — 14 % myopes.

Nas universidades — 59 % myopes.

Vê-se que a anomalia vae augmentando com a escolaridade, chegando a porcentagem de 50 e mais por cento.

Isto prova a má influencia da escola e a consequencia dos trabalhos escolares. E' que, para debellar tão perniciosa influencia nos orgãos sensoriaes de infancia, cumpre organizar a escola segundo as melhores normas pedagogicas, com todos os requisitos indispensaveis para que ella preencha seus fins.

A luz, mal distribuida, é um dos principaes factores da myopia. Já se discutiu em favor da illuminação bilateral. Entretanto, todas as boas escolas são construidas de modo que a luz venha do lado esquerdo e que os alumnos possam ler em qualquer parte da sala, sem esforço. Para isso é necessario que a luz seja sufficientemente intensa, egual, diffusa. A illuminação natural é sempre superior. A illuminação artificial "aquece o ambiente, vicia o ar por productos de combustão abundantes, etc.

"A razão principal por que a luz artificial é inferior á natural — diz-nos em carta o dr. Stewart, director da Escola Americana de S. Paulo — é simplesmente uma questão de uniformidade e não de intensidade. Este problema é antes um problema para os engenheiros.

No emtanto, não deixa de interessar qualquer pessoa que lida com creanças."

Uma outra questão que reclama a attenção dos professores é a feitura material dos livros usados em aula. Elles offerecem, simultaneamente, diversas difficuldades. A distancia, que os alumnos devem observar na leitura, segundo Compayré, é de 25 centimetros para as elementares, e 33 centimetros para as escolas maternaes. O mobiliario é um ponto ainda de difficil resolução, principalmente no interior, onde, nas escolas longinquas, é o mais imperfeito possivel.

A solução deste problema depende quasi exclusivamente do governo e o professor pouco poderá fazer, por variados motivos.

Os livros, nas escolas publicas, são fornecidos pelo governo, e muitas vezes não são proprios para as classes a que se destinam.

A côr do papel, segundo Javal, deve ser ligeiramente amarellada e com caracteres pretos.

Não deve ser lustroso, pois o reflexo da luz poderá affectar, perniciosamente a visão do alumno.

Os typos, segundo alguns autores, devem ser de corpo 8 (entrelinhado) e não haja mais de 7 letras por centimetro. Outros preferem o corpo 9 e 6 e 1|2 letras por centimetro.

O comprimento da linha, por acarretar um grande esforço visual, deve ter um limite. Na opinião de Javal o comprimento da linha não deverá exceder de 8 centimetros "visto que, fazendo-se a leitura de uma linha, como aos saltos successivos, uma linha muito extensa produziria saltos muito longos e fatigantes. Os autores didacticos devem levar isso em boa conta e favorecer assim a preservação de vista das creanças."

Ha ainda a considerar o quadro negro e o mappa.

Não devem ser lustrosos e os caracteres devem ser perfeitamente legiveis pelos alumnos. Além disso as creanças devem ter uma boa posição para a leitura e para a escripta, por-

que a attitude correcta previne certas deformações physicas, e auxilia a respiração.

Finalmente, diz H. Mann, o melhor meio de interessar as creanças é por meio dos olhos. A medição da acuidade visual deve ser um dos primeiros cuidados do mestre. Deste depende, quasi sempre, a propagação da myopia nos escolares, e isto se póde perfeitamente prevenir. Tomemos muito cuidado em descançar a tempo a vista dos alumnos, não os sobrecarregando de longos trabalhos escriptos e intermináveis, leituras. As lições devem ser oraes para que as creanças dêm folga á visão e não contraiam, assim, uma molestia, quasi sempre incuravel. Ao mesmo tempo devemos explorar, cuidadosamente, esse orgão precioso, que, sendo, poeticamente, os olhos da alma, são de facto o caminho mais curto para a intelligencia.

GUERINO CASASANTA
Lente da Escola Normal Regional
de Curo Fino

DIARIO DE CLASSE E CADERNO DE PREPARAÇÃO DAS LIÇÕES

Houve grande confusão entre os professores do ensino primario, no tocante ao *Diario de classe* e ao *Caderno de preparação das lições*. Faziam trabalhos iguaes para ambas as instituições, quando, na verdade, são diversissimas: o *Diario de classe* é um simples registro do dia, materia e ponto a dar, ao passo que o *Caderno de preparação* é um summario das materias a expôr, com a indicação não só do que se ha de dizer, mas dos methodos e expedientes pedagogicos para mais facil transmissão.

Para evitar taes difficuldades, a Inspectoria de Instrucção resolveu dispensar o *Diario de classe*, visto que o *Caderno de preparação de lições* o substitue perfeitamente, sendo, como é, a annotação diaria e desenvolvida da vida escolar.

E' necessario que se faça esse *Caderno* com grande cuidado. Não tem o professor regras especiaes nem limites no fazê-lo. Professores ha, nos centros mais adeantados do mundo, que fazem nos seus cadernos a reproducção precisa das lições que vão ministrar. Expõem o ponto, com o commentario a fazer, com as perguntas determinadas, com os exercicios marcados, com a indicação dos melhores meios com que dar a lição. O Regulamento, consoante se verá, não exige esse trabalho, louvavel sem duvida, mas insano. O que exige é que o professorado prepare as lições e dê, na elaboração do caderno, prova provada de as haver preparado.

O QUE E'

E' sabidissimo que os melhores methodos e a melhor escola resultam numa verdadeira inutilidade, se o professor fôr inefficiente. O professor é o grande operario e delle depende quasi tudo. Se lhe falta preparo, como ensinar? Se tem preparo, mas não tem enthusiasmo e boa vontade, como ter exito? Para que se pudesse fecundamente fiscalizar o professor, alvitraram os administradores os *diarios de classes*, registros destinados ao preparo das lições e que, pelo nosso Regula-

mento, se chamam Cadernos de preparação de lições. E com razão. O professor, que prepare, cuidadosamente, as suas lições — tem as qualidades boas que se lhe exigem: preparo, boa vontade. Porque quem se prepara deve apprender alguma cousa e revela, pelo menos, interesse no cumprimento de sua tarefa...

Tal medida vigorou na França por varios annos e não tem hoje caracter obrigatorio. Mas tanto na França como em outros grandes paizes, a maioria dos professores prepara, com cuidado, as lições e as registra em cadernos especiaes. Alguns cadernos têm occasionado verdadeiros triumphos na vida de seus autores. Nada melhor para revelar a cultura, o esforço, a exactidão no cumprimento do dever. Quem prepara diligentemente as lições póde, por certo, dar boas aulas, porque o trabalho de preparar é para o indolente muito mais fastidioso do que matar o tempo numa aula.

Seja como fôr, quer seja officialmente adoptado, quer não, por outros paizes, o que é certo é que o nosso Regulamento assim o determina e, ao que pensamos, determina sabiamente, de accordo com a lição unanime dos maiores tratadistas.

O QUE E' PREPARAR UMA AULA

Preparar não é correr atabalhoadamente um livro, antes da aula, procurando, nos cinco minutos que a precedem, o trecho de pagina que dictar, os problemas a marcar, o ponto que expôr.

Marcar com a ponta de um lapis o tamanho de uma lição, indicar o numero de paginas a ler, não é preparar.

Preparar não consiste em ajuntar os livros mais interessantes da materia e *diversos* dos que os alumnos manuseiam, para os espantar de erudição.

Preparar é tomar o programma; vêr o ponto; estudar o regulamento e as instrucções especiaes á materia; determinar os limites da materia, cortando o que achar de mais; dosar, por assim dizer, o ponto; fazer exercicios referentes ao ponto, para melhor explicá-lo; dar um resumo final; escolher exemplos; estudar previamente os problemas a propôr; meditar sobre os modos de expôr a materia; ponderar os meios disciplinares de que hade lançar mão, para alcançar o seu objectivo.

A EXTENSÃO QUE SE LHE DEU

Na França começou-se a exigir tamanha extensão aos diarios que foi necessario uma severa regulamentação. Foi a

fallencia desse instituto, porque a regulamentação, exigindo a maior brevidade e determinando um registro uniforme, tirou toda a espontaneidade, belleza, naturalidade desses trabalhos.

Eis o que diz E. Jacoulet:

"Quem não se lembra daquelle quadro estreito, sempre o mesmo, com os seus 25 ou 30 compartimentos, que o professor era obrigado a encher, diariamente, verdadeiro leito de Procusto sobre o qual devia extender e mutilar seu pensamento? Quem não viu aquella redacção descolorida e feia, em que se repetiam, sem cessar, com monotonia desesperadora, as mesmas indicações? *Calligraphia;* modelo n.7; — *Leitura;* Fabulas de la Fontaine, liv. IV, fab. 6; — *Grammatica*: os três primeiros paragraphos do pronome; *Calculo*: problema n. 16 da collecção de...; *Historia*: Henrique IV, cap. XV do Manual..."

A EXTENSÃO A DAR

Vejamos o que dizem os nossos regulamentos e tiremos delles as informações necessarias.

Diz o art. 316 do Regulamento do Ensino Primario:

> "Os professores são obrigados a preparar as suas lições, de maneira a tornar o ensino sempre attrahente e ao alcance da intelligencia dos alumnos. Os cadernos destinados á preparação das lições devem sempre estar á disposição dos directores e assistentes technicos."

Art. 437, são deveres do professor:

> 4.° — preparar, com antecedencia devida, as lições, para o que terá um caderno a esse fim destinado, o qual deverá ser apresentado, quando pedido, ao exame do director do grupo e do assistente technico.

Por esses dispositivos, póde-se pensar que deve ser lançado no caderno todo o trabalho de preparação. Quem pensou assim e assim agiu fez bem e não perdeu o muito tempo que gastou em fazê-lo: só teve que ganhar e o mesmo se póde dizer de suas classes.

O pensamento do Regulamento, porém, é muito outro, não só porque adoptou um expediente já de muito uso em

paizes extrangeiros, como tambem porque expressamente se declara, no art. 43 do Regulamento do Ensino Normal:

> "Cada professor deverá ter um caderno de preparação das lições, no qual notará, dia a dia, indicações summarias relativas ás lições a dar, assim como aos trabalhos que fôrem designados aos alumnos para a lição seguinte."

O professor deve, portanto, fazer um summario da materia a dar. E que é summario? Resumo dos pontos principaes. Ha coisas faceis de resumir. Ha coisas que se não resumem. Como resumir, por exemplo, um problema de arithmetica? Copiando-o, por inteiro. E' por isso que no Programma do Ensino Normal, á pag. 34, assim se determina, quanto á arithmetica:

> "... exercicios e problemas, cuidadosamente escolhidos pelo professor, que os registrará em seu caderno de preparação de lições."

EXEMPLOS DE PREPARO DAS LIÇÕES

Vejamos, pois, como preparar as lições e como as summariar no caderno. O professor toma os livros concernentes á materia, estuda-a, com o maior cuidado, comprehende bem e traça um resumo. Resumir é o melhor meio de estudar. E' esta a lição de Taine, um dos homens mais intelligentes e dos mais estudiosos do mundo: fazer um resumo do que se estudou; fazer um resumo desse resumo; fazer um resumo do resumo desse resumo...

O professor luctará a principio com certas difficuldades e escreverá muito. Pouco importa. Não é defeituosa uma longa preparação escripta. O que se quer é que prepare as lições e que dê uma prova concreta de que as preparou.

Eis os exemplos:

Dia 1.º de outubro

I

Historia do Brasil: Descobrimento do Brasil. Desenhar, em ligeiros traços, no quadro negro, os contornos de Portugal, Africa, India e Brasil. Mostrar um retrato de Cabral, que até nos sellos postaes existe. Indicar o itinerario que elle ia seguir: contornar a Africa, para chegar á India. Explicar como se navegava e porque o vento era coisa indispensavel. Conseguir gravuras referentes ao tempo, em que haja retra-

tos de pessoas, navios de vela, instrumentos nauticos. Expôr os perigos da navegação, naquelles tempos, e contar alguns episodios do tempo, mostrando como grande parte dos aventureiros não conseguia voltar. Os mares desconhecidos, as caravellas deficientissimas, os marinheiros recrutados nos carceres, a falta de alimento, as molestias decorrentes da má alimentação.

Como Cabral veiu parar ao Brasil. Onde desembarcou. O que fez. O que era o Brasil. Qual a importancia que Portugal lhe deu.

Exercicio: obrigar todos os alumnos a desenhar, mesmo pessimamente, os contornos de Portugal, Africa, India e Brasil e explicar, com segurança, o itinerario official de Cabral, o desvio que deu e o caminho que tornou a seguir. Explicar que Portugal, por sua situação geographica, estava como que predestinado a descobrir a nossa terra. Explicar as noções de geographia necessarias ao assumpto: Tejo, porto, oceano, bahia, correntes oceanicas, calmaria, ilha, continente, monte, etc. Explicar o que é um navio e como se organiza a tripulação: porque ha um chefe, o que é escrivão, o que fazia frei Henrique de Coimbra, etc.

Para decorar: Pedro Alvares Cabral, D. Manuel, o venturoso, treze caravelas, 9 de Março, 22 de Abril de 1500, Monte Pascoal, Porto Seguro, Vera Cruz, Santa Cruz, Brasil.

II

Outro modelo:

Descobrimento do Brasil: — Mostrar o itinerario de Cabral até a India. Explicar como, desviando-se das costas da Africa, veiu parar ao Brasil. Exemplificar, por outros casos, que a viagem em navios de vela não era precisa e segura como hoje. Na maior parte das vezes, saíam e não voltavam mais. Comparar com os balões e aerostatos, até ha pouco tempo, antes de Santos Dumont. Contar as asperezas e as aventuras de uma viagem dessa natureza. Falar á imaginação das crianças. Acompanhar a viagem, mostrando-a no quadro, e localizar os acontecimentos. Dar os principaes nomes e datas para reter.

III

Outro modelo:

Hygiene: — Cuidado com as mãos. O programma diz que as mãos são um dos inimigos da saude. Mostrar por que motivo. Explicar como se leva a mão á bocca a todo momen-

to. Porque se deve lavá-las antes das refeições e depois delas. Como se deve pensar ferida. Os perigos que resultam do aperto de mão a doentes e desconhecidos. O contacto com objectos infectados. A transmissão de molestias. Pegar na terra. Contar historias allusivas á lição. Casos que conhece de ver e de ouvir. (Inventá-los, se preciso: um menino que adquiriu uma ferida brava e a transmittiu a seus irmãos; um menino que adquiriu molestia grave, pelo mau uso das mãos, vindo a morrer, etc.).

As vantagens de trazer as mãos sempre limpas e o bom habito de não levá-las á bocca.

CONCLUSÕES

I. O *Diario de classe* é um simples registro do dia, materia e titulo do ponto a dar. Não é obrigatorio, por emquanto, segundo determinação da Inspectoria Geral da Instrucção.

II. O *Caderno de preparação das lições*, que na technica didactica francêsa se chama *Diario de classe*, é um caderno destinado a registrar os planos de lições do professorado.

III. Não ha limites determinados para esse caderno. Alguns fazem delle o registro minucioso do que vão fazer. Constituem verdadeiros arsenaes pedagogicos. Nelles, o professor vae lançando, com cuidado, tudo o que faz na sua aula. Trata-se, como se vê, de um trabalho enorme, porque a elaboração escripta de todas as lições, com cuidado, com ponderação, com devotamento — é um trabalho de horas. Outros, espiritos de syntheses, fazem trabalhos menores, summarios intelligentes, em que podem até revelar maior clareza, profundeza e clarividencia do que os que muito escrevem.

Aconselha-se que se faça o caderno, com cuidado. Que não se resuma em meia duzia de palavras atabalhoadas essa tarefa fecunda de recolher para repartir. O principal dever do professor é, antes de tudo, preparar-se. Preparando-se, (e não se admitte que uma consciencia bem formada não cumpra um dever dessa natureza); facil ha de ser não só dar aula, mas esboçar em linhas rapidas e incisivas o esqueleto das lições. Resumir é difficil, mas impossivel para quem não conhecer bem a materia. Por isso é que se diz que uma simples inspecção dos cadernos revela o devotamento, a intelligencia, a habilidade, a pureza de consciencia dos professores.

DUAS LIÇÕES DO 4.º ANNO PRIMARIO

(Do caderno de preparação das lições)

I

GEOMETRIA

QUADRILATEROS: — QUADRADO, RECTANGULO, PARALLELOGRAMMO, LOSANGO E TRAPEZIO

Mostrar um quadrilatero e fazer com que os alumnos o definam, observando-o.

Apresentar á classe diversas especies de quadrilateros: quadrado, rectangulo, e os outros.

Tomando dois delles, por ex.: o quadrado e o rectangulo, comparal-os, de modo que a definição de cada um seja dada por um dos alumnos.

P. — (Mostrando o quadrado e o rectangulo) — O que são estas duas figuras, Julia?

A. — Essas duas figuras são quadrilateros, porque têm quatro lados.

P. — E são ellas eguaes?

A. — Não, senhora. Os lados desta (mostrando o quadrado) são todos eguaes.

P. — E os angulos?

A. — Os angulos são todos eguaes e rectos.

P. — Muito bem. Você diz, portanto, que esta figura é..., diga!

A. — Essa figura é um quadrilatero que tem os lados eguaes e os angulos rectos.

P. — Chama-se um *quadrado*. E esta? (Mostrando o rectangulo) Como são os seus lados?

A. — Os lados dessa são eguaes dois a dois.

P. — E os angulos?

A. — Os angulos são tambem rectos.

P. — Comparando esta figura com o quadrado, onde acha você que está a differença?

A. — A differença está nos lados.

P. — Defina, então, esta figura.

A. — Essa figura é um quadrilatero que tem os lados eguaes dois a dois e os angulos rectos.

P. — Chama-se um rectangulo.

Nota: — Seguir o mesmo processo para definir os outros, sempre comparando-os. Meio intuitivo: figuras de madeira e de arame.

II

ARITHMETICA

Depois de saberem os alumnos distinguir um numero *par* de um *impar*, mandal-os escrever no quadro-negro duas columnas, uma formada pelos primeiros (pelos pares) e outra pelos segundos (impares).

(Essas columnas serão formadas com exemplos fornecidos pelos alumnos).

. . . . . .

P. — A minha classe é de 14 alumnas. Poderei dividil-os em duas filas eguaes para fazermos uma gymnastica?

A. — Poderá. Ficarão 7 alumnos em cada fila.

P. — E se fossem 15?

A. — Cada fila seria de 7 e sobraria 1.

P. — Nós diremos então que o numero 14, porque dividido por 2 não deixa resto, *é divisivel por* 2, e o 15 que deixa resto *não é* divisivel por (dois) 2.

. . . . . .

Pedir exemplos de numeros divisiveis e não divisiveis por 2 até que os alumnos possam tirar a conclusão de que todo o numero par é divisivel por 2 e todo o numero impar não é.

. . . . . .

Applicação. — Uma pessoa que possue 254 livros, quer collocal-os em duas prateleiras. Poderá saber, sem fazer a divisão, se ficarão divididos egualmente esses livros, se não sobrará algum?

A. — Poderá, verificando se o numero 254 é divisivel por 2.

P. — Verifique você, Manoel.

A. — Esse numero é divisivel por 2 porque é par.

Nota: — Seguir o mesmo processo, com as alterações necessarias, para explicar os outros casos e fazer com que os alumnos *descubram, inventem,* as regras da divisibilidade. Finalmente, fazel-os definir a palavra — *divisibilidade.*

MARIA IGNACIA DE QUEIROZ MIRANDA
Professora da 1.ª classe annexa á Escola Normal de Ouro Fino

O ENSINO INTUITIVO DA HISTORIA

— Acha possivel o ensino intuitivo da historia?

— Perfeitamente. Não ha mesmo outro meio de ensinar, com efficiencia, a nossa historia a uma criança. A historia é abstracta demais e encerra uma porção de elementos que ella de modo algum comprehende.

— Por exemplo?

— As palavras liberdade, patriotismo, governo, monarchia, rei, policia, todo o apparelhamento social, emfim, escapa á comprehensão infantil. Difficilmente uma criança chega a distinguir um soldado de policia de um soldado do exercito. Ambos lhe parecem soldados e com as mesmas funcções. O que sempre tem acontecido em tal ensino é que a criança decora e recita servilmente os pontos de exame.

— Como ensinar intuitivamente a nossa historia? Comprehende o sr. que o descobrimento do Brasil não é coisa concreta como um rio, cuja nascente se vê, cujas margens se podem observar, cujo curso se póde acompanhar e mostrar com cuidado. Como concretizar tal estudo?

— Narrar os factos, com simplicidade, contando-os como se conta uma historia, despertando o interesse da creança, com pequenas circumstancias que a encantem, e, sobretudo, procurar gravuras, desenhos, retratos — que dêem uma idéa concreta dos homens e das coisas. Trata-se de explicar o descobrimento do Brasil? Desenhar, ligeiramente, no quadro negro, Portugal, a Africa, a India e o Brasil. Tomar um retrato de Pedro Alvares Cabral e mostrar-lhe. Os retratos de Pero Vaz Caminha e de frei Henrique de Coimbra. Depois, mostrar o que era um navio de vela. Explicar como caminhava. Se não tiver gravuras, fazer um barco de papel, pôr-lhe vela e deixá-lo andar na agua, ao léo do vento. Tudo isso é perfeitamente realizavel e uma criança ha de comprehender bem.

— E se não comprehender?

— Insista, com cuidado, simplificando mais a linguagem, deixando noções desinteressantes, dando episodios mais pittorescos. Exagerar os episodios. O importante é que a criança

comprehenda bem. Decorar, recitar são coisas inuteis. O importante, repito, é comprehender, inteiramente. Como ensina Montaigne, numa lição admiravel, de nada vale saber o nome do lugar onde morreu Marcellus: o que vale é saber por que motivo não lhe era digno morrer alli.

— Então, nada se decora? A historia, que occupava exclusivamente a memoria, vê-se della de todo banida. Não é razoavel. O sr. está levado por uma corrente reaccionaria que nada concede aos predecessores. Uma reacção contraría inteiramente o que se haja estabelecido...

— A memoria tem a sua funcção determinada: fixará a serie de factos, a sua successão; as principaes datas, os nomes e as figuras dos protagonistas. A comprehensão exacta dos acontecimentos, a sua localização geographica, os episodios pittorescos, os modelos, as gravuras, os desenhos — encherão o schema de datas, factos e personagens, que deverá ser cuidadosamente retido.

Deve-se alliar sempre ao estudo da historia o estudo da geographia. Muito auxilia a comprehensão de um acontecimento o conhecimento do lugar em que se desenrolou. O descobrimento do Brasil, por exemplo, presuppõe que o alumno saiba perfeitamente a situação de Portugal, da Africa, da India e do Brasil. Explicar-se-lhe-á o que é o Tejo e qual a posição de Lisboa. Mostrar-se-lhe-á o Atlantico. Aponta-se-lhe a Africa e explica-se-lhe o que é calmaria. A geographia e a chronologia são os olhos da historia, diz um velho aphorismo.

Emfim: narrar, com simplicidade, os factos; enxertá-los de anecdotas e de episodios interessantes; concretizá-los o mais possivel, mediante gravuras; localizá-los bem, por meio de mappas; agitar a imaginação infantil e resuscitar, com certa dramaticidade, os acontecimentos, fazendo com que a criança os veja, observe, comprehenda, discuta e julgue.

— Discutir? Julgar?

— Pois não: discutir, isto é, examinar detidamente as personagens e conhecer bem as suas acções, procurando explicá-las naturalmente — e julgar, isto é, dar a sua opinião sobre o bem ou mal do procedimento delles, applaudindo-os ou censurando-os. Por exemplo: Cabral teve algum merito? Cabral tem o mesmo valor que Colombo? Ha outros pontos na vida de Cabral que lhe demonstrem a heroicidade? Cabral agiu bem, no Brasil? O nome que deu á terra foi acertado? Era um sabio e reparou logo que se tratava de um continente? Não esquecer que a historia é um tribunal, do qual somos juizes tambem...

A NOVA ORGANIZAÇÃO PEDAGOGICA

Sob esse titulo, publicou o sr. A. Lomont, inspector do ensino primario e membro do Conselho Superior de Instrucção Publica, na França, os documentos officiaes concernentes ao ensino primario, acompanhados de uteis "direcções praticas", que visam facilitar a adopção de novos processos pedagogicos, recentemente introduzidos naquelle paiz.

As instrucções de 1887, que precederam ás vigorantes desde 1923, já comportam uma orientação accorde com a moderna concepção da finalidade do ensino primario .Pois apesar della, apesar de uma brilhante tradição que vem de Montaigne, de Rousseau, sem interrupção até os nossos dias, reconhece Lomont o grande numero de difficuldades que o *sentido* das instrucções de 1923 têm de encontrar, para ser comprehendido e executado.

Que dizer, pois, dos embaraços que a actual regulamentação do ensino primario em Minas, tão coincidente na intelligencia e nas tendencias com a reforma franceza, haverá de enfrentar até ser executada em toda a sua extensão?

Cumpre-nos não esmorecer. A comprehensão de sua grande necessidade está na consciencia de todos; por outro lado, a dedicação de nosso professorado encontrará nas forças de seu elevado idealismo o enthusiasmo capaz de fazer viva a execução de nossos programmas.

Da monographia do sr. Lomont extrahimos dois capitulos — *Methodo geral do ensino primario* e *Methodos peculiares a cada ensino*, cuja leitura recommendamos aos nossos professores.

Methodo geral do ensino primario

SUMMARIO: *Seu caracter* — intuitivo e pratico — methodo activo.

Novos aspectos: habito e rotina — observações — experimentação — ensino pelo aspecto — ensino pela acção.

Fim do ensino primario.

CARACTERES, SEGUNDO AS INSTRUCÇÕES DE 1887

O methodo a seguir-se no ensino primario foi definido pelas instrucções de 1887, em termos que nada perderam de seu valor.

Tal methodo, dizem as instrucções, "não póde consistir em uma sequencia de processos mecanicos, nem unicamente na apprendizagem dos primeiros instrumentos de communicação: leitura, escripta e calculo, nem em uma fria successão de licções que exponham aos alumnos os differentes capitulos de um curso".

O unico methodo que convem ao ensino primario é o que faz intervir ora o professor, ora os alumnos, o que estabelece, por assim dizer, entre elles, uma continua troca de idéas, sob fórmas

variadas, ligeiras, e engenhosamente graduadas.

O professor parte sempre daquillo que as creanças sabem e, partindo do conhecido para o desconhecido, do facil para o difficil, condul-os, pelo encadeiamento das explicações oraes ou dos exercicios escriptos, á descoberta das consequencias de um principio, das applicações de uma regra, ou, inversamente, dos principios e das regras que já applicaram inconscientemente.

Em todo começo de ensino, o professor se serve de objectos sensiveis, faz ver e tocar as cousas, põe as creanças em presença de *realidades concretas;* depois, pouco a pouco, exercita-as em tirar dessas "realidades concretas" a *idéa abstracta,* em comparar, generalizar e raciocinar, sem o auxilio de exemplos materiaes.

E', pois, com appello constante á attenção, ao juizo, á expontaneidade intellectual do alumno, que o ensino primario se póde sustentar. E' elle essencialmente intuitivo e pratico: *intuitivo,* porque se apoia, sobretudo, no bom senso natural, na força da evidencia, no poder innato que o espirito humano tem de apprehender, á primeira vista e sem demonstração, não todas as verdades, mas as verdades mais simples e fundamentaes; *pratico,* isto é, não perde de vista jamais que os alumnos da escola primaria não têm tempo a perder em discussões ociosas, em theorias sabias, em curiosidades escolasticas, e que os cinco ou seis annos de passagem pela escola não são excessivos para provêl-os com o pequeno thesouro de idéas, cuja necessidade lhes é imprescindivel, e, sobretudo, para pol-os em estado de conserval-o e augmental-o, com o correr dos tempos.

E' sob essa dupla condição que o ensino primario póde emprehender a educação e a cultura do espirito; só a natureza, por assim dizer, o guia; desenvolve elle, parallelamente, as diversas faculdades da intelligencia, pelo unico meio de que dispõe, isto é, exercitando-as de maneira simples, expontanea, quasi instinctiva; fórma o julgamento, levando a creança a julgar, o espirito de observação, fazendo-a observar muito, o raciocinio, ajudando a creança a raciocinar por si propria e sem regras de logica.

Pelo *methodo intuitivo e inductivo,* partindo dos factos sensiveis para ir ás idéas; pelo *methodo activo,* fazendo constante appello ao esforço do alumno e associando-o ao professor na procura da verdade.

Methodo inspirado na grande tradição dos pensadores francezes, que se occuparam com a educação, desde Montaigne até Rousseau, tornou-se para nós tão classico, de tal modo embebeu-se em nossos costumes, que não mais sentimos, constantemente, o seu valor, do mesmo modo que as pessoas, em plenitude de saude, não apreciam todo o valor que ella comporta.

Elle nos é tão natural, que o applicamos por vezes sem o saber; de tal modo, que não o reconhecemos mais, quando auctores extrangeiros — ou até auctores francezes — vêem expôr-nos os seus principios, como si se tratassem de sensacionaes novidades.

Novos aspectos

A tarefa que se nos impõe não é a de procurar novo methodo. Nosso esforço deve consistir principalmente em evitar que o nosso methodo não se altere pelo uso. Quem diz uso, diz gasto.

Tal individuo acredita sinceramente que segue sempre um methodo concreto e, pouco a pouco, deixa-se deslizar sobre processos e palavras cada vez mais abstractos; tal outro julga que sempre disputa a attenção de seus alumnos e, insensivelmente, chega a

lhes impôr com auctoridade suas opiniões.

O grande inimigo do educador é o habito. Tende elle a transformar em mecanica rotina as proprias providencias que se destinavam a luctar contra a rotina e o mecanismo.

Para obter o resultado visado pelos auctores do plano de 1887, somos obrigados, neste ponto como em outros, a dar mais um passo que elles.

Eis o motivo por que eliminámos dos programmas algumas "theorias" abstractas que elles haviam tolerado (theorias arithmeticas, por exemplo, ou theorias musicaes).

Eis o mativo por que, á *"observação"* que deixa o escolar passivo, preferimos, na medida das possibilidades da escola primaria, a *"experimentação"*, que lhe confere um papel *activo*.

Em certas escolas, as proprias creanças do curso preparatorio pesam os liquidos e verificam a differença de densidades. E é de ver-se com que alegria ellas registam os resultados. Desejamos que taes praticas se generalizem, que em toda parte os alumnos collaborem na preparação das licções, na escolha de materiaes e de documentos (tratando-se de cartões postaes illustrados, de plantas ou de insectos); que sempre fabriquem com as proprias mãos os objectos de demonstração; que, em todas as opportunidades, trabalhem effectivamente emquanto o professor fala; que, por todos os modos, se procure tornar a aula mais animada e mais viva.

Ao ensino *"pelo aspecto"*, fórma interessante do methodo concreto, que ainda não disse sua ultima palavra e que vae ser renovado pelo cinematographo, é mister superpôr outra fórma do mesmo methodo, a qual se acha ainda em seus ensaios, mas que multiplicará a efficacia da arte pedagogica — *o ensino pela acção.*

Segundo o plano de estudos de 1887, o ensino primario visa fim duplo. Deve proporcionar aos alumnos "primeiramente uma somma de conhecimentos apropriados ás suas futuras necessidades, depois, sobretudo, bons habitos de espirito, uma intelligencia aberta e vigilante, idéas claras, juizo, reflexão, ordem e justeza no pensamento e na linguagem". A escola primaria, diz ainda o mesmo documento, "não dá sinão um numero limitado de conhecimentos. Mas esses conhecimentos são de tal maneira escolhidos, que, não somente asseguram á creança todo o saber pratico de que terá necessidade na vida, mas tambem agem sobre suas faculdades, formam seu espirito, cultivam-no, ampliam-no e constituem verdadeira educação".

O ensino primario ambiciona, pois, ser ao mesmo tempo utilitario e educativo, preparar a creança para a vida e cultivar seu espirito.

Quantos criticos têm visado apenas a um desses dois fins?

Quantos o censuram, como sendo exclusivamente utilitario, como exclusivamente preoccupado com a sorte que espera a maioria de seus alumnos, á sua sahida da escola?

A dizer verdade, a censura inversa, que lhe não foi poupada, seria talvez mais justificada: é possivel que se encontrem ainda em nossas aulas numerosos exercicios formaes, que não têm outro fim sinão submetter o espirito ou os dedos a uma gymnastica cujos beneficios se farão sentir muito mais tarde e que poderiam ser vantajosamente substituidos por outros de utilidade mais immediata.

Não temos intenção de abandonar nenhum dos dois fins que foram assignalados ao ensino primario. Não esquecemos que a maior parte de nossos alumnos deverá, assim que nos deixar, ganhar a vida com o seu trabalho, e queremos que estejam providos

de conhecimentos praticos que lhes sejam proveitosos em sua profissão. Mas, por outro lado, não nos esquecemos de que devemos nelles formar o homem e o cidadão que virão a ser. O cuidado com as realidades urgentes não nos fará descurar o culto do idéal.

Antes, parece-nos que esses dois fins do ensino primario devem ser considerados como dois aspectos de um fim unico.

O trabalhador, o cidadão, o homem não são tres seres differentes, mas tres aspectos de um mesmo ser.

Pensamos que não ha verdadeira educação, si não se esforça, ao mesmo tempo, por cultivar o sêr humano e por preparal-o para a vida. Uma educação puramente utilitaria, que excluisse de seu programma tudo que faz a dignidade da consciencia e do pensamento, não seria uma apprendizagem, mas uma domesticação a que nenhum pae quereria destinar seu filho. Uma educação puramente formal, que banisse de seu horizonte o meio em que a creança vive, produziria infelizes desequilibrados, verdadeiros dementes (si verdade é que a loucura pode provir de um defeito de adaptação).

Procuremos, pois, dar ás creanças do povo uma educação que — si se póde dizer — seja ao mesmo tempo utilitaria e desinteressada, realista e idealista, e que proveja, com egual carinho, ás suas necessidades mais effectivas e ás suas mais nobres aspirações. No immenso oceano das noções que podem ser proporcionadas ás creanças, tomemos as que são susceptiveis de formar seu juizo e, ao mesmo tempo, de ser prestadias á sua vida pratica.

Não escolhamos sinão as que apresentam esse duplice caracter: são ellas sufficientemente numerosas para constituir um programma escolar.

Renunciemos aos chamados exercicios educativos, cuja utilidade não apparece: como os movimentos vãos, que outróra se impunham aos prisioneiros de certos paizes, condemnados a rodar manivellas que não ordenavam nenhum bolinete, nem nenhuma engrenagem, taes exercicios constituem para as creanças o peior dos supplicios. Renunciemos, por outro lado, ás licções que só contêm um amontoado indigesto de noções uteis, sem duvida, mas despidas de valor educativo, de noções que podem ser armazenadas na memoria, mas não despertam nenhuma reflexão no espirito.

Assim procedendo, satisfazemos ás duas categorias de alumnos que se encontram em nossas classes: aos que devem abandonar seus estudos á sahida da escola e aos que os poderão continuar, seja na escola primaria, superior ou profissional, seja num estabelecimento secundario.

Si se teve como necessaria a separação dessas duas categorias de alumnos e si se reservaram, á segunda, classes especiaes dotadas de programmas particulares, é que se julgou o ensino dado na escola primaria propriamente dita muito exclusivamente utilitario. Temos intenção de supprimir essa dualidade e de adoptar, nas classes elementares e primarias dos lyceus e collegios, os mesmos programmas das escolas ordinarias.

E' que consideramos como indissoluvelmente unidos, no novo plano de estudo, os dois fins da educação popular. Em qualquer disciplina, o mestre deve ater-se ás noções e aos processos que, provocando a reflexão, sirvam á pratica, ou que, servindo á pratica, provoquem a reflexão.

Em cada um de seus actos, em cada uma de suas palavras, deve visar, contemporaneamente, o fim utilitario e o fim desinteressado da educação.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Os methodos peculiares a cada materia

SUMMARIO

Instr. moral e civica: Objecto do ensino moral — Fim e caracteres essenciaes; papel do professor; objecto proprio e limites — Methodo.
Lingua patria.
Historia e geographia: Methodo — Geographia.
Calculo, arithmetica e geometria.
Sciencias physicas e naturaes: Fim — Methodo e caracter — Meios: aulas — Passeios, museus escolares — Applicações: 1.° Hygiene, 2.° Diversidade do ensino scientifico, 3.° Ensino domestico, 4.° Puericultura, 5.° Escolas ruraes (ensino agricola — jardim escolar), 6.° Escolas urbanas e maritimas .
Trabalho manual: Escolas femininas — Ensino collectivo e ensino individual.
Educação physica.
Conclusões: O que deve ser o ensino; em que se deve transformar a escola.

INSTRUCÇÃO MORAL E CIVICA

As instrucções de 1887 contêm paginas, que se tornaram classicas, sobre o objecto e o methodo de ensino moral na escola primaria. Longe de querer esquecel-as, offerecemo-las novamente á meditação dos mestres:

1.° — *Objecto do ensino moral*

Fins e caracteres essenciaes desse ensino — O ensino moral destina-se a completar e conjugar, a realçar e ennobrecer todos os ensinamentos da escola. Emquanto outros estudos desenvolvem, cada qual, uma ordem especial de aptidões e conhecimentos uteis, este tende a desenvolver no homem o proprio homem, a saber, um coração, uma intelligencia, e uma consciencia.

Por esse motivo, move-se o ensino moral em uma esphera completamente á parte, em relação aos demais ensinamentos. A força da educação moral depende menos da precisão e da ligação logicas das verdades ensinadas que da intensidade do sentimento, da vivacidade das impressões, do calor communicativo da convicção. Esta educação não tem por fim fazer saber, mas fazer querer; commóve mais que demonstra; devendo agir sobre o ser sensivel, procede mais do coração que do raciocinio; não pretende analysar todas as razões do acto moral, procura antes de tudo produzil-o, repetil-o, fazer delle um habito que governe a vida. Principalmente na escola primaria, não é uma sciencia, é uma arte, a arte de inclinar a vontade livre para o bem.

Papel do mestre nesse ensino

O mestre é encarregado desta parte da educação ao mesmo tempo que das outras, como representante da sociedade: com effeito, a sociedade leiga e democratica tem o mais directo interesse em que todos os seus membros sejam, em tempo e por licções inapagaveis, iniciados no sentimento de sua dignidade e no sentimento, não menos profundo, de seu dever e de sua responsabilidade pessoal.

Para attingir a esse fim, não deve o mestre ensinar minuciosamente uma moral theorica, seguida de uma moral pratica, como si se dirigisse a creanças desprovidas de qualquer noção preliminar do bem e do mal: acontece, ao contrario, que a grande maioria chega ao mestre já tendo recebido ou recebendo um ensino religioso, que as familiariza com a idéa de Deus, creador do Univer-

so e pae dos homens, com as tradições, as crenças e as praticas de um culto christão ou israelista; por meio desse culto e sob fórmas que lhe são particulares, já receberam noções fundamentaes da moral eterna e universal; mas, taes noções ainda se encontram nellas em estado de germen nascente e fragil; não os penetraram profundamente; são fugitivas e confusas, antes entrevistas que possuidas, mais confiadas á memoria do que á consciencia. Esperam ellas estar madurecidas e desenvolvidas por uma cultura conveniente.

E' esta cultura que o professor publico vae lhes proporcionar.

Sua missão está, pois, bem delimitada: consiste em fortificar, enraizar na alma de seus alumnos, para toda a sua vida, fazendo que ellas sejam adoptadas na pratica quotidiana, as noções essenciaes de moralidade humana, communs a todas as doutrinas e imprescindiveis a todos os homens civilizados. Póde elle cumprir essa missão sem ter que fazer, pessoalmente, nem adhesão, nem opposição a qualquer das diversas crenças a que seus alumnos associem e misturem os principios geraes da moral.

Acólhe essas creanças tal qual vêem, com suas idéas e sua lingua, com as crenças adquiridas em familia, e sem outra preoccupação além de ensinar-lhes e dellas aproveitar o que de mais precioso contiverem, sob o ponto de vista social, a saber, os preceitos de uma alta moralidade.

Objecto proprio e limites desse ensino

O ensino moral leigo se distingue, pois, do ensino religioso, sem contradizel-o. O professor não se substitue ao padre ou ao pae de familia; junta apenas seus esforços aos delles, para fazer de cada joven um homem de bem. Deve insistir sobre os deveres que unem os homens e não sobre os dogmas que os separam. Qualquer discussão theologica ou philosophica lhe é manifestamente interdicta, pelo proprio caracter de suas funcções, pela edade dos alumnos e pela confiança das familias e do Estado: concentra elle todos os seus esforços sobre um problema de natureza diversa, não menos arduo, porém, visto como é exclusivamente pratico — tal é o de fazer todas as creanças experimentar a aprendizagem effectiva da vida moral.

Feitos mais tarde cidadãos, serão talvez separados por opiniões dogmaticas; em todo o caso, porém, estarão de accordo, na pratica, em collocar a finalidade da vida no ponto mais elevado possivel, em ter o mesmo horror ao que é baixo e desprezivel, a mesma admiração pelo que é nobre e generoso, a mesma delicadeza na apreciação do dever, em aspirar ao aperfeiçoamento moral, por maiores esforços que elle custe, em se sentirem unidos no culto geral ao bem, ao bello e á verdade — o que é tambem uma fórma, e não a menos pura — do sentimento religioso.

2.º — *Methodo*

Que, por seu caracter, pela sua conducta, sua linguagem, seja o mestre o mais persuasivo dos exemplos. Nessa especie de ensino o que não vem do coração não vae ao coração.

Um professor que recite preceitos, que fále do dever sem convicção, sem calor, faz mais que dar-se inutilmente a trabalho, commette grave falta: um curso de moral regular, mas frio, banal e secco não ensina a moral, porque não a faz amada. A mais singela narração, em que o alumno pudesse surprehender um accento de gravidade, uma só palavra sincera — vale mais que longa serie de licções machinaes.

Por outro lado, deve o mestre

evitar como má acção o que, em sua linguagem ou em sua attitude, possa ferir as crenças religiosas das creanças, confiadas a seus cuidados, e tudo que leve a perturbação em seu espirito, e, ainda o que tráia falta de respeito ou de reserva de sua parte para com a opinião de qualquer pessoa.

A unica obrigação a que está preso — e esta é compativel com o respeito a todas as crenças — é a de velar, de maneira pratica e paternal, pelo desenvolvimento moral de seus alumnos, com a mesma solicitude que emprega em seguir-lhes os progressos escolares; não se póde considerar desobrigado em relação a cada um delles, si não fizer tanto pela educação do caracter, como pela da intelligencia.

Eis a condição para que o professor mereça, o titulo de *educador*, e a instrucção primaria, o nome de *educação liberal*."

Si, depois de reler esse admiravel trecho, experimentarmos a tentação de formular uma critica, será esta: o auctor não foi ao fim de seu pensamento; para elle, a educação do caracter deve primar sobre a da intelligencia, e a educação moral deve occupar no ensino primario um papel preponderante. Tal é, tambem, nossa opinião.

E' essa primazia da moral, que o novo plano de estudos quiz salientar, quando supprimiu a distincção bastante artificial, pelo antigo estabelecida, entre a educação physica (onde se faziam entrar, por bem ou por mal, os trabalhos manuaes), a educação intellectual e a educação moral. Na escola primaria, esta supéra aquellas.

A instrucção não teria valor, si não servisse para formar o juizo. A cultura do juizo, como pensava Descartes, é o melhor meio de cultivar a vontade.

Quanto á educação physica, ella attende tanto á alma quanto ao corpo: a hygiene é uma virtude e a gymnastica bem comprehendida proporciona qualidades de vontade, decisão, energia e tolerancia.

Sem negar o papel proprio do espirito e do corpo, sem querer subordinar tudo, na educação intellectual e na educação physica, á cultura moral, insistamos sobre os laços que unem aquellas a esta e sobre o logar eminente que a formação das consciencias e dos caracteres deve ter nas preoccupações do professor.

Ao mesmo tempo que a escola primaria favorece as praticas moraes, tem opportunidade de concentrar, quasi cada dia durante certos instantes, a attenção de seus alumnos, sobre as idéas e os sentimentos que devem dirigir sua conducta. Sobre essas duas fórmas de ensinamento moral, encontrar-se-ão, em seguida ao programma de cada curso, instrucções capazes de esclarecer aos mestres e de guial-os.

LINGUA PATRIA

Ninguem ignora as difficuldades que o professor enfrenta no ensino da lingua franceza. Quando as creanças lhe são confiadas, o seu vocabulario é pobre e antes pertence á gyria das ruas, á algaravia da aldeia, ao dialecto da provincia que á lingua de Racine ou de Voltaire. Deve o professor ter como fim levar taes creanças a exprimir seus pensamentos e seus sentimentos, de viva voz e por escripto, em linguagem correcta. Enriquecer seu vocabulario, habilitar os alumnos a escolher exactamente e a distinctamente pronunciar a palavra adequada, depois, leval-os, pouco a pouco, a grupar logicamente seus pensamentos e suas expressões — eis um programma que, a despeito de sua modestia, não é de facil realização. Nossos professores affrontarão todos os obstaculos para cumpril-o, porque bem sentem que, apurar-se no ensino do francez, não é sómente trabalhar pela

existencia e expansão de uma bella lingua e de uma literatura rica, mas tambem fortificar a unidade nacional.

São numerosos os meios á disposição do professor para ensinar o francez. Entretanto, não revelaram ainda toda a sua efficacia, e não ha dominio onde, de preferencia, se deva esforçar por encontrar methodos mais fecundos. Foi com essa intenção que reformamos o ensino da leitura e apressamos o momento em que nosso alumno estará em plena posse desse necessario instrumento.

Liberto mais cêdo das difficuldades materiaes da leitura, poderá a creança ler mais, e mais tempo consagrar ao estudo da lingua. Mas mesmo esse estudo deverá ser feito por processos mais activos.

No que concerne aos exercicios de recitação, de vocabulario, de elocução, de grammatica, de orthographia e de composição, encontrar-se-ão as instrucções officiaes com o programma de cada curso.

Note-se que, para todos os cursos, os exercicios de vocabulario devem ser graduados com cuidado e que, nesses exercicios, "será preciso poupar-se a erudição e a subtileza. Muitas vezes, á força de diccionario, mestres ou alumnos introduzem nas familias de palavras que estudam, expressões raras ou mesmo absolutamente desusadas.

Nunca deverão ser ultrapassados os limites da linguagem corrente: é ella sufficientemente rica para fornecer materia a variados exercicios. Abster-se-á de procurar a etymologia das palavras (é com esse fim que esse termo foi evitado no programma): expõe-se a gente nessas pesquizas a erros muito frequentes. Mas, sobretudo, esforçar-se-á por tornar todos esses exercicios interessantes aos alumnos; si ha um dominio em que seja não só util, mas necessario recorrer ao methodo attrahente, é neste. Por si proprio, o esforço indispensavel para encontrar expressões, definir-lhes o sentido, comparal-as entre si, grupal-as em familia, não apresenta vivo interesse a uma creança de edade escolar.

E', pois, mister architectar meios, ainda que artificiaes, para transformar esses exercicios em verdadeiros brinquedos. Eis a condição para serem efficazes!"

Quanto á recitação nos cursos, é recommendavel escolherem-se, apenas, trechos de indiscutivel valor para que sejam confiados á memoria das creanças.

Todavia, seria difficil tomar aos classicos todos os textos destinados a creanças de nove annos: o proprio La Fontaine nem sempre tem para seus espiritos o attractivo e o alcance que lhe attribuimos. No curso superior, porém, do mesmo modo que o ensino da leitura deve fazer sentir aos alumnos a belleza das expressões, tambem o exercicio de recitação deve tomar um caracter literario, e é aos nossos grandes classicos que o novo programma ordena se recorra. Em uma palavra, do principio ao fim dos estudos primarios, deve o exercicio de recitação preexistir: aprender o maior numero de trechos e de trechos do maior valor literario, tal deve ser, nesse ponto, a palavra de ordem.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

Fim desse ensino — Tem-se perguntado, por vezes, qual deva ser na escola primaria o caracter do ensino de historia e de geographia. Tem-se querido oppôr o ponto de vista scientifico ao ponto de vista civico, sustentando alguns que o historiador, mesmo na escola primaria, só deve ter a preoccupação de dizer toda a verdade, julgando outros que o professor deve, acima de tudo, curar do sentimento patriotico, por meio da narração das

glorias e pela descripção das bellezas de nosso paiz.

Recusamo-nos a pôr o problema nesses termos; não contraporemos os direitos da sciencia aos da França. O patriotismo nada tem a temer da verdade. Não são apenas as glorias communs, mas tambem os soffrimentos communs que sellam a unidade nacional.

O professor não deve dissimulal-os. Certamente, a creança da escola primaria é excessivamente joven para que se desdobrem e se entreguem á sua livre discussão todos os documentos de que se servem os historiadores.

O professor póde, porém, sem hesitar, contar-lhes a historia de nosso paiz, tal qual resulta das investigações imparciaes e sabias. E' bastante grande o logar da França no mundo, sufficientemente nobre o seu papel, para que um ensino sincero, zeloso pela verdade até á intransigencia favoreça o desabrochar e a dilatação do sentimento patriotico. E tal deve ser o fim do ensino historico e geographico, na escola primaria.

O methodo historico

O Conselho Superior não delibe- ou sobre o methodo a seguir-se no ensino historico, e, nesse ponto, como alhures, deixa aos professores grande liberdade. Teve, entretanto, que reagir contra a tendencia de certos pedagogos que, para evitar um appello excessivo á memoria, chegaram a eliminar do ensino historico datas, sem as quaes, emtanto, não ha ensino historico, pois que, sem ellas, não ha ordem no tempo. O Conselho Superior determinou que seria preciso fazer as creanças conhecer, além dos principaes factos da nossa historia nacional, suas datas.

Essas datas não devem ser numerosas; será sufficiente que o escolar do curso elementar retenha umas trinta para os dezeseis seculos que tem a estudar. O escolar do curso medio não terá quasi necessidade de reter mais do que esse numero para os tres seculos seguintes. Cumpre, entretanto, que essas datas se prendam aos factos, por uma associação indissoluvel; que o facto evoque, immediatamente, no espirito a data em que se produziu. Só com essa condição é que o escolar saberá assignalar os factos em sua producção e terá uma idéa da evolução historica.

A liberdade do professor na escolha dos methodos é ainda condicionada pelas leis da psychologia infantil. Alguns methodos em moda são contrarios a taes leis. Tal o que, persuadido de apoiar-se em regra pedagogica certa (ir do conhecido ao desconhecido), aconselha partir do presente, para o passado. Em primeiro logar esse methodo é absolutamente impraticavel; é impossivel contar os acontecimentos, revolvendo rigorosamente sua ordem, isto é, expondo seu fim, como si fosse o seu começo: não é possivel revirar o tempo, como uma luva.

Com effeito, começam os partidarios desse methodo pelo ultimo periodo da historia, tomado a partir de determinado momento, e o expõem em obediencia á ordem do tempo; depois, vão ao penultimo periodo e o expõem até o começo do ultimo, segundo a ordem do tempo, e assim por deante. Não ascendem pelo curso do tempo; descem por elle, mas, de vez em quando, dão um salto atrás.

Esse methodo não tem apenas o inconveniente de ser extravagante; falseia, outrosim, no espirito das creanças, o sentido do tempo e o da historia.

Para nossos escolares, o que se aprende em primeiro logar passou-se em primeiro logar; passou-se por ultimo, o que por ultimo se aprende .Si se lhes fála em Vercingetorix, depois de haver fa-

lado em Clovis, suppõem que Vercingetorix veiu depoisde Clovis. Ainda mesmo o conhecimento das datas seria impotente para reagir contra esta crença, tanto mais solida é ella, quanto mais espontanea. Ou então luctaria essa creança contra o conhecimento das datas e lançaria a confusão na associação, que queremos indissoluvel, entre o facto e a sua data.

Existe, aliás, outro meio mais seguro de applicar á historia a regra que aconselha partir do conhecido para o desconhecido. E' em cada periodo, a comparação entre o passado e o presente, fazendo resaltar os contrastes, as differenças ou analogias, assignalar os pontos em que a humanidade evoluiu e aquelles em que permanece fiel a si propria.

E' até util, quando se adopta esse meio comparativo, subir pelo curso do tempo; depois, porém, de haver descido. Depois de contada a historia de um seculo póde o professor estimular as creanças a se representarem o estado da civilização durante elle, os meios de que os homens dispunham para prover ás suas necessidades materiaes e moraes, sua casa, suas vestes, sua alimentação, seus caminhos, seu governo, seus conhecimentos e suas crenças.

Póde incital-os, sobretudo, a se figurarem as lacunas da civilização antiga, relativamente á nossa e a investigarem quaes dos nossos recursos economicos e intellectuaes faziam falta aos antepassados. A creança difficilmente concebe que os homens tenham podido viver sem as commodidades devidas á sciencia dos seculos XIX e XX. E póde ainda, sem essas voltas sobre o passado, fazer-lhes sentir, fazel-os "realizar" o progresso obtido. Mas, sempre se torna necessario que hajam começado por fixar em seu espirito a ordem exacta dos acontecimentos historicos.

A comparação entre o passado e o presente será um dos meios de tornar vivo o ensino da historia. Todos os meios que se puderem empregar, para obter tal resultado, serão bons, com a condição de que não se chegue a exaggerações pueris. Livremo-nos de falsear a realidade historica, sob o pretexto de novidade pedagogica. Ao mesmo passo que é recommendavel pôr sob os olhos das creanças documentos authenticos (moedas, papeis antigos, etc.), mostrar-lhes, explicando com commentarios, monumentos ou ruinas de monumentos de cada época e illustrar a historia geral com lembranças tomadas á historia local, tambem, por outro lado, é perigoso fazel-as assistir a "reconstituições", ou nellas tomar parte, nas quaes é fatalmente violada a verdade historica.

O proprio cinema, tão util quando se trata de reproduzir scenas reaes, o movimento e a vida dos objectos ou dos seres actuaes, corre o risco de transformar a historia em um romance a Dumas, pae, e de criar, por conseguinte, deploraveis erros no espirito de nossos escolares. Vá que seja a historia uma resurreição; o passado, porém, nada mais é que passado. E será dar delle uma idéa falsa, fazer crêr que é presente.

GEOGRAPHIA

Em todos os cursos deve a licção de geographia ser acompanhada de esboços, executados pelas creanças. Ser-lhes-á exigido um esboço para o exame final dos estudos. E' um exercicio indispensavel para gravar no espirito os factos geographicos e suas relações essenciaes. Mas, ainda nisso, deve o professor prevenir-se, para não chegar á exaggeração e exigir das creanças cartas excessivamente minuciosas: taes exercicios, além de tomar tempo excessivo, têm o inconveniente de reter a attenção sobre o trabalho material do desenho, mais que sobre a significação geogra-

phica do paiz desenhado. Têm, sobretudo, o inconveniente de sobrecarregar a memoria com palavras inuteis. Tornemos vivo e concreto o ensino da geographia, mas sem hesitarmos em simplifical-o. Em nenhuma disciplina esse mandamento é mais opportuno do que na geographia, onde os resultados corresponderiam melhor aos esforços, si fosse obedecido.

CALCULO, ARITHMETICA E GEOMETRIA

Calcular, calcular rapida e exactamente — eis o principal objectivo do ensino mathematico na escola primaria. A theoria só deve intervir na medida necessaria para justificar a pratica do calculo, para tornal-a mais agradavel á creança, que procura explicar-se o que faz para tornal-a mais fecunda, fazendo-a mais intelligivel. Devem ser muito frequentes os exercicios de calculo, durante o tempo destinado a seu ensino; em particular, não deve passar uma só aula de arithmetica, sem que sejam propostos aos alumnos exercicios de calculo mental.

E' talvez no ensino da mathematica que nossos professores têm conseguido seus mais incontestados successos. Não se devem contentar com elles. Novos progressos se farão, si se esforçarem por tornar esse ensino cada vez mais concreto e pratico.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

Fim — As conferencias pedagogicas desses ultimos annos despertaram a attenção dos professores sobre o caracter de que o ensino primario das sciencias physicas e naturaes se deve revestir nas escolas.

Na hora em que a potencia economica de nosso paiz, enfraquecida pela guerra, deve recuperar sua plenitude, não póde o ensino scientifico, mesmo elementar, servir apenas para formar os espiritos; deve armar os trabalhadores, augmentar o rendimento de sua actividade productora. Assim, conservando sempre seu methodo, methodo experimental proprio a despertar e a entreter a curiosidade intellectual, deve elle adaptar-se ás diversas necessidades dos alumnos e variar segundo o meio, o sexo e a eventual profissão. Essas idéas, admittidas em geral no curso das conferencias pedagogicas, applicadas nos programmas locaes que foram redigidos em seguida ás conferencias, são consagradas no novo plano de estudos.

Si, destinado a todas as escolas da Republica, é forçado a permanecer nas generalidades, abre, comtudo, opportunidade a todas as iniciativas, a todas as adaptações particulares.

Methodo e caracter

Em todas as escolas, em todos os cursos, o methodo a empregar-se deve ser um methodo fundado sobre a observação e a experiencia. Foi com esse designio que se retirou do programma, nos cursos preparatorio, elementar e medio, o titulo — "Sciencias physicas e naturaes", para substituil-o pela expressão "Licções de cousas na classe e no passeio" — expressão tambem conservada, como sub-titulo, no curso superior. Ella significa que o livro não deve representar nesse ensino sinão um papel secundario . Significa que o professor não tem que fazer curso: deve, tanto na aula como no passeio, fazer observar e experimentar.

E' preciso que a escola forme, exercite e desenvolva o espirito de observação dos alumnos.

Mesmo no curso superior, deve-se acautelar para que o ensino não se torne abstracto e livresco.

Simples e concreto, sempre experimental, deve o ensino constantemente tornar-se pratico. De-

vemos fazer os escolares conhecer de preferencia aos principios, cuja demonstração estaria além do alcance de sua intelligencia, as applicações da sciencia á vida.

MEIOS: AULAS-PASSEIOS, MUSEUS ESCOLARES

São numerosas, na hora actual, as escolas em que os exercicios de observação têm logar de honra, e onde as creanças a elles se entregam mesmo fóra das horas de aula. A despeito dos preconceitos, tendem as aulas-passeios a se tornar instituição regular.

Raras são as escolas que não possuem seu museu escolar. E, cada vez mais, vae-se comprehendendo que o museu não é uma sála onde se expõem aos olhos das creanças, pedindo-lhes que não os toquem, objectos mais ou menos extraordinarios.

Um museu escolar é um pequeno laboratorio, o logar em que se collocam, após a aula, os materiaes que as creanças manipularam, os apparelhos que fizeram funccionar.

Comprehende-se assim que um museu deva ser bem provido e que suas collecções devam ser frequentemente renovadas.

Em toda parte se formam pequenas sociedades escolares que têm por fim cuidal-o e enriquecel-o. Sempre será de louvar-se o zelo com que os professores multipliquem essas associações e os inspectores favoreçam o seu desenvolvimento. Fornecem ellas o meio de renovar o nosso ensino scientifico elementar.

APPLICAÇÕES

1.° — *Hygiene* — Algumas dessas applicações são de interesse geral e devem ser em toda parte ensinadas: taes são as concernentes á hygiene. A hygiene deve ser praticada antes de ser estudada. E deve continuar a ser praticada quando estudamos os seus mais simples principios. Apezar de não referir-se o plano de estudos á visita de decencia e a outros exercicios de hygiene, está longe de proscrevel-os. Ao contrario, justamente para evitar o offerecimento de uma lista muito diminuta, que pareceria restricção, é que se limita a indicar o caracter pratico do ensino. Não só deve a creança chegar á escola decente e completar a "toilette", antes de entrar na aula, si a sua fôr julgada insufficiente pelo professor, mas tambem deve dirigir-se ao lavabo diversas vezes por dia; deve adquirir na escola os habitos de decencia que a familia ainda não conheça. Foi com satisfacção que registramos, quando se realizaram as conferencias pedagogicas de 1920, a extensão consideravel que o uso de escovas de dentes tinha alcançado em nossas escolas. E' imprescindivel que o progresso, então, notado, não só seja mantido, mas accentuado. E' tambem necessario que as creanças collaborem na manutenção hygienica da classe, como na manutenção hygienica de seus corpos.

Depois de haverem assim contrahido solidos habitos, quando estiverem em edade de comprehender modestas explicações scientificas, ser-lhes-á dada uma nova razão de praticar a hygiene, como mostrar-lhes quaes as leis scientificas em que esta apoia os seus preceitos.

O programma desse ensino theorico é mais reduzido no novo plano de estudos do que no antigo; as doze linhas relativas ás diversas bebidas são condensadas nestas unicas palavras — "perigos do alcoolismo". Não é que se cure de restringir o ensino anti-alcoolico; é que o alcoolismo não é o unico inimigo a combater. As doenças microbianas não são menos temiveis. Por mais simples que seja o ensino de hygiene na escola primaria, deve elle dar uma idéa de todas as luctas a se sustentarem pela defesa da raça.

2.° — *Diversidade do ensino scientifico* — Si as regras de hygiene são mais ou menos identicas em toda parte, não acontece o mesmo ás outras applicações das sciencias ás necessidades dos homens. Por conseguinte, não será identico o ensino scientifico nas escolas masculinas e nas femininas; não será identico nas escolas, das cidades industriaes, nas escolas das aldeias agricolas, nas escolas da costa e nas do interior.

3.° — *Ensino domestico* — Nas escolas femininas deve o ensino domestico occupar logar importante. Talvez se haja exaggerado quando se reclamou um "dia domestico" por semana. Mas, combinando-se diversos exercicios prescriptos no programma, pode-se consagrar cada semana ao ensino domestico e um meio dia aos ensinamentos annexos. E' inutil insistir sobre o caracter a um só tempo pratico e experimental de que esse ensino se deve revestir: a theoria só apparece ahi, para justificar a pratica. Póde ella, tambem, inspirar ás jovens o amor do lar, mostrando-lhes que as operações de mais humilde apparencia na vida domestica se prendem aos mais elevados principios das sciencias naturaes e que, repetindo o velho dito, o divino está em tudo.

4.° — *Puericultura* — No curso superior, o ensino domestico comportará duas vezes por mez uma licção de puericultura. Afim de ajudar as nossas professoras no preparo dessas licções, vae o "Comité Nacional da Infancia" redigir um programma que, sem entravar sua liberdade, lhes fornecerá uteis indicações.

Além das licções, é preciso organizar, pelo menos duas vezes por anno, visitas a "crèches" ou a clinicas infantis, quando existam na localidade.

Sabem as professoras quanto importa á salvação da França conservar a sua infancia, cercal-a com cuidados intelligentes, premunil-a e defendel-a contra doenças. Tambem não deixarão de empregar na educação das futuras mães de familia todo o seu devotamento.

5.° — *Escolas ruraes: ensino agricola; jardim escolar* — Dar-se-á nas escolas ruraes um ensino pratico e theorico de agricultura. Ainda sobre esse ponto, si o novo programma é mais curto que o antigo, nem por isso é menos imperativo. O jardim escolar não deve ser deixado inculto. Deve ser cultivado, pelo menos em parte, pelas creanças, sob a direcção do professor. Para se evitarem commentarios desagradaveis, cujo temor muitas vezes paralysa nossos professores, os productos do jardim cultivado pelas creanças, serão vendidos em beneficio do museu escolar.

Mas, ao ensino pratico deve juntar-se ensino theorico muito simples, que versará de preferencia sobre questões de ordem scientifica que o agricultor não puder resolver pelo puro empirismo. Si quizermos vencer os preconceitos que impedem o desenvolvimento do ensino agricola, é preciso fornecer aos habitantes do campo provas concludentes dos serviços que esse ensino lhes pode proporcionar, do augmento que elle pode trazer aos conhecimentos que tiram da experiencia propria e da tradição.

6.° — *Escolas urbanas e maritimas* — Agricola no campo, faz-se o ensino scientifico industrial na cidade. Continuará a dar aos marinheiros e pescadores noções previstas no decreto de 20 de setembro de 1898. Em toda a parte deve adaptar-se ao meio. Deixará de ser encyclopedico, sem renunciar, em nenhuma parte, ás verdades elementares que a todos são indispensaveis.

Nesse, como em outros pontos de vista, cumpre accentuar a ori-

entação dada ao ensino scientifico pelas conferencias pedagogicas de 1919 e 1922.

TRABALHO MANUAL

Ha já quarenta annos que o trabalho manual é admittido entre as disciplinas do ensino primario. Mas, qualquer que seja o interesse que elle apresente, quer do ponto de vista da educação geral, quer do ponto de vista da educação profissional, não se pode dizer que, salvo nas escolas maternaes e nas escolas femininas, seja regularmente praticado.

Porque essa innovação da geração que nos precedeu não foi coroada de exito? Primeiramente, porque o antigo plano de estudos, excessivamente exigente para esse ensino, para elle reclamava longo tempo: duas ou tres horas por semana para os rapazes, como para as meninas, pareceram, logo, de principio, excessivas á maioria dos mestres.

As conferencias pedagogicas de 1921, que estudaram a questão, foram unanimes em pedir a reducção desse horario. O novo emprego de tempo dá satisfacção a esse desejo: não prevê para o trabalho manual mais que hora e meia no curso preparatorio; no curso elementar, uma hora, nas escolas masculinas e hora e meia nas femininas; no curso medio, uma hora para os rapazes e duas horas para as meninas; no curso superior hora e meia para os rapazes e duas horas para as meninas. Si notarmos que certos exercicios poderão ser executados nas aulas de geometria, nas de sciencias physicas e naturaes e nas de desenho, não se supporá que deixemos logar exiguo, a esse ensino.

E, por outro lado, reduzindo de um terço ou da metade o horario, que o antigo plano de estudos estabelecia, temos a certeza de haver supprimido um obstaculo que impedia o seu successo: será tanto mais honrado, quanto menos sombra deitar sobre as demais disciplinas.

Far-lhes-á menos sombra, quanto mais estreitamente a ellas se associar. O novo programma procura realizar essa estreita associação. E, ainda nesse ponto, de conformidade com os votos das conferencias de 1921. Si o ensino do trabalho manual não mais é considerado como parte da educação physica, si, no novo plano de estudos está collocado immediatamente após o desenho, não é somente porque, por natureza, é inseparavel do desenho, mas porque, como o desenho geometrico, se prende intimamente ao ensino scientifico.

Escolas femininas — Como nas escolas masculinas, comporta o trabalho manual, nas escolas femininas, duas categorias de exercicios: os que facilitam o ensino scientifico ou o corroboram e os que constituem uma preparação para a vida. Não insistamos sobre a primeira porque as instrucções a ella concernentes visam naturalmente todas as escolas qualquer seja o sexo dos alumnos. Mas os exercicios que preparam para a vida e para a profissão não são os mesmos para as raparigas e para os rapazes. E' sobre esses exercicios que chamamos a attenção das professoras.

Naturalmente, notarão que o novo programma é mais simples que o antigo. O Conselho Superior houve por bem eliminar os exercicios que a experiencia demonstrou serem difficeis para as meninas de edade escolar.

Para que o ensino seja efficaz é preciso que esteja ao alcance dos alumnos. Não terá, pois, razão quem julgar menos importante o ensino, pelo facto de haver sido encurtado o programma. O contrario é o que se dá. Sabemos que o trabalho manual, além dos resultados preciosos que lhe são proprios, contribue para a educa-

ção intellectual e para a educação moral: mal avisada andará, pensamos, a professora que o sacrificar a exercicios chamados "mais educativos".

Além de que, em todos os trabalhos manuaes, deve a mestra propor-se um elevado fim educativo. Ella habituará as creanças a cuidarem de seu trabalho, e "o acabarem" bem, a persistirem, com egual attenção, até o fim. Ensinará a ordem, a economia, o orgulho da obra bem feita; ao mesmo tempo que o gosto, desenvolver-se-ão essas forças preciosas, a attenção e a perseverança.

Estamos persuadidos de que pensar em tudo isso nas licções de trabalhos manuaes, não é pretender o inattingivel.

Ensino collectivo e ensino individual — Nos cursos compostos de creanças da mesma edade, que juntas começam o mesmo exercicio, deve o ensino do trabalho manual ser collectivo: a professora deve fazer a demonstração deante de toda a classe, servindo-se, para a costura ou para o ponto, de um quadro de tecido collocado bem em frente dos alumnos. Para o "crochet" ou o "tricot", indica todos os movimentos á medida que os executa, mas tomando cuidado afim de não causar confusão, pois que, estando em frente ás alumnas, verão estas "direito", quando disser "esquerda", e inversamente; convem, pois, que a mestra execute os movimentos em uma posição tal, que as creanças vejam os movimentos como ellas devem reproduzil-os. E' trabalho de alguns instantes. Em seguida, percorrendo a classe, a professora verifica si as creanças apanharam sua maneira de operar. Nas escolas de uma só professora, as meninas principiantes são pouco numerosas e o ensino collectivo não tem verdadeira razão de ser. Não poderia ser substituido, sob a vigilancia da professora, pelo ensino mutuo? Uma alumna maior tomaria uma pequena a seus cuidados durante a licção de trabalho manual e fiscalizaria o trabalho de "crochet" ou de agulhas.

Ajuntemos que será visto com alegria, numa escola dessa natureza, levar a professora todas as alumnas para dar, no pateo contiguo á escola, essa licção; teria lá, ao ar livre, o seu pequeno mundo debaixo dos olhos.

Vigilancia mais facil e menor fadiga — eis vantagens que não são de se desdenharem, num dia de uma professora.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Abstracção feita da influencia que ella exerce sobre a educação intellectual, refrescando a attenção, e sobre a educação moral, disciplinando a vontade, a educação physica se propõe, na escola primaria, um fim duplo: corrigir as attitudes defeituosas que o trabalho escolar impõe muitas vezes ao corpo da creança e desenvolver suas qualidades physicas, sua força, sua destreza, sua agilidade.

Cumpre não esquecer que a edade de nossos escolares é a edade de crescimento e que, nesta edade, está em jogo todo o seu futuro physico. A educação physica só lhes deve impôr exercicios apropriados, com exactidão, quer ás necessidades, quer aos meios de sua edade.

E' ella antes de tudo hygienica, isto é, tende a facilitar e a activar o jogo normal e progressivo das grandes funcções (respiratoria, circulatoria, articular) e a aperfeiçoar a coordenação nervosa.

Mas, não tem por fim exclusivo a acquisição do vigor muscular. Afasta, ao contrario, todo trabalho que, exigindo excessivo despendio de força, produz endurecimento dos musculos e contraria o crescimento regular.

De modo geral, veda-se a sua applicação a tal ou qual orgam, em detrimento dos outros. Beneficia egualmente todas as partes do

organismo, de maneira que elle se desenvolva, em seu todo, com equilibrio e harmonia.

Sendo tal o ideal que deve guiar ao professor de educação physica, como poderá elle realizal-o? Nós o veremos, si seguirmos a creança desde o inicio até o fim da licção de educação physica, e, desde a entrada na escola até á sahida.

Todas as creanças devem participar dos exercicios de educação physica. Nenhuma póde ser delles dispensada, salvo o caso de incapacidade, permanente ou temporaria, comprovada por attestado medico. Muitas vezes se dispensam desses exercicios, precisamente, as creanças que delles mais necessitam, pois que as menos vigorosas e mais doentias.

Toda licção de educação physica deve ser dada ao ar livre, ou, si o tempo não o permittir, em um pateo amplo e bem aberto. E' urgente cuidar, em toda parte, do estabelecimento de campos de jogos, de duchas, ou piscinas. Na espectativa desses importantes melhoramentos em nossas installações escolares, é preciso ir aproveitando todas as occasiões para utilizar os espaços livres, que puderem ser postos á disposição da escola.

A creança que se apresenta para a licção de educação physica deve estar com os movimentos plenamente livres; cumpre, pois, desembaraçar-se de seu chapeo, de seu collarinho, de sua gravata; ao correr da licção, despir-se-á progressivamente, si a temperatura o permittir. Deverá estar com calçado, que não a impeça de correr nem de saltar.

Toda licção completa de educação physica deve ser preparada por escripto, como qualquer outra. Deve ser conduzida com methodo e dividir-se em tres periodos: primeiramente, collocação e ordenamento; depois, a licção propriamente dita e, finalmente, a volta á calma.

De modo nenhum se admitta partida repentina, pois que é uma violencia ao systema nervoso. Um exercicio progressivo, depois, após os exercicios mais fatigantes, uma progressiva diminuição de esforços, afim de que se evite inesperada cessação de actividade, que poderia provocar um perigoso resfriamento.

Será vantajosa, após a licção uma fricção no dorso. Si parece difficil obter em toda parte abluções com agua fria ou quente, sempre será possivel recommendar aos alumnos que se munam de um guardanapo, secco, reservado áquelle fim.

Tudo o que se disse convem tanto aos rapazes como ás meninas. Compete ás professoras escolher os jogos e os movimentos melhor adaptaveis ao sexo feminino; os que exercitam a agilidade e a graça, de preferencia aos que proporcionam a força. Todas as vezes que se tornar possivel, ter-se-á cuidado, nas escolas femininas, em associar-se a musica, á gymnastica. Mas, abstracção feita dessas differenças, aliás importantes, o programma e o methodo de educação physica são identicos nas escolas femininas e nas masculinas.

Esse programma e esse methodo são de tal modo, que podem ser applicados por todos os professores e por todas as professoras. Não é necessario ser gymnasta profissional para seguil-os, visto como nenhum dos movimentos prescriptos é irrealizavel por um homem ou uma mulher de saude normal; antes, longe de serem irrealizaveis por doentes, serviriam até para o restabelecimento de sua saude. Além de que, para certos movimentos, póde o professor recorrer á collaboração de um monitor, escolhido entre os alumnos. Um monitor intelligente comprehende um movimento, vendo uma photographia, um schema, ou com o auxilio de explicações simples. Quando elle o

souber executar, mostral-o-á a seus collegas, seguindo as indicações do mestre, que dirige e rectifica. E' preferivel, porém, que o mestre dê o exemplo. Poderá fazel-o quasi sempre.

Nenhum professor, pois, nem nenhuma professora, póde invocar sua incompetencia para descuidar-se da instrucção physica. E esta deve fazer, quando fôr da reabertura das classes, serios progressos em nossas escolas.

Si essa disciplina é a ultima, sobre o novo emprego de tempo escolar, não vale dizer que deva estar na ultima ordem das preoccupações dos educadores.

Nenhuma ordem de precedencia foi estabelecida entre as diversas materias do ensino.

E a prova de que desejamos ver engrandecer o papel da educação physica é que, justamente no momento em que reduzimos o tempo destinado á maioria das disciplinas, augmentámos o que lhe estava reservado.

Estamos bem certos de que a educação intellectual não ficará sacrificada com esse pequeno beneficio concedido á educação physica. E póde-se esperar que, desta modesta reforma, resultará para a raça franceza uma reconquista de vigor e de energia.

CONCLUSÃO

— O que deve ser o ensino; em que se deve transformar a escola.

Quando o novo plano de estudos entrar em vigor, quando as instrucções, que o ordenam forem applicadas, segundo o seu espirito, o que será mudado em nossa escola nacional?

Certamente, as antigas praticas não serão de um dia para outro substituidas por praticas contrarias; nenhuma brutal revolução transformará nossas instituições escolares. São numerosos os mestres que, desde já, se inspiraram em principios analogos aos que ditaram os novos programmas. Tornando-se mais geraes, porém, a applicação desses principios permittirá a realização de serios progressos.

A escola, tal qual a sonhamos, será, vista de fóra, agradavel e acolhedora, entre um jardim florido e alamedas ensolaradas. No interior, será inundada de ar e de luz. Queremos que essa alegria, nascida das disposições materiaes creadas pelo architecto, fosse entretida, graças ás disposições pedagogicas tomadas pelo professor. Não se trabalha bem, sem alegria.

Bem fóra de moda são os predios escolares — ainda muito frequentes, entretanto — que se assemelham a sombrias prisões. Mas um mestre de má catadura não seria menos archaico. Não se quer dizer que todo regulamento disciplinar deva ser abolido: a vontade e a razão da creança, estão ainda em formação, de modo que não se póde esperar tudo da persuasão.

Póde-se, entretanto, dispôr, de tal maneira, que o emprego do castigo se torne excepcional e que a atmosphera da aula seja quasi constantemente de perfeita serenidade. Não é pelo temor, mas pela affeição que o professor obtem o trabalho mais regular e productivo.

O trabalho será tanto mais regular e productivo quanto mais vivo fôr o ensino.

Em cada pagina destas instrucções, quer se trate do ensino da moral, quer do da grammatica, quer do da musica, seja o da historia, seja o das sciencias, preconizamos os methodos susceptiveis de interessar á creança, ou melhor, de inspirar-lhe uma especie de enthusiasmo por seu trabalho. Não andará bem avisado quem confundir a theoria contida nestas paginas com a theoria da educação attrahente. Nosso fim não é divertir os escolares. Mas queremos que trabalhem com prazer, porque o prazer é um meio efficaz de estimular-lhes a actividade. O

prazer de que se trata não é um goso passivo, é a alegria que acompanha toda actividade livre, consciente de trabalhar pela realização de um bello ideal.

E' a alegria que o "touriste" experimenta no curso de uma ascenção, que, entretanto, lhe exige muitos esforços e muitas fadigas, mas em que elle sabe que cada passo o approxima de um magnifico espectaculo.

O que desejamos, não é que se reduzam ao minimo os esforços intellectuaes do escolar: é, ao contrario, que sejam levados a multiplical-os, fazendo-os com alegria. Todos os processos que tornam o ensino concreto, que despertam a actividade da creança, que permittem passar, por habeis transições do brinquedo, á licção—são conducentes á creação na aula das disposições intellectuaes e moraes sem as quaes não ha trabalho bom: a curiosidade se aguça, o interesse se excita e cada qual faz com enlevo uma tarefa de que colherá bom proveito.

Não pedimos que se deixe cada um actuar ao sabor de seu capricho: a escola não é sala de brinquedo, do mesmo modo que não é prisão. Escola é escola: uma reunião de creanças que trabalham, com boa vontade, em sua commum educação, sob a direcção de seu mestre.

Mais ar, mais facilidade, mais liberdade, mais alegria e portanto, mais trabalho. Esforços mais numerosos, porque serão mais voluntariamente empregados; esforços mais equilibrados e melhor coordenados, porque cada disciplina occupará seu logar preciso; esforços mais fructuosos porque serão melhor adaptados ás necessidades presentes de nossa patria; creanças melhor instruidas por uma dosagem mais exacta dos conhecimentos, que devem progressivamente adquirir, por uma cultura mais methodica de suas faculdades; caracteres mais bem formados por uma educação moral menos abstracta, mas não menos elevada: eis o que esperamos dessa reforma do ensino primario.

Possa ella dar, ao paiz, trabalhadores, cidadãos, homens que, imbuidos de seu ideal, contribuam para augmentar sua prosperidade e sua grandeza.

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

INFINITO

Em minha "Grammatica Portugueza", procurei pôr em evidencia a regra geral, que preside ao uso do infinito, assim formulada:

— O infinito impessoal deve ser preferido ao infinito pessoal, excepto quando este for exigido pela clareza ou pela euphonia.

Conforme se vê, o infinito impessoal é a regra, e a excepção é o infinito pessoal.

As regras especiaes, apresentadas pelas grammaticas, servem para orientar-nos no uso do infinito, mas cumpre-nos subordinal-as á regra geral.

Póde-se confirmar esta pela observação dos seguintes exemplos, que submetto á analyse dos vernaculistas:

"Ora vê, Rei, quamanha terra an-
[dámos,
Sem *sahir* nunca deste povo rudo,
Sem *vermos* nunca nova, nem si-
[gnal
Da desejada parte Oriental."

CAMÕES, *Lusiadas*, V, 59.

"Assim nós não podemos deixar de *louvar* os Santos e *sermos* admiradores de suas proezas."

Amador Arraiz, Dialogos, 421.

"Peccar é *apagarem-se* as alampadas ás Virgens Nescias: peccar e emmudecer é *apagar-se-lhes* as alampadas e *fechar-se-lhes* a porta."

Vieira, Sermões selectos, I, 125.

"Amanheceu e anoiteceu o seguinte dia, e elles a *bailar*. Entrou a roda do novo anno, e elles sem *sahirem* da mesma roda da sua dansa."

Bernardes, Nova Floresta, II, 21.

"Emende-se, pois o abuso de *fazermos* ou *permittir* se façam vigilias e serões á cruz ou aos altares."

Ibidem, 23.

"Notavelmente é odio a Deus esta manha de *fazermos* o mal, e em cima *desculpal-o*."

Ibidem, III, 478.

"E' possivel que se abram as portas para *entrar* javalis, e fechem-se para não *entrarem* os sacerdotes e ministros Evangelicos!"

Ibidem, IV, 140.

"Onde muitos vivem juntos, a arte de conservar a paz não é tanto *procurar agradar* uns aos outros,, quanto *soffrerem-se* uns aos outros."

Bernardes, Luz e Calor, 271.

"A uns, ao maior numero, o contentamento de *renascer* nos filhos; a outros, a raros, a gloria de *perpetuarem* o proprio nome."

Castilho, S. Bruno.

"E elles sahirão obedientes, e sem *murmurar*, sem *levarem* nada mais que a sua cruz e as suas saudades."

Castilho, S. Bruno.

"Alli se havia de ensinar ás pequenas a *fiar*, a *cozer*, a *embainhar*, a *fazer* meia, a *marcar;* a *concertar* os seus fatinhos; a *trazerem* limpas as mãos, a cara e a roupa; a *rezar;* e a *serem* obedientes."

Castilho, Colloquios aldeões, 81.

"Nem isso mesmo, que os desaventurados tinham d'antes para

se consolarem, que era o *lamentarem-se* e o *appellar* para o futuro, nem isso mesmo lhes resta hoje."

Ibidem, 219.

"Então, sentiam *escorregarem-lhes* as lagrimas pelas faces tostadas, e *descer-lhes* com ellas aos seios d'alma a resignação e a esperança."

Herculano, Eurico, 161.

"Aqui alguns mancebos mais destros fingiam *accommetter-se, pelejarem, vencerem, serem vencidos.*"

Idem, Monge de Cister, I, 85.

"Vieram a *receber* afinal em grande parte a lei do Koran e a *alliarem-se* pelos laços da crença com os vencedores."

Idem, Hist. de Portugal, I, 49.

"Os flamengos manifestavam já o intento de *estar* por tudo e de *ficarem* ao serviço do rei de Portugal."

Ibidem, 374.

"Teve impeto de *pegar* della, *descer, voar, perderem-se.*

Machado de Assis, Esaú e Jacob, 16.

"Um sem numero de passarinhos a *pipilar, gorgear, trinar* e *chilrearem.*"

Taunay, Céos e Terras, 65.

"Que só revertem no *aformosentarem* e *engrandecer* a lingua."

Candido de Figueiredo, Homens e letras, 97.

"Releva, porém, que os moços não adquiram desde a infancia o habito pernicioso de *fazerem* selecção entre os seus deveres, de *furtar-se* ao curso regular dos estudos."

Ruy Barbosa, Queda do Inperio, I, 417.

"Um só! *juntarmos* peito e peito anciosos, e anciosos *murmurar*: sou teu! és minha!"

Alberto de Oliveira, Poesias, 3.ª, 212.

Comparem-se estes dois exemplos, o primeiro dos *Lusiadas*, V, 15, e o segundo de Garrett, em seu poema *Camões*, 74:

"Vimos as Ursas, apesar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Ne-
[ptuno."

"Vimos *banhar* nas aguas de Ne-
[ptuno
As inflammadas Ursas."

——

VERBOS PRONOMINAES

Tomando-se como base da classificação o sentido das expressões, que representa a parte principal destas, e não a fórma vocabular, que é parte secundaria, os verbos pronominaes dividem-se em activos, reflexivos e passivos. *Pronominal* deixa, nesse caso, de ser synonymo de *reflexivo*, conforme ensinam as grammaticas.

São verbos pronominaes activos, além de outros, *afundar-se, ajoelhar-se, amortecer-se, apear-se, assentar-se, calar-se, casar-se, corar-se, despertar-se, enriquecer-se, retirar-se*, equivalentes a *afundar, ajoelhar, amortecer, apear, assentar, calar, casar, corar, despertar, enriquecer, retirar*. Incluem-se nesta classe quasi todos os verbos essencialmente pronominaes, como *apoderar-se, arrepender-se, atrever-se, ausentar-se, jactar-se, queixar-se.*

Encontram-se verbos pronominaes reflexivos nos exemplos *eu me machuquei, tu te enganaste, elle se feriu, ella olhou-se ao espelho*. Esses verbos exprimem ás vezes reciprocidade, segundo se vê em *nós nos amamos, João e Pedro encontraram-se.*

Ha verbos pronominaes passivos nas proposições *eu me baptizei, tu te chamas Antonio, commemorou-se o anniversario, construiram-se casas*, que correspondem a *eu fui baptizado, tu és chamado Antonio, foi commemorado o anniversario, foram construidas casas.*

Nos casos referidos, a funcção dos pronomes consiste em formar verbos pronominaes, fazendo parte integrante destes. No verbo activo *rir-se* e no passivo *construiram-se casas* é inadmissivel, por essa razão, a analyse dos pronomes. Quanto ao verbo reflexivo, já se entende por essa denominação o verbo com o pronome, e por conseguinte torna-se desnecessario analysar este ultimo.

Podem ser transitivos os verbos pronominaes, que ora exigem completivo, ora pedem objecto directo. Nas orações *acho-me feliz, fingiu-se doente, mantiveram-se firmes*, servem de completivos os termos *feliz, doente, firmes*.

Analysando as proposições *elle reserva-se o direito de julgar, ella attribue-se qualidades preciosas, permitto-me fazer isso*, deparam-se-nos as expressões *o direito de julgar, qualidades preciosas, fazer isso*, como objectos directos dos verbos *reservar-se, attribue-se, permitto-me*. O argumento de que taes objectos, si fossem directos, poderiam ser sempre substituidos pelos casos pronominaes *o* e *os*, quando da terceira pessoa, é improcedente, visto como elles são objectos directos exclusivamente por causa da funcção que exercem. Entretanto, usando da fórma analytica *a si* em vez de *se*, poderemos dizer *elle o reserva a si, ella as attribue a si*.

O objecto directo do verbo *dignar-se* vem ou não regido de proposição: "Digne-se V. exc. *acceitar meus parabens* ou *de acceitar meus parabens*."

Como analysar a proposição *elle queixou-se de seu sobrinho ao medico? Elle*, sujeito; *queixou-se*, predicado grammatical; *de seu sobrinho*, objecto directo; *ao medico*, objecto indirecto. O sentido justifica plenamente esta analyse.

Ha verbos pronominaes intransitivos: *evolar-se*, voar; *finar-se*, morrer; *rir-se*, rir.

Merecem observados os seguinguintes typos syntacticos equivalentes: — *accusar os seus peccados, accusar-se de seus peccados; esquecer as obrigações, esquecer-se das obrigações; utilizar os seus serviços, utilizar-se de seus serviços; recear a revolução, recear-se da revolução; desposar alguem, desposar-se com alguem.*

Cumpre accrescentar que ha verbos apparentemente pronominaes, tal succedendo, quando serve de sujeito o pronome indirecto. Lembre-se primeiramente, para esse fim, que em certas phrases *a gente* e *nós* são synonymos: "*A gente* ama ou *nós* amamos a virtude". O pronome *se* póde equivaler ás mencionadas expressões: *Ama-se a Bernardes* quer dizer *a gente* ou *nós amamos a Bernardes*. Assim como, nestas proposições, servem de sujeitos *a gente* e *nós*, naquella serve de sujeito o pronome *se*.

Si assim não fosse, *ama-se* seria verbo pronominal activo, reflexivo ou passivo, e admittiria sujeito proprio, segundo estes exemplos: "*elle* queixa-se a seu pae", activo; *elle* feriu-se", reflexivo", "*elle* se chama Manoel" passivo. Dê-se agora sujeito á proposição: "*elle* ama-se a Bernardes". Sendo activo o verbo, *elle* é quem *ama-se a Bernardes*. Não está certo. Si a fórma é reflexiva, tanto peor, *elle ama a si a Bernardes*. Considerando-a passiva, *elle é amado a Bernardes*. Note-se que o sujeito não póde ser subentendido, exactamente por causa do *se*, tanto que, supprimido este, será admissivel aquelle.

"Na edade em que estamos, tem-se a cabeça mais dura, e a mão mais rija", eis uma phrase de Castilho, em Colloquios, 38. *Tem-se* não deve ser classificado como verbo pronominal, porque *se* é sujeito, podendo a phrase ser substituida assim: *a gente tem*, ou *nós temos*, etc.

FIRMINO COSTA

A PUNIÇÃO NA HISTORIA DA PEDAGOGIA

A educação surgiu no dia em que viveu a familia humana, no dia em que os paes começaram a cuidar dos filhos. Nesse dia surgiu tambem a disciplina, sem a qual não é possivel o facto educativo.

A disciplina escolar, desde aquelle dia, caminhou parallelamente com a arte de educar, fez os mesmos passos, os mesmos progressos. Hoje, disciplina e pedagogia, no campo theorico, estão no mesmo grau de desenvolvimento.

Disciplina e pedagogia não são duas cousas diversas, mas aquella é parte integrante desta.

E, pois, quando dizemos que uma e outra estão no mesmo grau de desenvolvimento, queremos dizer que a parte se desenvolve harmonicamente com o todo. Queremos ainda dizer que a disciplina, esta parte da sciencia pedagogica, pode considerar-se sanccionada na legislação e traduzida na pratica da escola. Não se obteve o mesmo progresso nos dois campos: si no regulamento e nas leis a disciplina realizou um grande avanço, não se pode dizer que o mesmo haja acontecido na escola.

Si remontarmos a corrente dos seculos, encontraremos a creança sujeita a uma disciplina sempre dura, e a escola constituindo sempre um tormento para a creança.

Mas, para melhor estabelecer o confronto entre a disciplina do passado e a disciplina das nossas escolas, não caminharemos de deante para trás: ao invés, começaremos das civilizações mais remotas e, a largos passos, transpondo os seculos e os espaços, chegaremos á nossa edade.

* * *

Civilização indiana — E' tam diversa, tam extranha á nossa, que poderemos prescindir de recordar os brahmanes, as suas escolas e os seus systemas educativos. Mas podemos considerar-nos como os descendentes do povo indiano, somos da mesma raça.

O facto de serem as linguas européas derivadas da lingua indiana é a melhor prova disso.

Para comprehender o systema de educação utilizado pelos brahmanes, é mister recordar que, então, o homem nascia escravo. O povo estava dividido em castas, nem era possivel o passar de uma casta a outra, o elevar-se com o esforço sobre os seus semelhantes, merecer, por dotes pessoaes, posição social diversa da dos proprios ancestraes. O nascimento determinava o destino da vida de cada um, de sorte que, antes de nascer, tinha o homem a sua predestinação. Para que, pois, cultivar as boas disposições individuaes, as inclinações, as tendencias, a espontaneidade?

Aliás, tudo isto podia ser perigoso, e, por isso, os brahmanes na escola se esforçavam por combater as manifestações espontaneas, individuaes. A rebellião, ou qualquer acto contrario a tal objectivo, naturalmente era punido com grande severidade: com varadas e jactos de agua fria sobre o culpado.

A sociedade indiana se caracterizava pelo pantheismo religioso. Deus está presente em toda parte; manifesta-se em todos os phenomenos da terra e do céo, no sol e nos astros, no Hymalaia e no Ganges; penetra tudo e anima tudo; as cousas sensiveis não passam de forma mudavel e transitoria do ser immutavel. "Com esta concepção pantheistica do mundo e da vida, o pensamento e a vontade do individuo se esvanesciam na contemplação mystica da alma. Dominar as paixões, abandonar todo pensamento terreno, confundir-se e anniquilar--se em vida na natureza divina, preparar-se com macerações e penitencias para a submersão total no principio primitivo de todo ser, — eis a maior sabedoria, a verdadeira felicidade do indiano e o ideal de toda educação séria."

Por isso, os brahmanes não podiam pregar nem ensinar outra doutrina que não a do sacrificio absoluto de si mesmo, a submissão voluntaria e o desprezo da vida. A dura disciplina da escola, feita com pancadas, visava estabelecer o regimen da obediencia céga, absoluta, incondicional.

A civilização hebraica — Da escola hebraica, qual era nos primeiros seculos do Christianismo, muito temos que aprender, mas não, certamente, a disciplina instituida pelos antigos rabbinos, a qual não era absolutamente edificante.

Para os hebreus, homem perfeito era o homem pio, o homem virtuoso, aquelle que podia attingir o ideal indicado por Deus no *Levitico*: "Sêde santos como eu, o Eterno, sou santissimo". Os hebreus tinham um conceito da perfeição, da moralidade, todo especial, limitado, e, quasi diremos, falso; falso não em si mesmo, mas pelas consequencias que delle derivam. Eis, por exemplo, uma consequencia não perfeitamente logica: não se alcança a santidade da alma, si se não castiga o corpo. A creança não podia, por isso, tornar-se fiel servidora de Jehovah, si não era de mil modos atormentada. Eis os preceitos que o mais sabio dos reis da época biblica dá aos paes e aos educadores: "Quem não faz uso da vara odeia a seu filho; quem o ama, castiga-o." "Não poupes o correctivo á creança: ella não morrerá ainda quando lhe hajas batido com a vara. Tu lhe baterás e livrarás a sua alma do sepulcro." Purgam-se os peccados com as ecchimoses das pancadas e com talhos que vão até ás visceras internas." "A vara e a correcção dão a soberania." "Castiga o teu filho emquanto tiveres esperança; não chegues, porém, a matal-o." Ah! matal-o, não! Ainda bem!

* * *

Civilização grega e romana — Quanto se tinha cuidado da educação da juventude, na Grecia e em Roma, todos nós o sabemos: qualquer historia daquelles povos e daquellas civilizações nol-o descreve vivamente. Mas a disciplina foi sempre, naquellas escolas, muito dura. Aristophanes, lamentando a molleza do seu tempo, recorda com as seguintes palavras, a boa ordem que reinava outróra nas pequenas escolas de Athenas: "Direi (é a Justiça quem fala) como era a educação nos dias florescentes em que eu ensinava e em que reinava a modestia. Então, as creanças sahiam para qualquer estrada, a cabeça descoberta e os pés descalços e, não obstante a chuva e a neve, dirigiam-se todas juntas, na melhor ordem, para a escola de musica. Lá, se sentavam tranquillas e modestas; não lhes era permittido cruzar as pernas, e aprendiam alguma boa canção... O mestre lhes cantava a canção de vagar e com gravidade. Si algum tentava cantar com inflexões molles e estudadas, era açoitado duramente a varadas."

Para se ter uma idéa exacta do que era a disciplina escolar na Grecia e em Roma, bastará recordar o que escreve Erasmo de Rotterdam: "Si ha cousa que tenha nome contradictorio, é a escola. Os gregos lhe chamavam *scolé*, que quer dizer *lazer, recreação;* os latinos a denominavam *ludus*, que quer dizer *brinquedo;* ora, não ha nada mais alheio á recreação e ao brinquedo do que a escola. Aristophanes *psirontisterion*, ou seja logar de afflicção, de tormento, e este é, decerto, o nome que lhe convém". Todos nós sabemos, pois, que as espaduas das creanças, em Roma, sangravam sob os golpes da palmatoria do pedagogo.

* * *

Edade-Media — No longo periodo que vae de 476 á descoberta da America, e que foi chamada, com muito acerto e exactidão, a noite da humanidade, noite precedida de um dia de gloria, que parecia não devesse ter — e entretanto teve — a sua tarde, e seguida de uma aurora de um sol novo que illuminou um novo mundo e um mundo novo, a Egreja teve o monopolio da Educação.

Era aquelle o tempo em que nada opprimia a liberdade, a iniciativa intellectual; em que se pensava em impôr os dogmas e não em formar as mentes. A disciplina era dura; não se confiava na natureza humana corrompida. O uso dos bancos e das cadeiras era prohibido, porque eram assentos muito altos, e, por isso, occasião de orgulho. A obediencia devia obter-se a todo custo, e por isto se usavam — abusando-se delles — os castigos corporaes, considerados os unicos meios efficazes. A vara estava em moda ainda nos seculos XIV e XV. Havia, porém, differença nas varas usadas naquelles dous seculos: "a seguinte (diz Monteil) — que os chicotes do seculo XV eram duas vezes mais longos que os do seculo precedente". Razão de progresso...

"Dia e noite, dizia um abbade a Santo Anselmo, não cessamos de bater nas creanças confiadas aos nossos cuidados, e ellas peioram sempre!". Santo Anselmo protestou: "Como! Não cessais de bater-lhes? E quando forem grandes que ficarão sendo? Idiotas e estupidas! Eis uma bella educação que transforma homens em animaes!..."

Mas o protesto não remediou o grave mal!

* * *

Escolas dos jesuitas — Não é este o logar proprio para se examinar e julgar a *Ratio studiorum*. A unica parte que nos interessa é a concernente á disciplina. Distribuem-se sem medida as recompensas: entregas solemnes de premios, cruzes, fitas, insignias, titulos, tirados da republica romana, de *decuriões* e *pretores*, e tudo isso para excitar a emulação entre os rapazes, pois que os jesuitas têm esperado muito do amor proprio dos alumnos, ao contrario dos jansenistas que desconfiavam da natureza humana. Mas multiplicam-se, sem medida tambem, os castigos corporaes; como, porém, não condiz com a dignidade do mestre que elle inflija por suas proprias mãos os castigos, ou correcções, a *Ratio* deixa a cargo de um leigo o cuidado de manejar as baquetas (varinhas).

Um corrector adrede, um servente, um porteiro era encarregado em todos os collegios de desempenhar essa nobre missão; elle era o Lang da escola.

Verdade seja que a *Ratio* recommenda a moderação; mas não parece inutil tal recommendação? Que moderação se pode pretender de uma pessoa rustica, ignorante? Effectivamente muitas testemunhas provam que aquelles correctores não tinham a mão discreta.

Si faltava o corrector official, a honra de espancar os companheiros cabia ao *decurião* ou ao *pretor*, o qual era encarregado da disciplina da classe. Notemos o lado altamente educativo desta prescripção!

Si o punido podia provar com testemunhas que outro companheiro seu tinha commettido a mesma falta, — a de ter, por exemplo, falado em francez quando não era o momento — podia ser relevado da punição.

* * *

Tambem na educação particular estava em voga o chicote.

Luis XIV deve officialmente ao duque de Monuntansier o direito de *corrigir* o seu filho. E, ainda antes disso, Henrique IV escrevia á senhora de Montglat, governante de Luis XIII: "Desgosta-me o não terdes açoitado o meu filho; porque eu quero e vos ordeno que o açoiteis toda vez que elle for teimoso ou fizer qualquer cousa de mal, sabendo bem que nada é mais util do que isto, e que por experiencia reconheço haver-me beneficiado, porque na sua edade eu fui muito açoitado."

* * *

Instituto dos Irmãos das escolas christãs — Fundado em 1864 pelo padre J. B. de La Salle, que teve o merito de abrir um anno depois, em Reims, o primeiro seminario de mestres de escola, uma verdadeira escola normal.

La Condotta delle scuole é um regulamento muito particularizado, compillado por La Salle, para o seu instituto. Foi publicado um anno depois da sua morte. Depois se fizeram delle outras edições, uma em 1811 e outra em 1870, mas nestas foram supprimidos alguns pontos referentes á disciplina e ao uso do chicote.

"Circumstancias imperiosas — dizia o irmão Felippe na edição de 1870 — não nos permittem tolerar nas nossas escolas castigos corporaes"...

... Na edição de 1811 se tinha dito: "Reduzimos o *chicote grosso* — cujos inconvenientes experimentámos — a um simples pedaço de corrêa, de cerca de um pé de comprimento e de uma pollegada de largura e dividido em uma das extremidades em duas partes eguaes; confiamos, outrosim, na Providencia divina e na brandura dos nossos carissimos e amadissimos irmãos, que só o usarão em extrema necessidade e só para bater nas mãos sem jamais permittirem que se faça delle outro uso."

(CIACCIA — *Arte de não punir.*)

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

A notavel iniciativa de se levar a effeito um curso essencialmente destinado a um corpo selecto de professores — recrutados das partes mais diversas do Estado — foi coroada dos bons resultados que se esperavam. Foi um curso verdadeiramente notavel, não só pelo serio programma realizado e brilho dos mestres que professaram, mas tambem e sobretudo pela dedicação e pelo enthusiasmo com que as alumnas e as professoras delle participaram.

A 14 de junho, entre os applausos de uma assistencia numerosa, iniciou-o o sr. dr. Francisco Campos, illustre secretario do Interior, que proferiu o admiravel discurso que abaixo se publica. E' uma pagina altissima, digna de ser lida e meditada por quantos se interessam pelo nosso ensino, que é, sem duvida, o problema medular da nossa nacionalidade.

Discurso do dr. Francisco Campos

"Sejam as minhas primeiras palavras de sinceras congratulações com o sr. Presidente do Estado por vermos plantado mais este importante marco com que o seu governo assignala as conquistas que vem realizando para Minas Geraes — para o seu futuro mais do que para o seu presente — nos dominios da educação popular, a que, em todos os tempos, votaram os mineiros solicitude, empenho e zelo apostolares, bem copublica em Minas, reivindicando gencia em que tanto se realçam e fulgem os dons que lhe traçaram a vocação historica para as obras de cultura e de construcção politica, genio ou vocação sem cuja flamma impossivel se tornaria fundir e amalgamar os preciosos elementos materiaes e espirituaes, de que recebemos o thesouro, para com elles levantar o edificio da nossa civilização.

O que aqui e hoje celebramos representa, com effeito, remate importante ao trabalho de construcção de um vasto edificio moral, intellectual e politico, cujos planos architecturaes começam apenas a projectar-se na linha de horizonte das aspirações e dos anhelos do povo mineiro, offerecendo-se a elle como um precioso instrumento de trabalho e de conquistas da sua energia e de sua intelligencia, preparando ás presentes e ás futuras gerações o espirito de emprehendimento e de iniciativa que sómente a educação fundada sobre a observação e a assimilação das realidades physicas e espirituaes, que constituem o ambiente e o quadro em que vivemos, é capaz de formar, orientar e conduzir.

Este o espirito a que obedeceu a recente reforma da instrucção publica em Minas, reivindicando

para a escola primaria a funcção que lhe cabe em todo systema educativo, qual seja a de preparar a adaptação da individualidade infantil ao ambiente social a que ella terá de ser integrada, apparelhando-a dos instrumentos necessarios á utilização dos valores accumulados pelo trabalho das gerações e que todas as forças viris incorporadas á communhão humana cumpre usar não apenas como instrumentos de conservação da vida, sinão de accrescimo e incremento de acção, de dominio e de poder, e, por conseguinte, como instrumento de novas acquisições e de mais extensas conquistas nos dominios ainda tão vastos que a natureza reserva ao homem, — á sua intelligencia, á sua energia, á audacia dos seus emprehendimentos e das suas iniciativas.

Como orgão de adaptação da infancia, que representa a natureza espontanea do lar, ao mundo de valores adquiridos ao homem pela civilização, ao conjuncto de instrumentos de trabalho, de producção e de cultura, que, multiplicando as forças do homem, multiplicam as suas responsabilidades e os seus deveres, á escola cumpre não sómente conhecer o ambiente em que vae inserir as forças humanas que lhe são confiadas, o quadro economico, social e politico a que ellas se destinam como elementos uteis, o complexo de valores materiaes e moraes que se encontram á sua disposição no mundo a que passam a pertencer, o conjuncto de instituições e de processos sociaes que regulam, orientam e disciplinam a actividade humana, assim como tambem, e antes de tudo, cumpre-lhe conhecer a natureza das forças de cuja educação se acha encarregada, a estructura e o funccionamento da machina que as produz, o processo e os graus do seu desenvolvimento, a melhor maneira de aproveital-as e de encaminhar a sua applicação, os methodos mais seguros de augmentar o rendimento do seu trabalho sem prejuizo, antes com vantagem, para a conservação e o crescimento do precioso apparelho em que se operam todas essas inexplicaveis maravilhas.

E' dizer, por outras palavras, que na escola o primeiro logar cabe á creança e que, vicioso, intoleravel e indigno da intelligencia e do coração do homem, será todo systema educativo que á creança não tenha por centro de attenção e de interesse. Todo systema de educação em que a creança não occupe este logar será, com effeito, um estupido e incomprehensivel romance de monstruosas aventuras, tão incomprehensivel e estupido como o seria o romance de D. Quichote — sem D. Quichote.

O conhecimento da natureza infantil do feixe de instinctos, de tendencias, de actividades e de impulsos, de cujas combinações e jogos imprevistos se compõe o que poderiamos chamar a aventura dramatica da infancia para se fazer comprehendida e amada dos adultos, aspirando, com a irresponsabilidade napoleonica da sua innocencia, a participar da vida

dos adultos no que ella lhe parece conter de caprichos, de regalias, privilegios e poderes divinos, o conhecimento da creança, para que se torne util na direcção das suas forças e virtualidades, ha de ser adquirido não sómente pela intuição empirica, que apenas nos descortina horizontes vagos e indefinidos, senão tambem pelos processos e methodos scientificos, os quaes nos permittem estabelecer na carta diffusa levantada pela nossa visão intuitiva, pontos de reparo, linhas precisas, relevos accentuados, relações de nivel e de distancia, de que resultam orientação segura e golpe de vista firme e calculado

Assim como a medicina evoluiu da bruxaria, a chimica da alchimia, a astronomia da astrologia, a educação tende, egualmente, a evoluir do conjuncto de praticas, de receitas e empirismos, apropriando-se, na investigação do seu objecto, dos methodos e processos scientificos.

Si a creança é, portanto, o dado inicial e o mais importante objecto em todo systema congruente de educação, o primeiro objecto de conhecimento scientifico, para que a educação se eleve á altura de sciencia, deverá ser a creança. O estudo da natureza infantil e, por conseguinte, da natureza humana, será um presupposto obrigatorio dos estudos subsequentes, a saber, dos processos de tratal-a, dos meios de favorecer o seu desenvolvimento physico e espiritual, em summa, um presupposto irremovivel para a solução do problema do que se deve ensinar e da maneira de se ensinar.

A' biologia e á psychologia incumbe descortinar aos nossos olhos do envolucro de phantasia sob o qual nos habituamos, na nossa irresponsabilidade, a consideral-a, a natureza infantil, taxando-a de caprichosa ou de energumena, mostrando-nos as forças que actuam no corpo e na alma da creança como os seus apparentes caprichos constituem necessidades e tendencias fundamentaes á natureza humana, como a superficial incongruencia das suas actividades representa uma etapa indispensavel na ordem do seu crescimento physico e mental, como e porque se orientam os seus interesses e appetites, como se desenvolve a curva das suas aptidões e qual a nutrição mais conveniente a cada estadio do seu crescimento corporeo e espiritual.

Ahi estão os fundamentos da sciencia da educação. Tudo mais, curriculum escolar, programmas, methodos de ensino, constituem resultados, conclusões, illações e consequencias. Como ensinar arithmetica, linguagem, geometria, sciencias naturaes, desenho, musica; si a grammatica deve constituir objecto de ensino na escola primaria (o que, entre parenthese, é, no conceito de Spencer, um estupido costume), — todas estas questões, capitaes, fundamentaes, irritantes, e inadiaveis encontram as raizes da sua resolução no conhecimento da creança e da sua natureza.

Do equipamento do professor primario é, portanto, forçoso faça

parte o estudo do organismo physico e espiritual da creança, como do equipamento de todo operario, para que trabalhe intelligentemente, é indispensavel o conhecimento do material sobre que opera e trabalha.

Mais ao professor do que aos demais trabalhadores cumpre, como dever de consciencia, conhecer a sua materia prima, porque a do professor é daquellas que se não recuperam ou substituem.

Ahi está a razão deste curso, com o qual se offerece ás professoras opportunidade feliz de mais de perto, embora longe della, tomarem conhecimento adequado, com uma realidade que a todos nós, antes de entrarmos na sua intimidade, mais nos parece uma phantasia, um brinquedo ou um ephemero capricho da natureza.

O que, porém, mais dfficil torna a condição do operario, e — por que não dizer? — a condição humana, é que só a sciencia não basta, nem, talvez, bastará jamais, ao exercicio ainda dos mais humildes misteres, principalmente o vosso, que não encontra superior em merito e em difficuldades. Só com a sciencia não conseguiremos comprehender a creança, grandeza incommensuravel, como todas as grandezas vivas, com os nossos miseraveis instrumentos de medida. Não basta ao homem, pois, em qualquer dominio, quanto mais no vosso, o espirito de geometria.

E' indispensavel recorrer ao espirito de finura, a esse sentido do imponderavel, a que todos nós pedimos contribuição e auxilio, para nos guiar em todos os caminhos, particularmente nos caminhos ainda tão obscuros do espirito.

O de que, porém, na educação, mais se precisa é dos grandes professores. E estes, a sciencia só não os faz ou suscita dentre os homens.

O de que na educação mais se precisa do que de sciencia, é de alma. Porque só a alma transforma as verdades e os conhecimentos em forças espirituaes, transmutando, pela sua acção de presença, as apercepções neutras da intelligencia em valores activos e militantes.

Minas Geraes se sentiria feliz si pudesse contar em cada professora com uma alma disposta a transformar a sua escola ou a sua classe em uma cousa viva e magnetica, digna da sabedoria e da innocencia das creanças."

Relatorios

Para melhor comprehensão do que foi o Curso de Aperfeiçoamento, publicamos tres relatorios referentes aos tres mezes de trabalho, de 14 de junho a 15 de setembro.

Junho

"Depois de ter correspondido ao chamado do Governo, ouvindo em dias consecutivos de arduo e trabalhoso dispendio de energias intellectuaes, posso, nas ligeiras linhas que se seguem, dar contas do que me foi possivel, dos methodos e processos pedagogicos, observar e registrar com justeza.

Dia 9

No dia 9 de junho, realizou-se, no Grupo "Barão do Rio Branco", ás 20 horas, a 11.ª conferencia pe-

dagogica do egregio educador exmo. sr. Inspector Geral da Instrucção, dr. Alberto Alvares.

A conferencia teve por thema "Iniciação do calculo arithmetico nas classes primarias" e foi illustrada com exemplos concretos, tornando-se o auditorio, que se compunha de professoras da Capital e do interior, perfeitamente sciente do assumpto.

Para realçar o merecimento do raciocinio e da attenção, indispensaveis ao ensino do calculo, começou o conferencista a expor um facto relatado por Garnier, que constitue uma fonte viva de optimo meio intuitivo. Enalteceu o conferencista o valor do raciocinio e da attenção no estudo da arithmetica, desenvolvidos pelos methodos intuitivos que devem ser os empregados no ensino do calculo, porque do contrario o ensino será decorativo e a creança não ficará tendo o conhecimento de quantidade.

DIA 11

A inauguração do Curso Decroly, no Grupo "Barão do Rio Branco", sob a competente direcção da professora d. Thereza Figueiredo dos Santos, foi honrada pela presença de ss. excs. drs. Secretarios do Interior e Inspector Geral da Instrucção.

DIAS 12 E 13

Algumas aulas assistidas no Grupo "Barão do Rio Branco", bem mostraram a optima organização do centro de interesse para a sua classe, que é, sem duvida, uma obra de um espirito intelligente e observador.

DIA 14

Inaugurou-se, ás 20 horas, na Escola Normal Modelo o "Curso de Aperfeiçoamento" para professoras, o qual visa desenvolver e aprimorar a educação do povo, em nosso Estado, de accordo com os mais modernos processos pedagogicos seguidos nos paizes de mais adeantada cultura.

A inauguração verificou-se com a presença dos exmos. drs. Francisco Campos, Oscar Paschoal, Alberto Alvares, Christiano Machado, Abilio Machado, Edgard Renault e Oswaldo de Mello Campos.

O exmo. sr. dr. Francisco Campos proferiu um brilhante discurso, sendo calorosamente applaudido pela assistencia.

Após este discurso, deu inicio á sua primeira aula de biologia o illustre e competentissimo professor dr. Oswaldo de Mello Campos, cujo assumpto versou sobre o systema nervoso.

Minuciosamente explicou a sua divisão e sub-divisão, o systema nervoso peripherico e as funcções da medulla.

Achavam-se desenhados no quadro negro nervos rachidianos, neurones. A prelecção foi acompanhada de nitidas projecções que muito auxiliaram a boa elucidação do assumpto.

Finalizou-a o mestre com a brilhante leitura de algumas conclusões pedagogicas de Demoor e Jonckheere.

DIA 15

Continuação da aula anterior pelo professor dr. Oswaldo de Mello Campos.

Systema nervoso

Systema da vida de relação. Centros nervosos: cerebro e cerebello, bulbo rachidiano, medulla espinal.

As explicações foram dadas pelo mesmo processo da licção antecedente.

DIA 16

Conferencia pedagogica pelo dr. Alberto Alvares, sobre "Calculo arithmetico". (Continuação).

Comparação das grandezas. Methodo empregado. Exercicios sensoriaes, visual e auditivo. Noção intuitiva dos numeros. Methodos applicados para a representação das quantidades.

Todos esses ensinamentos foram ministrados com grande competencia pelo illustre conferencista.

DIA 17

As aulas theoricas de biologia, dadas pelo professor dr. Oswaldo de Mello Campos, completaram-se pelo ensino pratico da materia. Este se verificou com efficiencia, num dos bem installados laboratorios da Escola Normal Modelo, pelo qual pude melhor assimilar os ensinamentos da aula precedente.

DIA 18

Aula de biologia, cujo assumpto versou ainda sobre o systema nervoso, apresentando o professor, no quadro negro, eschemas referentes a esta aula.

DIA 19

Aula de biologia pelo professor dr. Oswaldo de Mello Campos.

Classificação dos orgãos do sentido. Sentido da vista. Anomalias da visão: hypermetropia e myopia.

Esta aula foi elucidada por meio de projecções.

DIA 20

Aula de methodologia, ministrada intelligentemente pelo prof. dr. Alexandre Drummod.

Dissertou o conferencista sobre a importancia da pedagogia como sciencia de educação, esclarecendo as vantagens trazidas para o ensino, no desdobramento desta cadeira em: biologia, hygiene, psychologia educacional, methodologia e outras sciencias.

DIA 21

Na Escola Infantil "Dr. Delfim Moreira", poude-se obter varios conhecimentos sobre os processos Decrolyanos, mostrando a professora d. Albertina Magalhães grande competencia na exposição de todo material alli existente.

DIA 22

"Pratica escolar", pelo professor Firmino Costa.

Programma do Ensino Primario

O professor, intelligentemente, explicou os diversos meios como devem ser executadas as differentes disciplinas.

Trouxe-me grande interesse o processo applicado para o *dictado*.

DIA 23

Conferencia pelo dr. Alberto Alvares. Continuação do "Calculo arithmetico".

Como nos dias anteriores, tomei o plano da conferencia e fiz o resumo.

DIA 25

Aula de biologia. Professor dr. Oswaldo de Mello Campos.

Classificação dos sentidos. Audição e visão.

Ensino das varias molestias de ouvido e vista.

DIA 26

"Processos geraes do ensino primario", pelo professor dr. Alexandre Drummond.

Depois de dadas todas as definições do processo de ensino, disse-nos o illustre professor que os processos se relacionam com a materia do ensino, capacidade pedagogica do docente, talento do alumno e até com a maior ou menor riqueza do material didactico de que possa dispor a escola.

DIA 27

Psychologia educacional. Professor dr. Iago Pimentel.

Antes de iniciar a aula, o admiravel professor dissertou longamente sobre a vida dos seres vivos, assumpto que muito encantou a assembléa.

DIA 30

Durante o periodo de 21 a 30 do expirante, foram ministradas aulas de desenho pela distincta e intelligente professora d. Maria Macedo.

Penso, sr. dr. Director da Instrucção, nas ligeiras e despretenciosas notas que ahi ficam, ter podido acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos do "Curso", em boa hora confiado á orientação sabia de v. exc.

Aproveito a opportunidade para reiterar a v. exc. os protestos da minha grande estima e consideração.

Maria Clara Mendes

Bello Horizonte, 30 de junho de 1928."

Julho

"Exmo. sr. Inspector Geral da Instrucção. — Em cumprimento ás ordens que recebi, ao iniciar os trabalhos do Curso de Aperfeiçoamento, nesta Capital, passo ás mãos de v. exc., o relatorio allusivo aos exercicios pedagogicos a que assisti, bem como aos que realizei, durante o mez de julho findo.

Tendo exarado na primeira pagina deste, o summario dos referidos trabalhos, descrimino-os aqui, parcelladamente, dia a dia.

Dia 2, segunda-feira:

Comparecendo á aula pratica, desenhei um livro sobre uma mesa e, á noite, na Escola Normal, assisti á conferencia do dr. Oswaldo Campos, sobre apparelho da audição e da phonação; após a sua clara exposição, o professor projectou na tela o desenho (fig. 1), do apparelho auditivo, discorrendo sobre a importancia pedagogica, não só deste, como do apparelho da phonação, pois, comquanto não comprehenda este ultimo os orgãos sensoriaes tem, comtudo, grande valor na educação.

Fig. 1

Conclusões pedagogicas

Sob o ponto de vista educativo o ouvido é o conjuncto de orgãos sensoriaes que maior cuidado exige do professor, porque grande parte dos nossos conhecimentos escolares, obtemos por via oral; ora, si a creança ouve mal, não se interessa pelo ensino e tornase desattenta, não podendo, portanto, acompanhar o progresso de seus condiscipulos.

A' professora cumpre, então, examinar a acuidade auditiva dos alumnos e adoptar medidas pedagogicas, isto é, collocar mais perto de si as creanças que ouvirem mal, devendo tambem mandal-as ao medico escolar, si o houver na localidade e, no caso contrario, pedir á familia dos alumnos que tome as providencias necessarias. Quanto aos orgãos da phonação podem tambem apresentar defeitos, como a gagueira que geralmente augmenta ou apparece mesmo no periodo escolar, devido ao temor que as creanças têm dos professores; estes, portanto, devem approximar-se dos alumnos como verdadeiros amigos afim de que elles continuem na escola a vida do lar.

Dia 3, terça-feira:

Desenhei um cubo sobre um livro; visitei a classe Decroly, do grupo "Pedro II", regida pela professora d. Maria da Gloria Barros e, á noite, compareci á conferencia do dr. Alexandre Drummond que, discorrendo sobre a evolução do ensino, desde a sua phase embryonaria, até a organização moderna, e systematização dos programmas de ensino pelo processo Decroly, projectou na tela o retrato de educadores, como Victorino, Rabelais, Comenius, Pestalozzi, Bacon, Montes-

sori, Descartes, Erasmo, Decroly, etc., dando os traços biologicos de cada um.

Conclusões pedagogicas

Si, para os professores o que mais importa é conhecer a vida dos educadores, sob o ponto de vista pedagogico, devemos estudar com cuidado os seus processos educativos, comparal-os e applicar os que se nos afigurarem mais uteis e promissores. Note-se, porém, que o bom professor tornará qualquer processo sempre proveitoso, desde que saiba dar-lhe uma direcção attrahente capaz de interessar á sua classe.

Dia 4, quarta-feira:

Desenhei varios croquis para centro de interesse, na classe Decroly.

Dia 5, quinta-feira:

Desenhei a pyramide quadrangular. Dei, na classe Decroly, uma aula de licções de cousas, tendo apresentado como centro de interesse a laranja e as uvas, empregando croquis no quadro negro.

Assisti á conferencia do dr. Iago Pimentel, sobre a divisão dos phenomenos psychicos e sobre a importancia dos actos reflexos localizado e irradiado, a partir das rãs até ao homem.

Conclusões pedagogicas

Na educação, sobretudo infantil, tem grande importancia o estudo dos actos reflexos, porque a creança, ao nascer, tem muito desenvolvimento e quasi completas as funcções medullares, ao passo que a acção frenadora do cerebro é ainda quasi nulla sobre aquelle centro nervoso, a qual só apparece mais tarde, de sorte que a creança no periodo escolar é, a cada passo, surprehendida por uma serie de reflexos. Seria anti-pedagogico tolher as creanças no recreio e mesmo durante as aulas, obrigando-as a uma posição incommoda, o que equivaleria a querer o professor que ellas negassem respostas ás excitações exteriores, isto é, supprimir-lhe os actos reflexos tão communs e naturaes no organismo infantil. A escola deve ser activa, pois a creança tem necessidade disso para o seu desenvolvimento physico e mental.

Dia 6, sexta-feira:

Conclui o desenho iniciado na aula anterior; acompanhei as aulas da classe Decroly do grupo "Pedro II", e á noite assisti á conferencia do professor Firmino Costa que, falando sobre a professora, destacou os seus principaes deveres, como responsavel pela educação da infancia e, por conseguinte, pela educação da patria, visto ser ella quem fórma o carecter do menino de hoje que será o cidadão de amanhã.

Discorrendo sobre o valor da collaboração da professora em todos os ramos da actividade escolar, leu uma especie de exame de consciencia que ella deve sempre fazer, o qual se intitula — "Meus Deveres". — Citemos, dentre outros, os seguintes artigos desse trabalho:

1.° — Minha escola se acha bem installada?

2.° — Revela o bom gosto na organização da sala?

3.° — Está perfeitamente organizada a classe?

4.° — E' a classe um centro de actividade onde todos trabalhamos?

5.° — Tenho promovido a collaboração entre a escola e a familia?

6.° — A hygiene tem logar de honra na minha escola?

7.° — Sustento lucta tenaz contra o alumno fumador?

8.° — Aproveito a occasião para combater o alcool?

9.° — Interesso-me pela caixa escolar?

10° — Trato da assistencia aos meninos pobres?

11° — Está bem feita a escripturação da escola?

12° — Conservo em dia o caderno de preparo de licções?

13° — Acha-se organizada a bibliotheca escolar?

14° — Tem o grupo museu?

15° — Leio o manual do padre Paulo?

16° — Estou a par do regulamento de ensino?

E assim por deante, até ao numero 79, que é o seguinte:

— Adopto uma divisa para a minha vida?

"Educar-se para educar" — deve ser a divisa da professora.

Conclusões pedagogicas

O enthusiasmo que este engenhoso exame de consciencia desperta na professora será o mais poderoso incentivo, ao cumprimento de seus deveres sagrados. Percebe-se claramente que este foi o intuito do dedicado professor que, pugnando pela evolução do ensino, deixa estampada alli uma bellissima norma de conducta que todos os professores, como guias da infancia e obreiros do progresso, devem observar sempre.

Dia 7, sabbado:

Desenhei uma caixa aberta; auxiliei na classe Decroly, do grupo "Pedro II" e assisti, no grupo "Barão do Rio Branco", a uma conferencia do professor Julio de Oliveira que, apresentando no quadro negro, o diagramma do systema Decroly, leu um trabalho em que narrava diversos factos de sua estadia na escola de Ermitage, em Bruxellas; explicou em seguida como dera uma aula modelo, no grupo "Pedro II", pelo processo Decroly e mostrou, praticamente, como conseguir o bom exito, neste processo.

Fig. 2

Dia 9, segunda-feira:

Continuei o desenho da aula anterior; dei, na classe Decroly, uma aula de calculo arithmetico na qual, empregando croquis, no quadro negro, dei ás creanças a noção concreta de dezena; primeiro, isoladamente, depois reunida a 1, 2, 3 e mais unidades, até se formarem duas dezenas. Guiando as creanças, para que repetissem o que eu lhes havia ensinado, fiz os mesmos exercicios, empregando material Discat.

A' noite, compareci á Escola Normal onde assisti á conferencia do dr. José Olinda de Andrada que, iniciando as suas conferencias allusivas á Historia da Civilização, falou eloquentemente sobre a evolução da pedagogia. Demonstrando a influencia que nos problemas educativos, tiveram os povos orientaes, bem como a Grecia, e Roma cuja civilização nada mais foi que um plagio da civilização grega, salientou a importancia do monotheismo no desenvolvimento pedagogico, assim como a dos factores economico, financeiro, artistico, literario e social, nos problemas pedagogigos; na legislação e na literatura do mundo antigo, destacou: Minos, Lycurgo, Solon, Socrates, Aristoteles, Platão, Xenophonte Thales de Mileto, Archimedes, Petrarcha, Varão, Cicero, Quintiliano, Virgilio, Cesar, Seneca, etc., etc., tendo falado sobre as escolas gregas e romanas.

Dia 10, terça-feira:

Desenhei folhas em diversas posições, para centro de interesse da aula de lições de cousas; visitei o grupo escolar "Barão de Macahubas", onde acompanhei as aulas

de gymnastica rhythmica e canto.

A' noite, assisti, na Escola Normal, á conferencia do dr. Alexandre Drummond que, baseando-se em innumeras experiencias, salientou as vantagens do ensino intuitivo, quer se applique a intuição natural ou directa, quer a indirecta ou finalmente a symbolica.

Conclusões pedagogicas

Si Comenius, Rabelais, Montaigne, etc., em épocas bem remotas, já indicavam o ensino intuitivo, si Pestalozzi fez deste excellente meio a base de seu systema de educação, modernamente os professores o acclamam como o verdadeiro caminho a seguir para a acquisição de todos os conhecimentos de que tratam os nossos programmas escolares. Cumpre então, ao professor exercitar a attenção dos alumnos, examinar e educar os seus orgãos sensoriaes, sobre tudo a vista, o tacto e o ouvido, para que, apresentado o objecto, as creanças lhe distingam bem a fórma, a côr, as dimensões, a dureza, o peso, etc., e percebam claramente, tudo o que se lhes disser a proposito do mesmo.

Dia 11, quarta-feira:

Desenhei um chapéo de senhora; fui ao grupo "Barão de Macahubas" onde estive presente á aula de desenho.

Assisti á conferencia do dr. Iago Pimentel que, falando no mechanismo dos reflexos, expendeu varias considerações sobre o estudo de alguns anatomistas relativamente ao assumpto; lembrando a secreção salivar que a simples presença da carne provoca no cão, excitado pela corrente electrica, desde que, sob a acção dessa mesma corrente, elle se tenha habituado a receber daquella carne, provou a importancia do habito na educação.

Conclusões pedagogicas

Si nos proprios irracionaes o habito produz verdadeiras maravilhas, a ponto de parecer consciente um acto puramente reflexo, concluimos que na educação da creança póde elle ter grande influencia quer seja activo, quer passivo, isto é, quer dependa de sua vontade como acontece quando exerce bem um trabalho porque, voluntariamente se habituou a elle, quer reduzindo-a a um ser automato, como se observa em certas creanças que, habituadas ao castigo, tornam-se indifferentes a tudo.

E' preciso, portanto, que a professora, na correcção dos habitos, empregue meios suasorios, lembrando-se de que, sendo elle uma segunda natureza, o meio seguro de corrigir um mau habito, é substituil-o por um habito bom.

Dia 12, quinta-feira:

Concluido o desenho da aula anterior fiz varios croquis para a aula de lições de cousas que realizei em uma classe de 4.º anno no grupo "Cesario Alvim".

Dia 13, sexta-feira:

Desenhos de croquis: laços, papel torcido, etc.

Comparecendo á Escola Normal, assisti á conferencia do professor Firmino Costa, na qual apresentou directrizes ás professoras, relativamente aos deveres semanaes, isto é, falou da primeira semana de aula destinada á organização da classe; das semanas, da pontualidade, da attenção, da hygiene e da polidez ;como em cada semana se escreverá no quadro negro um desses deveres; disse que se deve fazer isso, empregando, para a pontualidade, o giz azul, que lembra o céo onde, com impeccavel pontualidade, os astros apparecem e desapparecem diariamente; para a attenção, o giz amarello, symbolizando o sol que aclara a intelligencia; para a hygiene, o giz vermelho, emblema da saude que só póde, existir em um organismo robusto, dotado de um sangue forte; para a polidez, um giz commum, porém entre flores, por-

que a polidez é a flor da vida social.

Conclusões pedagogicas

O espirito do regulamento do ensino primario, no tocante á discriminação dos deveres de cada semana, visa, como bem se vê, chamar a attenção dos alumnos para a importancia que tem, na escola, a frequencia ás aulas; a attenção ás lições; a observação dos principios de hygiene; as normas da civilidade, habituando, não só as creanças, mas tambem as professoras a exercerem fiel e methodicamente todos os seus deveres escolares. E', portanto, medida de grande alcance, cuja execução se deve exigir das escolas que ainda não a adoptaram.

Dia 14, sabbado:

Assisti no grupo "Barão do Rio Branco", á conferencia do dr. Alberto Alvares, sobre a psychologia e a methodologia da orthographia e do dictado, o qual, apresentando no quadro negro, o quadro em que a professora deve systhematizar os erros do dictado, e o graphico-diagramma, para apurar o aproveitamento, disse que, tendo o alumno vencido as difficuldades mais communs da leitura e da escripta, tem necessidade de apprender a ortographia, pois, muitas creanças, sem recursos, contam apenas com o ensino da escola primaria. Si bem que a orthographia faça parte dos nossos programmas, comtudo, não tem sido objectivo de verdadeiro estudo em nossas escolas, continúa o conferencista; e diz ainda: A orthographia deve ser estudada á parte, isto é, independente do dictado, porque este não é um meio de ensinar a orthographia, mas, um processo, assim como a leitura, de auxiliar a fixação das acquisições da orthographia.

Ha duas especies de dictado: o de controle, para verificar o adeantamento dos alumnos; e o outro sem o controle, que deve ser abolido, porque só serve para derramar o erro no cerebro do alumno, principalmente se o professor, corrigindo os dictados, apenas sublinha os erros e os devolve aos alumnos, pois, a imagem desse erro é que se grava. O texto para o dictado deve ser explicado aos alumnos, escrevendo o professor, no quadro negro, todo esse texto e, com giz de côr, a parte de cada palavra que offerecer difficuldade. Antes de se ensinar a orthographia, deve-se verificar o gráo de adeantamento da classe, para que se possa fornecer textos de accordo com a capacidade dos alumnos; o dictado só se deve dar, quando se tiver certeza de que todos os alumnos sabem o texto, afim de que elles o possam fixar, pondo em jogo as tres imagens sensoriaes: auditiva, motriz e visual; o dictado se fará em tiras de papel, e nunca nos cadernos de classe, porque, o professor marcará alli os erros, mas não o devolverá aos alumnos.

O dictado no ensino de orthographia, é como a *vernisagem* na pintura; serve para fixar os conhecimentos adquiridos. O meio mais pratico para se verificar o adeantamento de uma classe no dictado, é o graphico ou diagram-

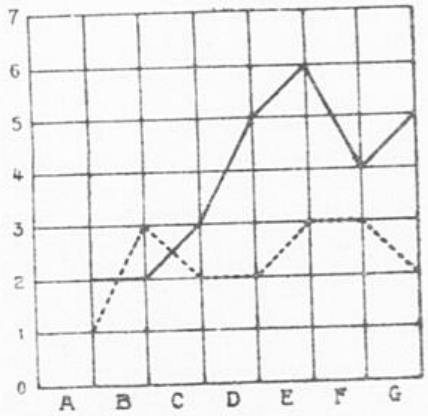


Fig. 3

ma (fig. 3) que indicará o numero de erros de cada alumno em um primeiro dictado, por meio de uma linha de côr; em um segundo por uma ponteada, e assim por

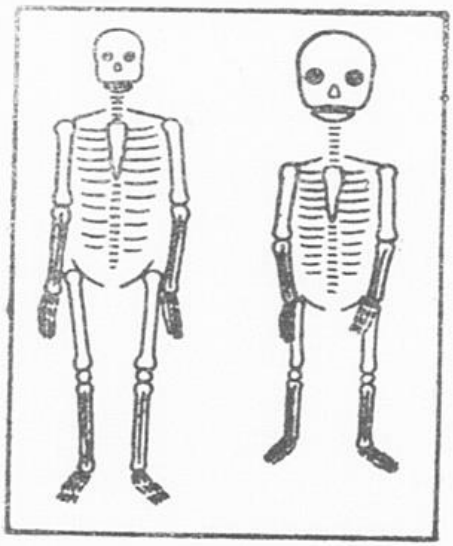
deante. Si alguns alumnos errarem mais no 2.º dictado, cumpre verificar a causa disso, a qual póde ser um defeito de visão, de audicção ou mesmo falta de attenção do alumno, devendo a professora tomar as providencias necessarias.

Dia 16, segunda-feira:

Desenhando varios croquis, fui ao grupo "Pedro II" e dei, na classe Decroly, uma aula de leitura, empregando fichas de sentenças.

A' noite, assisti, na Escola Normal, á conferencia do dr. Oswaldo Campos, que falou sobre a hygiene infantil, como o mais bello capitulo do que se póde chamar medicina escolar.

Explicando o objectivo da hygiene escolar, mostrou a importancia das collaborações medico-pedagogicas; tratando do desenvolvimento physico, discorreu sobre as suas leis e sobre os indices do crescimento; elucidando mais as suas exposições, projectou, na tela o quadro seguinte, afim de provar a differença que ha entre os esqueletos, de um recem-nascido (n. 1) e de um adulto (n. 2).



1 2

Fig. 4

Conclusões pedagogicas

Observando os croquis acima, vê-se perfeitamente que a creança tem a cabeça e o tronco, relativamente, muito grandes, assim como as pernas muito curtas, logo ella não é uma simples miniatura do homem, e sim, um ser em evolução, para quem todos os nossos cuidados devem voltar-se. No periodo escolar, o professor precisa ter grande vigilancia, relativamente á posição das creanças nas carteiras, principalmente nos exercicios de leitura e escripta, onde não raro, ellas se tornam victimas da myopia, e, ainda mais, da escoliose (desvio da columna vertebral) e da cyphose (corcunda).

Merece especial cuidado o typo de carteiras que devem ser individuaes, hygienicas, de accordo com o desenvolvimento do alumno e ter negativa a distancia entre o banco e a mesa.

Dia 17, terça-feira:

Comecei o desenho de uma folha de ervilha em uma columna sobre um cubo; dei em uma das classes de 4.º anno do grupo "Olegario Maciel", uma aula, de calculo arithmetico e, á noite, assisti, na Escola Normal, á conferencia do dr. Alexandre Drummond que falou sobre systemas e modos de ensino, fazendo parcelladamente a critica de cada um dos modos: individual, simultaneo, mutuo e mixto; salientando suas vantagens e desvantagens, provou ser o modo mixto o melhor de todos, porque movimenta a classe, despertando nella a emulação e dá ao professor o ensejo de conhecer o aproveitamento de seus alumnos.

Conclusões pedagogicas

Seja qual fôr o modo de ensino, o seu resultado será nullo, si o professor não tiver gosto e competencia para o magisterio.

O bom resultado de uma classe depende, portanto, da maneira pela qual o professor organiza a sua

aula, agrupando convenientemente os alumnos, despertando nelles a attenção para o que vae ensinar, tornando o trabalho attrahente afim de interessar a classe, tirando, emfim, o melhor partido de tudo e do tempo que tiver a sua disposição.

Dia 18, quarta-feira:

Concluindo o desenho iniciado na aula anterior, fui ao grupo "Olegario Maciel", e alli assisti ás aulas de leitura e escripta dos alumnos do 1.° anno de d. Esther de Mello, aos quaes dei uma aula pratica de desenho.

A' noite, estive na Escola Normal afim de assistir á conferencia do dr. José Olinda de Andrada, que, continuando a explicar a evolução da pedagogia na edade média, determinou os factores que influiram decisivamente no desenvolvimento das idéas pedagogicas, taes como o christianismo, o islamismo, já pela inflexibilidade daquelle, por sua facil repercussão e pelo seguro apoio que encontrou nos imperadores romanos — Adriano, Constantino, etc. e, mais tarde, Carlos Magno; já pelo symbolismo de que se revestiu este, e pelo desenvolvimento que deram os arabes ás sciencias, letras e artes (sciencias physico-naturaes, astronomia, historia e architectura), comquanto não fossem ainda bem estabelecidas as sciencias, naquella época. Referindo-se á inefficacia pedagogica dos elementos: politico, economico, financeiro e social, na edade média, falou do regimen da patrimoneidade; da desvalorização do trabalho e do capital; da má organização dos imposto e inexistencia do credito; da organização da sociedade que comprehendia os barões, os vassallos e os cavalleiros (regimen feudal), em que pouco a pouco o poder feudal substituiu o poder real, isto é, passagem do poder, dos governantes, para os governados.

Dia 19, quinta-feira:

O trabalho de desenho foi, nesse dia, um lyrio; estive depois, no grupo "Cesario Alvim", onde dei, na classe de d. Maria Duarte, uma aula de lições de cousas — sobre feridas e microbios.

A' noite, na Escola Normal, assisti á uma segunda conferencia do dr. Alberto Alvares sobre o modo de ensinar a orthographia e o de apurar o adeantamento dos alumnos, pelo dictado de controle, pelo graphico. Projectando, na tela, palavras de orthographia difficil, provou ser insufficiente a simples vista de um vocabulo, para fixar-se a sua orthographia, tendo grande influencia a sua disposição logica na sentença, cuja orthographia se quer ensinar. Feito isto, apresentou ao estudo dos alumnos, o seguinte texto: "A sua *hy*pocrisia *as*cendeu á su*mm*a corru*pç*ão de que os mesmos gestos eram sy*m*ptomas", no qual as syllabas que offerecem difficuldade foram escriptas com giz de côr. Explicadas, em todos os sentidos, as palavras: hypocrisia, ascendeu, summa, corrupção e symptoma, continuou o conferencista, deve o professor soletral-as para que os alumnos as escrevam e as leiam, em seguida, conjunctamente; adquirido o conhecimento da orthographia, far-se-á o dictado para fixal-o bem e, na correcção deste, empregar-se-á o seguinte quadro, no qual a primeira columna é destinada aos nomes dos alumnos e as outras, encimadas pelas palavras mais difficeis, se destinam aos erros commettidos.

Depois do primeiro dictado cada alumno escreverá, em seu caderno, familias das palavras estudadas, devendo o professor ter já organizada a sua lista de mil palavras que gradativamente irá esinando, do 1.° ao 4.° anno.

Conclusões pedagogicas

A vantagem deste quadro é a systematização dos erros, pois, facilmente, se vê que na palavra hypocrisia foi que mais erraram, e maior numero de erros (2) foi

NOMES	HYPOCRISIA	ASCENDENTE	SUMMA	CORRUPÇÃO	SYMPTOMA
Luiz	i				to
Jose	hi				
Pedro		ass			
João	cry				

de Luiz, portanto, basta ensinar de novo a orthographia das palavras erradas, a começar de hypocrisia, chamando, de preferencia, as creanças que mais erraram.

Como se devolvem aos alumnos os seus dictados que serão feitos em pedaços de papel, os erros não se gravarão em seu cerebro.

A organização de familias das palavras estudadas é um meio optimo pelo qual os alumnos fixarão melhor a orthographia das mesmas e augmentarão o seu vocabulario.

Dia 20, sexta-feira:

Concluindo o desenho iniciado na aula anterior, fui ao grupo "Olegario Maciel", onde dei aulas de arithmetica e geometria aos alumnos de 4.º anno, verificando o aproveitamento da classe por meio de tests collectivos.

Neste mesmo dia, assisti á conferencia do professor Firmino Costa que falou sobre a importancia do ensino intuitivo, processo indispensavel na escola primaria e secundaria. Como principaes meios intuitivos, apresentou o quadro negro, os taboleiros de areia, as excursões escolares, etc. Salientou bem a necessidade das excursões para que os alumnos conheçam de perto a séde escolar, o que muitas vezes não se dá, pois, não raro, um alumno discorre perfeitamente sobre montanhas da Europa, sobre os rios da Asia, por exemplo, mas não conhece os morros que circundam a sua cidade nem os corregos que a banham.

Conclusões pedagogicas

Os meios intuitivos não só facilitam á acquisição dos conhecimentos escolares, mas ainda tornam o estudo agradavel e o trabalho attrahente. As noções dadas intutitivamente, gravam-se muito mais que quaesquer outras abstractas, porque põem em jogo os orgãos sensoriaes da creança, principalmente a vista, o ouvido e o tacto.

As excursões escolares, com ser agradaveis aos alumnos que nellas encontram verdadeiros exercicios recreativos, exercem influencia benefica no seu espirito, sempre curioso e avido de novidades, tornando-os alegres e expansivos, além de lhes fornecer grande somma de conhecimentos geographicos, historicos e de cousas da natureza; ainda mais, o ar puro que respiram nessas excursões lhes activa a circulação, vigorando-lhes as forças.

Dia 21, sabbado:

O modelo apresentado para o desenho foi um peixe.

Ao meio-dia, estive no grupo de lições de cousas, na classe Decroly.

A' noite, fui ao grupo "Rio Branco", onde assisti á conferencia do dr. Alberto Alvares que se occupou da leitura inicial, pelo processo de globalização ou ideovisual, indicando suas vantagens

e demonstrando a technica do seu emprego. Apresentou o quadro — *Conta corrente*, do professor, no qual se vão marcando as syllabas empregadas. Por exemplo, si a professora empregar a sentença: Paulo mostra a tua laranja, o quadro accusará o seguinte:

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	y	z
a									ja		lo la	mos			pau		ran		tra tu					

A' medida que o professor fôr empregando syllabas novas irá marcando nas columnas correspondentes.

Dia 23, segunda-feira:

Conclui o desenho da aula anterior; assisti áse aulas de geographia e historia natural na classe de d. Julieta Linhares, no grupo "Affonso Penna".

Compareci á conferencia do dr. Oswaldo Campos, cujo thema foi o crescimento mental e suas leis. Explicando como se succedem contrariamente as phases desse desenvolvimento, em relação ás do crescimento physico, illustrou a sua prelecção com projecções na tela. Tendo falado nas vantagens de se tornar a escola semelhante ao lar, onde se respeitem a iniciativa e a liberdade da creança, terminou a sua conferencia com as seguintes conclusões e conselhos pedagogicos: 1.°, o crescimento mental da creança é não só quantitativo, mas tambem qualitativo. 2.°, o crescimento quantitativo e rhythmado, comprehende phases de acceleração e afrouxamento. 3.°, o crescimento qualitativo: as differentes funcções attingem successivamente o seu ponto culminante. 4.°, os grandes factores do desenvolvimento mental da creança são o jogo, a imitação e o interesse, e é a elles que o educador deve recorrer para levar a cabo a sua missão. 5.°, todo o ensino e toda a educação devem acompanhar a evolução normal da vida physica e psychologica da creança, respeitar a sua iniciativa, despertar o seu interesse.

Dia 24, terça-feira:

Comecei o desenho de aves; assisti á uma aula de gymnastica no grupo "Affonso Penna" e compareci á conferencia do dr. Alexandre Drummond que falou sobre a methodologia da leitura e da escripta — elementos fundamentaes sobre que repousa o desenvolvimento do ensino ampliado pelas noções dos calculos arithmeticos.

Discorreu sobre a origem da escripta duplamente inventada: no Egypto e na India; falou sobre o alphabeto e suas phases de desenvolvimento e propagação dos povos orientaes para os outros povos. Referindo-se á leitura, tratou dos processos antigos de soletração, aos quaes succedeu o processo de syllabação, seguindo-se o de palavração e, finalmente, o da sentenciação.

Tendo feito a critica imparcial de cada um desses processos falou sobre os educadores: Comenius, João de Deus, Arthur Joviano, Anna Cintra e Decroly, concluindo que o bom professor transformará e dará vida ao processo de ensino, qualquer que elle seja.

Dia 25, quarta-feira:

Conclui o desenho da aula anterior e fiz alguns croquis para uma aula de lingua patria que, nesse mesmo dia, dei a uma classe de 1.º anno do grupo "Pedro II". A' noite assisti á conferencia do dr. Iago Pimentel, relativamente aos actos instinctivos. Estudando esses actos na serie animal, o illustrado professor deu exemplo dos actos instinctivos pelos quaes o animal procura garantir a sua subsistencia e a conservação da sua especie, e daquelles que o levam a se defender, não só dos perigos que o cercam, como tambem dos outros animaes, demonstrando que os actos instinctivos são perfeitos nos animaes inferiores (invertebrados) e que, gradativamente, se tornam imperfeitos nos animaes de organização mais complexa; falou sobre o instincto de sociabilidade provisoria ou permanente que se observa entre aquelles. Como exemplo de sociedade provisoria, citou a da hyena, que, em bandos, se apoderam da presa e depois se dispersam; a dos gafanhotos, que se reunem em espessas nuvens; a das andorinhas; a dos macacos americanos que, depois de devastarem os campos, se separam, etc.

Como typo de sociedade permanente apontou, entre outras, a das formigas e, principalmente a das abelhas.

Provou com diversos exemplos que os instinctos que, á primeira vista, parecem immutaveis, são variaveis; e mostrou como se póde estudar a sua evolução nos macacos.

Relativamente aos problemas pedagogicos, no estudo dos actos instinctivos, affirmou ser indispensavel que se conheçam os instinctos das creanças afim de se aproveitarem os bons e uteis e reprimirem-se os maus, lembrando por fim, que ellas apresentam dois instinctos primordiaes: o do jogo e da imitação.

Dia 26, quinta-feira:

Continuando os trabalhos de desenho, fiz varios croquis de fructos, creanças, etc., e assisti á aula de 'eitura, pelo processo de Me. Romain, magistralmente dada pelo dr. Alberto Alvares, na Escola Normal.

Apresentando croquis e sentenças no quadro negro, desenvolveu as tres phases desse processo, isto é, 1.º, a apresentação de sentenças que foram intuitivamente ensinadas aos alumnos; 2.º, a formação de sentenças novas, porém, com as mesmas phrases; 3.º, a decomposição das palavras em syllabas e a formação de palavras em outras sentenças. Além dos croquis, havia no quadro negro a-conta-corrente, relação das letras e syllabas já empregadas, como vimos na lição do mesmo professor, no dia 21.

Dia 27, sexta-feira:

Comparecendo á aula de desenho, fiz o esboço de uma onça, vista de lado; visitei o grupo "Pedro II" e assisti á conferencia do dr. José de Olinda Andrade que falou sobre o desenvolvimento da pedagogia desde a renascença, até a revolução franceza. Tratando da renascença, citou o nome de seus precursores: Dante, auctor da Divina Comedia (Inferno, Purgatorio, Paraiso); Francisco Petrarcha, poeta que contribuiu para a elegancia de lingua italiana; João Bocacio, auctor do Decameron, etc. Dos escriptores da renascença, e dessa época em deante destacou, entre outros, os nomes de: Erasmo que, comquanto allemão, escreveu tambem em latim e foi auctor do Elogio da Loucura; Rabelais, francez, que divisou todas as reformas modernas, liberdade politica, organização financeira, destruição dos privilegios, etc.; Milton, auctor do Paraiso Perdido, o qual como Erasmo e Rabelais, foi notavel no humorismo realista;Descartes, autor de Discours sur la methode; Nicolas Melebranches, auctor de:

Trailé de la Nature, Societé de morale, Sacrificio de Jesus Christo, etc.; Montaigne, (pensador original e sceptico) e Locke, partidarios do realismo scientifico, digo, social; Bacon, Weolfgang, Ratke e Comenius, notaveis no realismo scintifico; Fenelon.
Sevigné e Maintenon; Montesquieu, Turgot, Voltaire, Diderot, João Jacques Rousseau que pugnavam pela soberania popular, agitando dest'arte o pensamento francez e concorrendo para a revolução de 1789. Deste periodo, citou: Mirabeau, celebre orador; Talleyrand e Condorcet, defensores da democracia da época. Recapitulando os factores de ordem politica, economica, financeira-social, da edade média, e o modo como influiram nos problemas pedagogicos, falou sobre as universidades de Paris, onde se introduziu o estudo das linguas que fôra abandonado e nas quaes se organizou o novo systema educativo francez que deu aos problemas pedagogicos um aspecto original sobre cujo desenvolvimento influiram decisivamente todos os factores, desde a ordem politica, até a ordem financeira, abrindo vastos horizontes á evolução da pedagogia moderna.

Dia 28, sabbado:

Indo á aula de desenho, esbocei um preá, visto sobre um plano. A's 14 horas fui ao grupo "Cesario Alvim", onde assisti á uma aula de leitura inicial, proficientemente dada pela directora daquelle estabelecimento, d. Vitalia Campos A eximia professora pôz em pratica o interessante processo de Anna Cintra, conseguindo maravilhoso resultado, pois, entre os alumnos, havia dois completamente analphabetos que assimilando a esplendida lição de d. Vitalia, leram todas as sentenças lançadas no quadro negro e em fichas adrede preparadas, de accordo com o centro de interesse — um quadro, representando o vovô, a vovó e a netinha.

Dia 30, segunda-feira:

Conclui o desenho iniciado na aula anterior. A pedido de algumas collegas dei á classe do 4.º anno, no grupo escolar "Olegario Maciel", aulas de lições de cousas e geometria, sendo verificado o aproveitamento dos alumnos, por meio de tests collectivos, cuja mediana deu 8. Foi o seguinte o meu plano de lição: — Centro de interesse — o giz.

Material — Giz, sal de cozinha, quarto, crystal de rocha, cal, areia, argila, gesso; croquis no quadro negro.

Observação:

a) Apresentar á classe um giz branco, chamando-lhe a attenção para a importancia dessa côr, no quadro negro;

b) confrontar o giz branco a outros de côres differentes, necessarios ao desenho, á cartographia, ao ensino da orthographia, para se destacarem as syllabas difficeis, etc;

c) fazer que os alumnos descubram a fórma geometrica do bastão de giz, bem como a da figura que lhe fórma a base;

d) ensinar praticamente o que é um corpo friavel, ductil e maleavel e perguntar aos alumnos se o giz tem ou não alguma dessas propriedades. Porque?

e) mostrar as creanças diversas rochas calcarias, argilosas salinas silicosas, explicando-lhes bem claramente os seus caracteristicos exteriores e fazer que ellas descubram a que grupo pertence o giz. Porque?

Observação:

a) Mostrar os alumnos o giz e o quadro negro, e guial-os para que descrevam o que se póde fazer com esses dois objectos. (Narrar um facto, desenvolver um calculo arithmetico, traçar um mapa, dar uma ordem á classe, representar uma idéa em croquis, traçar a bandeira nacional, etc.);

b) mostrando sempre a utilidade do giz, traçar no quadro negro linhas curvas, rectas, horizontaes, verticaes, inclinadas, perpendiculares e obliquas arcos, circumferencias e pontos, fazendo que os proprios alumnos digam a natureza e a posição dessas linhas, por meio de comparações com o que virem na sala.

Expressão:

a) Determinar um certo numero de pontos, rectas, curvas para que os alumnos tracem uma figura. (Exemplo: empregando um arco, uma circumferencia, duas linhas quebradas, uma curva e 3 pontos, transformar um dez (X ou 10), em uma catita. (E' um teste recreativo que os alumnos podem resolver de muitos modos, conforme a sua imaginação.

Suggestões:

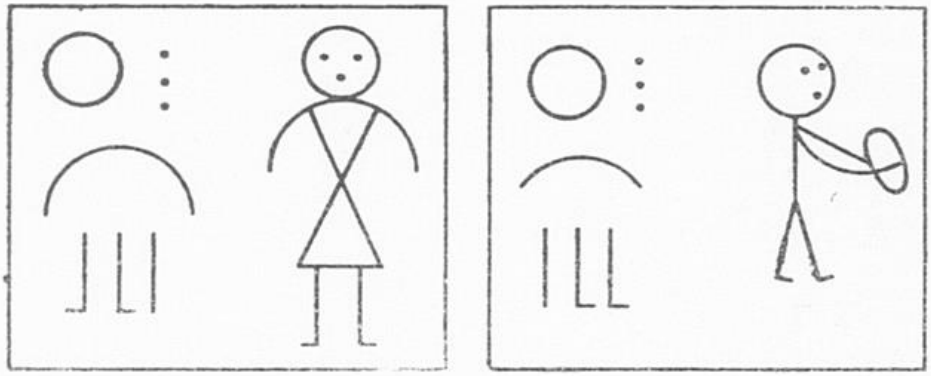


Fig. formadas e elementos dados

b) Com 3 rectas e uma curva, transformar um tres em cinco, sem apagar cousa alguma.

Suggestões:

3 III 5 IV

3 III — Ahi (5) estão (V) o 5 e o V fechados, em um triangulo e em uma fig. de linha mixta. A' noite, assisti á conferencia do dr. Oswaldo Campos. Como sempre, falou admiravelmente sobre as diversas causas da syphose, da scoliose e da lordose, projectando na tela um quadro de quatro creanças tendo, a primeira, a posivamente defeituosas. Projectou ainda creanças assentadas correcta e incorrectamente e deu como causas dos defeitos da columna vertebral, as carteiras improprias, a myopia, o artigmatismo e a fadiga do alumno nos trabalhos escolares, lembrando a necessidade que tem a professora de dar aulas curtas para que as creanças se movimentem sempre e não se cansem, conservando por muito tempo a mesma posição. Falando nos defeitos do ouvido, chamou a attenção do auditorio para as vegetações adnoides que podem trazer graves consequencias para a saude e prejudicar o desenvolvimento mental do alumno. Projectou na tela uma creança adenoidiana, de aspecto aparvalhado e triste; terminou dizendo que as infecções chronicas da garganta só se curam radicalmente com a ção correcta e as outras gradati-intervenção medico-cirurgica, e que a maior parte dos anormaes é adenoidiana.

Dia 31, terça-feira:

Desenhei uma arara em um galho; dei na classe da intelligente professora d. Maria Victor, no grupo "Pedro II", uma aula de lições de cousas com o seguinte plano:

Centro de interesse — Folhas.

Material: folhas, galhos, sementes e croquis no quadro negro.

Observação:

a) Em palestra com os alumnos, mostrar-lhes a folha, destacando bem todas as suas partes;

b) chamar a attenção da classe para a côr verde das folhas viçosas e para a amarellada das folhas velhas e rachiticas, comparando-as relativamente ao tamanho, espessura, etc.;

c(mostrar aos alumnos galhos de cafeeiro e goiabeira, de laranjeira e pecegueiro, de espirradeira e guial-os para que descubram o que são folhas oppostas, alternadas e verticilladas.

d) abrir, á vista da classe, um grão de feijão, entregando a um alumno o espisperma; a outro, o embryão; um cotyledone a um outro, e, a um quarto alumno, o outro cotyledone, mostrando-lhes e ensinando-lhes bem claramente, cada uma dessas partes;

e) fazer exercicio semelhant com o grão de milho;

f) perguntar depois a cada alumno que parte tem da semente, frisando sempre que a mais importante é o embryão porque, encerra as parte essenciaes da planta (raiz, caule e folhas);

g) mandar que se levante o alumno que segura a parte da semente de onde ha de sahir a folha; fazer o mesmo exercicio com os outros alumnos por ordem;

h) fazer no quadro negro os croquis, representando as radiculas, o cauliculo, o corpo cotyledonario e a gemmula (ampliados, está claro) e guiar os alumnos para que descubram qual dessas partes irá ser a raiz; qual, será o caule; qual, nos dará as primeiras folhas.

Associação:

a) comparar as folhas viçosas e bem cultivadas, ás creanças sadias; e as folhas amarellas ás creanças debeis;

b) guiar os alumnos para que descubram a razão de ser dessa comparação (para as folhas: cultura, acção do calor, da humidade, do sol, dos terrenos adubados, etc.; para a creança: bôa alimentação, hygiene, jogos, gymnastica, quarto arejado, etc.

Expressão: — Fazer que os alumnos desenhem uma das folhas do centro de interesse.

—

A' noite, assisti, na Escola Normal, á conferencia do professor Firmino Costa, que abordou o suggestivo thema — "A attenção". Falando de suas altas vantagens no ensino, provou cabalmente ser a attenção indispensavel, tanto aos alumnos como á professora, que precisa exercitar-se muito, afim de poder exigir o mesmo de sua classe.

Tendo lido uteis asserções e conselhos sobre a attenção, emana das de Compayré, João Toledo, Richard, Faria de Vasconcellos, etc., personificou o educador na memoria de Samuel Gammon, o saudoso e grande mestre norte-americano que tão bem soube encarar o problema pedagogico.

Tratando da organização da classe, deu como elementos indispensaveis: a homogeneidade, a pontualidade, a hygiene e a disciplina. Provou que nada se consegue sem attenção — vehiculo que conduz as nossas faculdades ao objecto do nosso estudo, e encerrou o seu trabalho, dizendo que o verdadeiro ensino é o cultivo da attenção.

Para despertar mais o interesse de todos, pelo valor da attenção, não só no ensino, mas, em todos os ramos da actividade humana, narrou a historia de um senhor que, completamente leigo em mechanica, conseguiu descobrir varios planos para a invenção de machinas e, por haver durante mezes, concentrado a sua attenção naquelle objectivo, tornou-se um grande inventor.

Aconselhou, por fim, ás professoras o exercicio da attenção que lhes permittirá tambem inventar algum processo novo, mais util e mais pratico, para a conquista do progresso.

Bello Horizonte, 31-7-1928.

Philocelina da Costa Mattos Almeida."

Agosto

"Exmo. sr. Inspector Geral da Instrucção. — De accordo com as determinações da Inspectoria Geral da Instrucção, apresento a v. exc. o relatorio das aulas do "Curso de Aperfeiçoamento", dadas durante o mez de agosto.

DISCIPLINAS ESTUDADAS

I — *Hygiene escolar*

Professor: Dr. Oswaldo de Mello Campos.

Dias 6, 13 e 23.

Assumpto: — Inspecção de asseio — Molestias escolares — Os principaes symptomas — Inspecção de entrada na classe —Idem durante a aula. Cantinas escolares — Vantagem das mesmas.

Hygiene intellectual — A fadiga — Sua medida — Processo de dictado — Processo de calculos — Processo da copia de letras — Caracteres differenciaes da fadiga — Origem — Séde — Causas — Mecanismo — Signaes reveladores — A fadiga e as horas do dia — A fadiga e os dias da semana — A fadiga e os exercicios physicos — A fadiga e a escola — O descanço — A duração das licções — Os recreios — As ferias — A estafa — Hygiene dentaria — Dentição decidual — Ordem de apparecimento dos dentes deciduaes — Dentição permannte — Ordem de apparecimento dos dentes permanentes — Importancia do 6.° dente permanente — Partes constitutivas dos dentes — A carie dentaria — Sua origem.

Applicações e conclusões pedagogicas.

O exemplo constante da escola como casa de hygiene, que ella deve ser, influirá poderosamente sobre as creanças, afim de que ellas adquiram habitos hygienicos. Assim, os habitos adquiridos na escola constituirão, depois, uma segunda natureza. O escolar, com uma boa orientação da professora, levará para seu lar os conhecimentos hygienicos na escola e, certamente, melhorará as suas condições hygienicas.

A primeira parte que compete á professora em materia de hygiene — é a inspecção de asseio. Ella deve ser feita com methodo para dar os resultados esperados. A actual inspecção de asseio se limita ás partes descobertas: mãos e rosto. As creanças menos favorecidas desconhecem por completo toda medida de asseio corporal. Em geral, ellas se limitam ao asseio do rosto e das mãos. Os medicos, muitas vezes, constatam nos hospitaes que a maior parte das molestias — é motivada unicamente pela falta de asseio. Porque ? Porque a maior parte das pessoas não aprende na meninice os preceitos de hygiene.

Os habitos adquiridos nos bancos escolares perduram sempre. Cumpre, pois, á escola incutil-os nos alumnos, obrigando a pratical-os.

Outro assumpto importante sob o ponto de vista hygienico e pedagogico — é o uso do calçado.

O uso do calçado — é a melhor prophylaxia para opilação e mordeduras de reptis, mórmente na zona rural. A protecção aos pés das creanças é uma obra meritoria e ninguem melhor que a professora cuidará disso. Ademais, por meio de seus alumnos póde o mestre influir para que o pae e demais membros da familia usem botinas.

A professora é ainda a collaboradora efficaz do medico escolar na inspecção de saude dos

alumnos. Ella, devido ao contacto directo e diario com os alumnos, se acha apta para guiar o medico, apontando-lhe os primeiros signaes de perturbação da saude dos educandos.

Ao entrar para a classe póde o escolar apresentar symptomas de certas molestias, cujo conhecimento é de importancia, afim de que se possa tomar uma providencia acertada em tempo util. A creança póde entrar sadia e durante o decorrer dos trabalhos escolares apresentar-se adoentada. Cumpre, portanto, á professora estar vigilante, afim de poder afastar o escolar doente do trabalho. E' de maxima importancia que a professora possa descobrir o apparecimento de certas molestias contagiosas ainda no seu inicio, pois só assim ella poderá evitar a irrupção de um epidemia na escola.

Está provado que a escola exerce uma influencia deprimente sobre a energia physica e mental da creança. E' necessario, portanto, que o educador conheça a marcha do crescimento physico e do desenvolvimento mental da creança, afim de assegurar a sua evolução normal, por uma cuidadosa hygiene physico-psychica. Dahi a necessidade de se proceder na escola, methodica e regularmente, a observações authropometricas, medicas, etc.

Ora, sendo assim, para attenuar essa influencia nociva exercida pela escola sobre o educando — é necessario approximal-a, o mais possivel, do lar.

A creança precisa — durante o periodo de crescimento — de uma alimentação substancial. Cumpre á escola fornecer aos alumnos pobres uma merenda forte, creando nas escolas as chamadas "cantinas escolares".

O professor não póde decretar o que o alumno deve fazer, precisa, antes de tudo, saber o que a creança póde fazer. Para isso precisa conhecer a resistencia do organismo ao trabalho.

E' possivel medir a fadiga comquanto ella seja um phenomeno muito complexo que comporta problemas importantissimos relativos á sua origem, séde, causas, mecanismo, factores que ainda não estão conhecidos convenientemente.

A fadiga varia conforme a edade, sexo, condições sociaes, aptidões e disposições momentaneas, caracter, intelligencia do educando, methodo de trabalho, horas do dia, estações, dias da semana, methodos de ensino, disposições de momento do professor, etc.

A escola actual, devido á sua organização material, moral e intellectual, exerce uma influencia nociva sobre o organismo do educando e dahi a necessidade de se afastar essa influencia, approximando-se a pedagogia da pedologia, introduzindo-se na escola modificações e adaptações relativas á quantidade, qualidade e intensidade do trabalho intellectual.

De accordo com as prescripções de uma hygiene physica-moral-intellectual cuidadosa, poderá a escola desenvolver a actividade e habitos de trabalho sem provocar a fadiga excessiva que arruina o organismo, desviando-o da sua evolução regular. Na escola deverá o alumno encontrar um meio propicio ao seu desenvolvimento.

A estafa é rara nas escolas primarias. As creanças que têm intelligencia inferior não se estafam, porque não têm mesmo interesse pelo estudo; mas ha creanças de intelligencia media em classes adeantadas que, a exigencia dos paes, chamando-lhes a attenção para as boas notas dos filhos dos outros, se esforçam exaggeradamente para alcançar o adeantamento dos collegas e podem chegar á estafa. A professora nota logo que essa creança começa a mostrar-se cançada, abatida, triste, pallida. Nestas condições, cumpre á professora evitar que

ella estude muito, avisando aos paes, afim de que acreança seja afastada dos estudos temporariamente. Sem esta preoccupação, a creança ficará prejudicada physica e intellectualmente.

A hygiene dentaria é um ponto importantissimo e que merece especial cuidado e attenção da parte da professora, porque os dentes, além de concorrerem para a belleza e esthetica individual, concorrem para a boa saude do individuo, devido á funcção da mastigação. Ademais, são indispensaveis á boa dicção. Assim, a falta dos dentes prejudica seriamente a pronuncia, tornando-a defeituosa. A professora esforçar-se-á para que seus alumnos usem a escova e o fio encerado para a limpeza diaria dos dentes.

A carie dentaria produz a dôr de dente e, portanto, a falta do alumno á aula. Além disso, pode occasionar a perda dos dentes e muitos outros accidentes mais ou menos graves.

II — *Psychologia educacional*

Professor: Dr. Iago Pimentel.
Dias 1, 8, 17, 22 e 29.

Assumpto — Actos intuitivos e reflexos — Modificação dos actos instinctivos — O apparecimento e a evolução dos actos instinctivos no individuo — A evolução dos actos instinctivos na creança — Os interesses e sua evolução nas creanças — Principaes actividades instinctivas da creança — O fogo — A imitação — Os actos instinctivos e a educação — Actos habituaes — Suas relações com os actos instinctivos e reflexos — Habito — Capacidade do animal para a aprendizagem — Habitos passivos — Habitos activos — Memoria organica — Actos voluntarios — Vontade — Affectividade — Sentimento — Emoções — Paixões — O prazer e a dôr — A dôr e o prazer physicos — A dôr e o prazer moraes — O agradavel e o desagradavel — Manifestações da affectividade.

Conclusões e applicações pedagogicas:

A educação da creança não póde ser obtida por outra fórma senão aproveitando e desenvolvendo as actividades instinctivas que lhe sejam uteis; reprimindo ou corrigindo aquellas que lhe possam ser inuteis ou prejudiciaes.

O melhor modo de ensinar e de fazer a creança agir — é alcançar por meio da escola activa, isto é, por meio da actividade instinctiva que a creança possue para brincar e jogar.

E' ainda por meio dos jogos de lucta, jogos de caças, jogos sociaes de toda ordem, que a creança, desenvolvendo o corpo e o espirito, organiza em grande parte seu caracter, robustecendo-o para as luctas que travará no scenario de sua vida futura.

O poder que na educação tem a imitação é de grande importancia. Assim, graças á imitação é que a creança aprende a andar, aprende a falar, aprende a exercer e adquirir bons e maus costumes. Dahi se conclue o valor educativo do exemplo dos mestres. Conselhos, castigos de nada valem, si o exemplo daquelles com quem a creança convive — não lhe puder servir de modelo, si a alma do educador que a dirige não fôr um espelho, onde a bondade e todas as virtudes rebrilhem num conjuncto harmonioso e bello.

Os psychologistas têm proposto diversos meios para educar a vontade. Mas o problema é complexo por demais.

O primeiro cuidado do professor consiste em não substituir a sua vontade propria á vontade da creança, respeitando a sua iniciativa e a sua espontaneidade. Deve-se habituar a creança a exercitar a sua vontade e a dominar-se. A vontade precisa de treino e de exercicio. Assim, o professor não quebrará a vontade da cre-

ança, porém não cederá a todos os seus caprichos. Dahi resulta a utilidade da disciplina. A disciplina não deve coagir nem intimidar o alumno. A punição e a coacção produzem effeitos contraproducentes na disciplina escolar. A punição destróe a sensibilidade da creança, aviltando-lhe o caracter e os sentimentos. Como deverá proceder o professor para conseguir boa disciplina? 1.° — inspirar sympathia ao alumno; 2.° — respeital-o na sua dignidade; 3.° — provocar o seu interesse, tornando as licções attrahentes; 4.° — estimulal-o. A emulação é um factor importantissimo na educação .Por meio della poderá o professor obter excellente aproveitamento da classe e optima disciplina.

Tratando-se de affectividade infantil, assim se exprime o professor — Faria de Vasconcellos:

1.° Procurar conhecer a natureza affectiva da creança e agir pelos sentimentos que a creança possue sobre a sua conducta.

2.° Crear nas escolas as condições mais favoraveis para a cultura da sensibilidade — são deveres do bom educador.

III — *Methodologia*

Professor: Dr. Alexandre Drumond.

Dias 7 e 31.

Assumpto: — Methodologia da leitura — Leitura inicial — Leitura corrente — Leitura silenciosa — Vicio da leitura corrente — Leitura expressiva — Methodologia da escripta — Historico sobre a invenção desta arte — Psychologia da escripta — Posição do alumno para escrever — A escripta inclinada e vertical — Inconvenientes e suas vantagens.

Methodologia da lingua patria — Como fazer este estudo puramente pratico na escola primaria. Formação da lingua infantil. Methodos e meios para o ensino especial da linguagem. A composição. Sua methodologia. Methodo reproductivo .Methodo imitativo — Methodo inventivo, etc. Uso do dicciionario, etc.

Conclusões:

Nenhuma licção de leitura será improvisada. Todas devem ser preparadas na vespera e methodizadas de accordo com os preceitos estabelecidos pela methodologia particular dessa disciplina.

Na preparação de um plano de licção de leitura — o professor terá em vista o seguinte: 1.° — a significação dos vocabulos; 2.° — o conteudo da phrase; 3.° — as relações que ha entre os elementos componentes da proposição; 4.° — a comprehensão do assumpto. Quanto á forma do trecho, temos ainda: — a pronuncia, a entonação de voz, os gestos, etc.

A methodologia da licção consiste em organizar o seu plano e o esboço.

O plano comprehende os passos successivos da licção. O esboço é o desenvolvimento methodico do assumpto com perguntas, etc, na mesma ordem em que estão consignadas no plano.

O ensino de escripta requer muito cuidado e attenção da professora.

O ensino da escripta deve ser feito parallelamente ao da leitura, por ser elle um complemento desta.

No ensino da leitura e, bem assim, no da escripta, principalmente, ha um ponto importantissimo, que deve preoccupar a attenção do professor — é a posição do alumno assentar para ler e escrever.

A posição viciosa do alumno durante a leitura e escripta — produz o seguinte: — myopia, estigmatismo, scoliose, syphose e lordose.

O professor cuidadoso terá que attender certa vigilancia da acuidade visual.

As salas mal illuminadas — provocam e aggravam a myopia.

E' condemnada a illuminação pelas costas.

A melhor illuminação é a unilateral esquerda.

Livros inadequados, com letras pequenas e defeituosos de impressão — occasionam a myopia.

O actual regulamento do ensino prohibe o uso de lousas individuaes pelos motivos seguintes: 1.°, a creança apaga com o dedo o que está escripto na lousa; 2.°, devido á reflexão dos raios luminosos — a superficie da lousa se transforma em espelho, prejudicando a vista.

As principaes causas da attitude viciosa do alumno são: a) negligencia do professor; b) preguiça do alumno; c) falta de adaptação do mobiliario escolar.

b) Vigilancia da attitude. A posição asymetrica do alumno provoca a scoliose, cyphose e lordose, como acima me referi. A falta de adaptação do mobiliario escolar contribue para aggravar esses desvios da columna vertebral.

O banco carteira deve ser proporcional á altura da creança. A profundidade do banco deve ser 2|3 da perna do escolar. A altura do encosto deve afflorar ao homoplata. Ademais, a creança deve assentar-se de modo que seus pés se apoiem livremente no chão. A carteira deve ser individual.

Quanto á escripta vertical e obliqua — deve-se empregar o meio termo, isto é, ligeiramente inclinada, pois — quer a escripta vertical, quer a inclinada — offerecem posição incorrectas do corpo da creança.

A primeira sciencia que o homem cultivou — foi o estudo da lingua.

Os primeiros ensinamentos que a creança recebe — são os da lingua materna.

Ha quatro periodos successivos da formação da linguagem infantil: a) a edade do grito; b) a do balbucio; c) a da formação da linguagem articulada; d) a da acquisição da lingua materna.

A formação de um vocábulo novo requer a formação simultanea de quatro imagens: a visual do objecto; a auditiva do vocabulo que o designa; a visual da articulação da palavra, e a tactil do objecto representado.

Os vocabulos devem ser ensinados e aprendidos junto com os objectos ou cousas que representam.

Ha tres methodos para o ensino da linguagem: — o oral, o graphico e o mixto.

A composição é a expressão oral ou escripta de uma serie de pensamentos bem ordenados e coordenados entre si.

As principaes formas de composição são: a) descripção; b) a narração; c) a carta; d) o discurso.

No ensino de composição ha tres methodos: o reproductivo, o imitativo e o inventivo.

Toda composição necessita: methodização adequada, preparação previa, desenvolvimento systematico e correcção minuciosa.

Methodologia da Arithmetica

Professor: Dr. Edgard Renault Coelho.

Dias 14 e 25.

Assumpto: — As quatro operações sobre numeros inteiros — Noção de fracção — Operações sobre fracções ordinarias.

A arithmetica é uma sciencia importantissima e o seu estudo tem triplice valor; educativo, pratico e serve de preparação para o estudo de outras disciplinas.

O ensino da arithmetica deve ser intuitivo, pratico, racional, gradual e progressivo.

O methodo que o professor primario deve seguir para ministrar aos seus alumnos o ensino da arithmetica é o inductivo.

No ensino da arithmetica deve o professor empregar: a intuição,

o calculo e, finalmente, os problemas.

A intuição consiste em dar-se aos alumnos a noção de somma, por exemplo, por meio de objectos e representações graphicas, taes como: lapis, bolas, pedrinhas, collecções de cartões de cores, collecção de pesos e medidas, contador mecanico, carta de Parker, columna Montessori, etc.

O calculo é uma verdadeira gymnastica da intelligencia e consiste na composição, decomposição e combinação de numeros. O calculo mental é de grande vantagem.

O problema é o enunciado duma questão na qual se trata de encontrar, operando sobre certos numeros dados, um ou muitos numeros desconhecidos.

O professor dr. Edgard Renault Coelho abordou brilhantemente o assumpto, empregando excellente material natural e illustrações graphicas.

A primeira parte da methodologia da arithmetica, relativa á noção de numero, unidade, dezena, centena, etc., anteriormente havia sido tratada, com clareza e brilho, pelo distincto professor — dr. Alberto Alvares.

Historia da pedagogia

Professor: Dr. José Bonifacio Olinda de Andrada.

Dia 3.

Assumpto: — A Prussia — A França — A Italia — A Inglaterra na formação dos systemas pedagogicos.

O professor acima referido, desenvolveu o assumpto brilhantemente, salientando a influencia que esses paizes exerceram na formação das idéas e systemas pedagogicos.

Praticas escolares

Professor: Firmino Costa.

Dias 10, 24 e 28.

Assumpto: — "Palavras preliminares — A leitura — O seu cultivo — O ensino da leitura — Lembrando principios — Applicações".

O livro de leitura — Exemplo suggestivo — Outro exemplo — Club de Leitura — A narradora de contos — Uma apresentação — Eu mesmo — Da hygiene — Uma colleguinha — Uma excursão — Alguns collegas — A sala de aula — Exames mensaes — O grupo escolar — Visitantes — Festas escolares — O livrinho".

"A lingua patria — Justificação da exclusão do estudo da grammatica do programma primario — O ensino da lingua — O estudo da lingua".

"E' pela leitura que nós nascemos para a vida intellectual", diz Antonio Albalat.

A leitura é, pois, um dos meios mais importantes da aprendizagem escolar.

Ao terminar o curso primario deve o alumno ter adquirido o habito de ler, de frequentar a bibliotheca, de assignar um bom jornal.

O bom livro é o melhor amiguinho que o homem tem.

No ensino da leitura o professor deverá considerar o seguinte: — methodo global; a escolha dos livros; a leitura de revistas e jornaes; a dicção correcta do alumno; a sua correcta posição; o uso do diccionario; a frequencia á bibliotheca.

Quando a creança souber ler um pouco, deve a professora inicial-a na leitura silenciosa.

A leitura expressiva é como a musica, a poesia, a arte; quem lê estabelece uma synergia sentimental nas pessoas que ouvem.

A leitura artistica é uma arte; estabelece uma communhão entre o que lê e os que ouvem.

Como fazer uma leitura artistica?

E' preciso que seja nem muito rapida, nem muito lenta, de modo que a pessoa que ouve possa traduzir os sentimentos expressos pelo auctor .

Assim como as syllabas giram em torno de uma syllaba tonica, na leitura é preciso um certo rythmo, dando vida e inspiração á leitura.

A leitura feita em taes condições prepara o alumno para comprehender o que ha de bello e sentimental. A leitura precisa tambem, algumas vezes, de gestos. A gesticulação deve ser sóbria, e a expressão physionomica deve ser correspondente ao sentimento contido na phrase.

A creança deve habituar-se a ler prosa como aprende a ler versos, contribuindo tudo para a educação intellectual.

O ensino da lingua patria é importantissimo. O fim desta disciplina — é ensinar á creança a falar e escrever com correcção. O professor deve, portanto, empregar estes meios: a conversação; a reproducção oral de contos; a recitação de poesias; o resumo oral do trecho lido; a descripção de gravuras expressivas; os exercicios de composição, etc.

O ensino da grammatica não tem logar na escola primaria. O seu logar é em curso mais adeantado, mais elevado do que esse. Ademais, pode-se aprender praticamente a lingua sem o estudo de grammatica... A maioria do povo fala a lingua sem conhecer a grammatica.

O estudo da grammatica completará o estudo da linguagem, tornando o homem o artista da palavra.

Testes

Professor: Dr. Alberto Alvares.
Dias 4, 16, 18, 20 e 21.

Assumpto: — A fallibilidade dos exames — A suppressão dos mesmos — O apparecimento dos testes — O que é e para que serve um teste — Os testes pedagogicos — A medida da intelligencia — Testes individuaes de intelligencia — Edade mental — Quociente intellectual — Regras fundamentaes para o emprego dos testes — Quadro da classificação mental, de accordo com o quociente intellectual, feita pelo professor Luiz Terman — Classificação de Binet — Technica dos testes — Serie dos testes — Escala Binet Stanford — Graphico de Samuel Broocks — Sua organização e vantagens — Serie de testes de 3 a 8 annos — Testes substitutivos — Psychologia dos testes. Psychologia dos testes.

O uso dos testes é de grande vantagem, pois muitas vezes ha necessidade de se avaliarem os conhecimentos de varias pessoas. Ora, isso na escola é importantissimo para a boa marcha dos trabalhos.

A fallibilidade dos exames e das promoções tem prejudicado muitissimo ao bom andamento dos trabalhos escolares e á execução dos programmas. Frequentemente o professor recebe classes, cujos alumnos têm adeantamento muito desigual. Isto constitue um serio empecilho para o professor

O emprego dos testes é de grande vantagem, sob o ponto de vista pedagogico, porque, estabelecendo o nivelamento das classes, contribue para o desenvolvimento mental da creança, auxiliando poderosamente o professor.

O que ha de mau nos exames, ha tambem nas promoções: — a variabilidade dos julgamentos.

Os testes pedagogicos apresentam as seguintes vantagens: a) são sempre os mesmos; b) representam sempre a mesma difficuldade; c) têm de ser julgados sempre da mesma fórma e pelo mesmo modo por qualquer professor.

Que é um teste?

Nada mais é que um exame reduzido aos seus termos summarios e cujas respostas têm de ser dadas de tal modo que não possam ser julgadas senão de uma maneira.

Os pedagogistas têm se preoccupado ultimamente com o proble-

ma da indisciplina dos alumnos de grande valor intellectual.

O ideal pedagogico — é a organização de classes que tenham não só o mesmo grau de adeantamento, como tambem o mesmo grau de intelligencia.

E'medindo o grau de intelligencia que se pode reconhecer os retardados, os normaes e supernormaes.

As primeiras experiencias feitas neste sentido — devem-se ao grande Alfredo Binet.

Binet resolveu o problema assim: — Tomou grande numero de creanças dos arredores parizienses, da mesma edade e pertencentes ao meio proletario, fazendo-lhes perguntas. Desde que a maioria desses alumnos — 75 °|° pelo menos — respondesse a essas perguntas — considerava que, geralmente, todas creanças dessa edade deviam responder a essas perguntas, que se tomaram um meio de medir a intelligencia em relação á edade.

Si um alumno não responder a certas perguntas a que a maioria dos alumnos nomaes de sua edade responde, deve-se consideral-o mais ou menos retardado.

Binet continua a examinar esse problema, introduzindo modificações por diversas vezes na sua primitiva lista de testes. Entretanto os testes não conseguiram obter na França o successo que alcançaram nos Estados Unidos.

Neste paiz varias revisões foram feitas na escola de Binet.

A mais importante dellas é a chamada revisão "Terman Stanford". Foi feita por Luis Terman, na Universidade de Leland Stanford, na California.

Na revisão da escola Binet — Simon, Terman verificou que os testes para os primeiros annos eram muito faceis, e que os dos ultimos annos eram difficeis para as creanças americanas a que elles se destinavam.

Edade mental é a edade relativa ao numero de respostas que o alumno dá aos testes submettidos.

Quociente intellectual é a relação entre a edade mental e a real ou chronologica.

Os testes têm a sua psychologia e estão organizados de accordo com a edade e seriados de interesses correspondentes, a saber: 1.° interesses perceptiveis; 2.° interesses glossicos; 3.° interesses geraes; 4.° interesses especiaes e objectivos .

O professor dr. Alberto Alvares discorreu meticulosamente sobre o assumpto, estudando, no final de sua brilhante conferencia, a psychologia dos tres primeiros testes — de creanças de tres annos.

Gymnastica

Professores: Renato Eloy de Andrade e senhorinha Guiomar Meirelles.

O curso dessa disciplina iniciou-se no dia 4, sendo as aulas diarias.

Assumpto: — Calisthênica — Nomenclatura em geral — Dos movimentos em geral — Direcções — Posições — Vozes de commando — Instrucções geraes — Educação physica — Palavras de introducção — Relação das actividades que podem constituir um programma de educação physica — Methodo artificial — Methodo natural — Marchas — Evoluções — Exercicios calisthênicos, por ordem, por rythmo, com musica — Exercicios em conjuncto, simples e combinados, com alteres, bastões, maças, bandeiras — Danças gymnasticas com ou sem musica — Jogos menores.

Os primeiros povos que cultivaram os exercicios physicos foram os gregos. Depois os romanos os imitarem, porém com outros fins, não tendo em vista a perfeição esthetica. Queriam ser guerreiros fortes. Os povos da edade media cultivavam a gymnastica com este mesmo fim.

A introducção da gymnastica na escola primaria data dos meiados deste seculo.

Os fins da cultura physica são complexos. Com ella se consegue: saude, robustez, belleza e destreza.

Ha varios systemas de ensino: o francez, o sueco, o inglez, o allemão e o argentino.

Quanto aos methodos, ha tres: o da imitação, o das series e o do commando directo.

Os meios são quatro: a explicação, a execução, a correcção e a repetição.

Dos methodos acima expostos o que offerece maiores vantagens — é o do commando directo.

Sob o ponto de vista pedagogico — o ensino de gymnastica deve ser assim orientado, segundo a opinião de Claparéde: — gymnastica educativa de manhã; gymnastica hygienica no fim das aulas.

O jogo é um estimulo poderoso do desenvolvimento intellectual da creança, um excitador das suas energias mentaes e physicas. Ademais, os jogos constituem uma excellente gymnastica da vontade e da attenção. O jogo é para a creança o que o dever e o trabalho são para o adulto. Os jogos têm, pois, um papel altamente educativo e o professor deve aproveitar isso, introduzindo-os na escola.

A' distincta professora Guiomar Meirelles está confiado o ensino de jogos menores.

Bello Horizonte, 5 de setembro de 1928. — *Maria Carolina Campos*, professora do grupo escolar de Formiga."

Discurso do dr. Mario Casasanta

"Senhoras professoras.

Meus senhores.

Ao dar por encerrado o presente Curso de Aperfeiçoamento, que traduz, por certo, uma iniciativa notabilissima e intelligentissima da actual administração para a pratica da grande reforma do ensino que ora leva a effeito, corre-me o dever de dizer-vos algumas palavras de congratulações pelo exito alcançado e de applauso pela extraordinaria dedicação que vindes revelando.

Iniciado numa hora de feliz inspiração, tudo neste Curso parecia a um toque de reunir, a uma clarinada vibrante e alviçareira, que vos foi surprehender no meio de vossos trabalhos e vos trouxe, dos quatro pontos do Estado, para uma fecunda communhão de tres mezes. Attendestes, solicitamente, ao appello de vosso governo. Comprehendestes perfeitamente que poucas assembléas poderiam ter a gravidade, a significação, a bella imponencia moral da assembléa de que ieis participar.

Tomastes a vossa concha de romeiro e para aqui viestes, com o esplendor de vosso devotamento. Viestes resuscitar a vossa vida escolar, professoras tornadas alumnas num momento, e tivestes a encantadora felicidade de vos assentardes de novo numa sala de escola, a ouvir mestres eminentes, tocadas pelo mesmo augusto idealismo e pelas mesmas altas illusões que, um dia, exaltaram o vosso espirito. As andorinhas que se foram, tangidas por brava invernia, e que pareciam não voltar mais, oh! voltaram de novo a poisar, por tres mezes, em vossos corações...

Aqui viestes, aqui sentistes de novo as mais gratas emoções da vida, aqui estudastes e trabalhas-

tes, com dedicação e proficiencia, enchestes de notas os vossos cadernos, ajuntastes mais alguns livros á vossa estante, recolhestes mais alguns corações amigos ao circulo de vossa affeição, apprendestes, ao contacto salutar de vossas companheiras e de vossos mestres, o que de novo os homens têm cogitado na grande tarefa de educar.

Li a maior parte de vossos relatorios, que vou folheando, com carinho, e verdadeiramente me surprehendeu o estranho enthusiasmo que vos suscitaram os nossos trabalhos. Senhoras professoras: tende a certeza de que o resultado mais fecundo deste curso não está na quantidade de conhecimentos adquiridos, com grande esforço, mas principalmente está no conteudo espiritual de illusões e de enthusiasmo que aqui viestes haurir. Se me fosse dado aconselhar-vos, dirvos-ia: tende illusões, como as creanças, tende enthusiasmo, como os ingenuos e os puros, porque delles é a victoria.

Encarae a vossa escola, com aquelle espirito superior com que se devem encarar as coisas sagradas. E, ao retornardes para ella, esforçae-vos por conservar dentro de vós, como um fogo sagrado de que sois sacerdotisas, as santas esperanças e os santos orgulhos dos verdadeiros mestres. Não leveis a vossa tarefa como uma cruz a carregar.

A tarefa de ensinar está muito longe do Calvario. Quando ensinava, Jesus escolhia os caminhos mais cheios de flores, as aguas mais bonançosas e mais risonhas, as florestas mais bellas e mais serenas. Quando Jesus ensinava, tinha nos labios o sorriso mais lindo e mais doce que amanheceu na terra... Nunca lhe cahiu da bocca uma palavra de desanimo. A fé, que predicava, tinha o prestigio de abalar montanhas. A luz de seus olhos arrastou as multidões. Arrastava até os avarentos! E as suas mãos milagrosas, constantemente curvadas numa benção, saravam as chagas dos lazaros...

Não tomeis a vossa tarefa como uma cruz pesada, com a qual vos conformaes como se fosse uma fatalidade indeclinavel. Tomae-a, sim, como a mais santa das tarefas que alguem póde exercitar na terra. Tal vos dirá que a mais santa das tarefas é a tarefa da mãe. Não é verdade. A mais santa das tarefas cabe aos mestres e ás mestras, porque a mãe cria, protege, educa os seus filhos, naquelle impeto commovedor com que a gallinha estende as azas sobre os seus pintinhos. Não é virtude: é instincto. Instincto maravilhoso e santissimo, mas instincto. A mestra é mãe de todas as creanças e a luz, como a bondade que derrama, é como a luz e como a bondade das estrellas que illuminam os palacios e as cabanas, os reis e os mendigos...

Vivei preoccupadas com a vossa missão. Preparae, com cuidado, as vossas lições. Não malbarateis o vosso tempo nas frivolidades de toda gente: consagrae-o á cultura de vosso espirito e de vosso coração, esforçando-vos por viver sempre num ambiente elevado. Relê-

de, com attenção, os vossos velhos livros, lêde, com cuidado, os novos e procurae adoptar os melhores methodos. Nada de apegos incondicionaes ao passado nem predilecções incondicionaes pelo que é novo. Procurae o meio termo, como nos aconselha a sabedoria do proverbio. Sobretudo, recebei com serenidade, as palavras desalentadoras dos pessimistas. Os pessimistas nunca realizaram nada na terra. As maiores figuras que passaram entre os homens — foram crentes e ingenuas. Deixae aos pessimistas o prazer de ruminarem o proprio fél. Nós devemos viver de dia, com sól claro e sob um céo azul, em que não possamos ouvir o agouro amargo das torujas...

Demais, não nos illudamos com a maioria dos pessimistas. A maioria dos pessimistas não tem pessimismo: tem preguiça. E' o horror ao esforço que os faz, *a priori*, duvidar dos novos methodos. Não experimentaram, não leram, não ouviram. Só estão convencidos de que os novos methodos não prestam. Procuram disfarçar o motivo substancial de seu pessimismo, com argumentos mentirosos. Mas vêde bem, através das apparencias mais ou menos bôas, que o motivo é outro e por vezes inconfessavel: preguiça, rotina, incomprehensão, inveja.

Senhoras professoras.

O presidente Antonio Carlos (cuja elevação moral vem suscitando applausos de quantos anseiam por um Brasil maior e melhor), secretariado por um excelso espirito de eleição, como positivamente é o meu grande mestre, dr. Francisco Campos, quiz encarar de frente o problema da educação popular. Estudou-o em todas as suas faces, traçou um magnifico programma e não está, felizmente, disposto a sacrificar, na pratica, a menor minucia da admiravel construcção systematica que constitue a actual reforma do ensino.

E agiu bem. Não ha maior problema para Minas. Mais: a educação mineira é um grande problema nacional. Notae que não restrinjo os effeitos a Minas. A obra, que ora se effectua, não ficará apenas nas montanhas, a illuminar a população laboriosa e tranquilla que nellas vive. Minas, collocada no seio do Brasil e em posição eminente por suas cordilheiras, tem uma grande missão historica. Coração de oiro — lhe chamou o sabio, referindo-se á opulencia de suas jazidas. Coração do Brasil poderiamos chamar-lhe, em virtude de sua situação geographica. Mais propriamente, porém, poderemos chamar-lhe coração da Patria, porque aqui se sentiram as primeiras palpitações de vida de uma nova raça e porque aqui se sonharam os primeiros sonhos de liberdade.

O Brasil começou, por assim dizer, a existir em Minas e a terra que, por suas montanhas e por seu clima temperado, estava destinada a ser domicilio de um povo ordeiro e sereno, contrariando observações da sociologia, veiu a ser, um dia, a terra sagrada das rebelliões.

O problema de nossa educação é um alto problema nacional, repito,

porque, menos accessivel ao elemento alienigena que permanece no littoral, Minas é a grande reserva de brasilidade, a preponderar, como poderosa substancia nuclear, na plasmação da nova raça que ahi está surgindo da mixtão dos povos mais diversos.

Rica, vasta, sobria, serena, ha de ser, pelas virtudes mentaes de seu povo, como é pelas suas qualidades moraes, uma lição permanente a todos os bons brasileiros: o trabalho, com moderação, a tranquillidade, sem desvarios, a docilidade aos acenos do progresso temperada pelo apego ás bôas tradições, e, sobretudo, uma caminhada grave e repousada para as culminancias, sem precipitações nem vertigens.

A vós, senhoras professoras, que fostes chamadas para melhor comprehenderdes o pensamento de nossos eminentes governantes e para melhor conhecerdes os principios que informam a actual reforma do ensino, — cabe a grande tarefa de levar ás vossas escolas, ás vossas collegas, aos vossos alumnos o enthusiasmo que aqui vistes e recolhestes e a bôa vontade dos que dirigem a nossa terra. Espalhae, por toda a parte, as bôas sementes. Levantae os espiritos abatidos, convertei os espiritos obstinados. Ha homens que voltam de proposito as costas para o sol. Sacudi-os, com coragem, e ensinae-os a amar a claridade e a belleza.

Responsavel não será o governo por um possivel inexito da grande tarefa. Responsaveis somos nós, porque o governo de Minas tem cumprido altamente e patrioticamente o seu dever. Cumpramos, da nossa parte, o nosso dever. Realizemos, com ternura, o quinhão que nos toca. Eia! Vamos para as creanças e transformemol-as em cidadãos sabios, honrados e laboriosos para a grandeza e para a gloria do Brasil".

FACULDADE DE MEDICINA DE BELLO HORIZONTE

A Faculdade de Medicina de Bello Horizonte é uma obra de fé e de amor, e representa uma das mais bellas conquistas da opinião publica.

Rejeitados, nas respectivas casas legislativas, o projecto n. 3, do deputado estadual Severiano de Rezende, de 10 de julho de 1891, que creava uma Faculdade de Medicina em S. João d'El-Rey, e o projecto n. 37, do senador Virgilio Martins de Mello Franco, de 8 de maio de 1893, relativo á creação, na Capital do Estado, de uma Faculdade de Medicina e Pharmacia, — nem por isso amorteceram os anceios, ou se extinguiu a fé dos paladinos de tão remontada idéa.

Transferida a séde do governo de Minas Geraes, de Ouro Preto para Bello Horizonte, a 12 de dezembro de 1897, recrudesceram, com novo impeto e enthusiasmo mais intenso, a idéa que vinha germinando, lentamente, no espirito e no coração de muitos mineiros desejosos do desenvolvimento intellectual de seu Estado.

E' assim que, a 5 de julho de 1902, — como consta, pormenorizadamente, do *Minas Geraes* de 7 desse mesmo mez, — a Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia, com séde nesta Capital, celebrou uma sessão memoravel, sob a presidencia do dr. José Pedro Drummond, na qual os respectivos socios Cicero Ferreira, Benjamin Moss, Olyntho Meirelles, Salvada Pinto e Virginio Bhering, discutiram largamente a necessidade e a possibilidade da creação desse instituto de ensino superior.

Cinco dias depois (e aqui começa o pronunciamento da opinião publica), distribuiu-se profusamente, pelas ruas de Bello Horizonte, o seguinte boletim:

"MEETING

Convida-se a mocidade de Bello Horizonte, e o povo em geral, para se reunirem em MEETING, hoje, ás 7 e meia horas da noite, junto ao Theatro Soucassaux, afim de manifestarem

a sua adhesão á grandiosa idéa da fundação de uma Faculdade Livre de Medicina nesta Capital.

Espera-se o comparecimento de todos, visto tratar-se de uma medida de necessidade palpitante e que traduz o engrandecimento e o progresso do nosso Estado.

Bello Horizonte, 10-7-1902.

A COMMISSÃO".

No dia seguinte, os tres jornaes editados na Capital (*Minas Geraes, Commercio de Minas e Diario de Minas*) noticiavam esse comicio, que fez época, em phrases repassadas de encarecimento e de fervoroso apoio á idéa ventilada no mesmo.

E' do *Minas Geraes*, de 11 de julho de 1902, a seguinte nota:

"FACULDADE LIVRE DE MEDICINA

No meio do maior enthusiasmo realizou-se hontem, á noite, um "meeting", promovido pela mocidade academica, para a fundação da Faculdade Livre de Medicina neste Estado, ao qual compareceu grande parte da população da Capital.

Precedida da banda de musica da Brigada, a grande massa popular que se reuniu em frente ao theatro Soucassaux e foi até o fim, 9 1|2 da noite, percorreu as ruas da Capital, aos vivas aos que têm cooperado para a realização desse generoso "desideratum" e aos altos poderes do Estado, pela sua attitude e animação, secundando os nobres esforços da Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia.

Entre outros oradores, foram ouvidos os srs. pharmaceutico Aurelio Pires, drs. Prado Lopes e João Luiz, do "Diario de Minas", pharmaceutico Antonio Braga e os academicos Alvaro Vianna, J. Neves, do "Commercio de Minas", sr. João Camelo e academicos Navantino Santos e Auto Sá.

Respondendo ás saudações que lhe foram dirigidas e ao appello que lhes fez o povo, reunido em frente á ssuas residencias, falaram os srs. dr. Costa Sena, vice-presidente do Estado em exercicio, dr. David Campista e senador Antonio Martins, os quaes prometteram os seus esforços em proveito da generosa idéa, justa aspiração da familia mineira.

Desta redacção, em resposta á saudação feita ao nosso director, então ausente, falou o nosso companheiro de trabalhos academico Nelson Baptista.

A' reunião presidiu a melhor ordem, salientando-se o ardor e patriotismo da mocidade, que dá, assim, uma nova prova do seu acrysolado affecto, á terra mineira, por cuja emancipação intellectual pugna com a proverbial galhardia. A essa reunião compareceram representantes de todas as classes. Pelo "Minas Geraes" assistiu á reunião o nosso companheiro Assis das Chagas."

O *Commercio de Minas,* de 13 daquelle mez e anno, sob a epigraphe — *Faculdade de Medicina,* estampou o seguinte:

"Publicamos hoje, na integra, o discurso pronunciado pelo illustre professor Aurelio Pires, na manifestação popular em favor da creação da Faculdade Livre de Medicina, o qual foi stenographado pelo academico Salomão de Vasconcellos:

O SR. AURELIO PIRES: — Meus senhores! Bem poucas vezes, uma reunião publica tem-se revestido de caracter tão eloquente como a que hoje realiza. Quando a alma popular vibra tão intensamente, é que a idéa que a impelle é elevada e concretiza as aspirações da collectividade.

O sentimento que ora nos inspira e a cujo influxo obedecemos com enthusiasmo tão sincero e tão geral, é da ordem daquelles que avassallam as consciencias, conquistam os corações, arrebatam os espiritos, destroem as resistencias, superam os obstaculos, para, afinal, pompearem as glorias do seu triumpho ao sol rútilo e purissimo das causas vencedoras (*Muito bem!*)

Senhores! Desde longa data, a patria mineira acaricia uma aspiração sublime: — a de fechar o circulo dentro do qual se encerram os grandes problemas do saber humano. Uma longa solução de continuidade tem, até hoje, impedido que se approximem as extremidades da grandissima curva que circumscreve a vasta zona luminosa, á conquista da qual os espiritos se atiram, sedentos e vorazes, no afan de quem padece fome e sêde de verdade.

Para satisfazerem, em parte, a essa dupla necessidade incoercivel, muitissimos dos nossos patricios têm corrido a regiões inhospitas e ingratas; e dezenas — que digo eu! — e centenas delles lá têm ficado, devorados pelo minotauro terrivel cujo halito pestifero nos tem crestado tantas esperanças em flor, cujos pés impiedosos têm esmagado talentos tão robustos, promessas tão bem fundadas! (*muito bem!*)

E' tempo de erguermos bem alto o nosso grito de angustia; de airoarmos, com o rumor das grandes aguas, todo este vasto territorio mineiro. E que este grito repercuta por todas

estas quebradas, e que esses clamores abalem todos os corações, dizendo-lhes, em nome dos que se foram e em nome dos que hão de vir, a grande, a inadiavel, a imperiosa necessidade que sentimos de uma Faculdade de Medicina em nosso Estado (*Muito bem!*)

Sim! devemos e podemos tel-a (*apoiados*), e havemos de tel-a. (*Apoiados*). Havemos de tel-a, porque a idéa da sua creação já se radicou profundamente em todos os espiritos, já sahiu do dominio das concepções abstractas, já transbordou dos cerebros dos que a acalentavam, e veiu para a praça, porque ella é uma necessidade publica. (*Muito bem! Palmas.*)

Nem se diga, senhores, com uma modestia que seria irrisoria, se não fôra perfida, que nos faltam os elementos indispensaveis para a fundação da mesma. Nem se diga que não possuimos aqui campo bastante vasto onde se possa aprender "a sciencia que ensina a prolongar a vida, combatendo as molestias e protegendo a saude". Essa evasiva tem apenas servido para procrastinar a solução desse problema, que ha de ser resolvido, uma vez que nelle se concentram esforços persistentes e vontade firme.

O povo mineiro, senhores, é generoso e patriota; elle sempre tem sabido amparar as grandes iniciativas. Pois bem: façamos mais um appello a essa generosidade nunca desmentida, a esse impulso de amor ao progresso; dirijamo-nos ao nosso Estado, por meio de subscripções populares, e, em breve, se erguerá, pomposo e magnifico, o templo da sciencia, para cuja construcção vamos todos trabalhar. (*Apoiados, muito bem!*)

Senhores, o fallecido dr. Francisco de Castro, que foi e será sempre uma gloria da medicina brasileira (*apoiados*), disse, um dia, em uma das suas mais notaveis peças oratorias: "O desenvolvimento das sciencias não conta maior tropêço que esse que lhe contrapõe o espirito rotineiro. Elle é a encarnação da inercia, a glorificação do marasmo, a apologia das aspirações retrogradas, o symbolo da opposição á lucta cerebral na concorrencia moderna."

Guiados por esse espirito tão lucido, reajamos tambem contra a rotina que nos enerva espirito e atrophia nossos mais caros ideáes.

Vamos daqui, ligados todos pela solidariedade de uma necessidade commum, animados do mesmo espirito e das mesmas esperanças, solicitar, para a fundação da Faculdade de Medicina Mineira, o apoio de quantos possam patrocinal-a

com o prestigio de seu nome, com o poder de sua penna, com o valor de sua palavra.

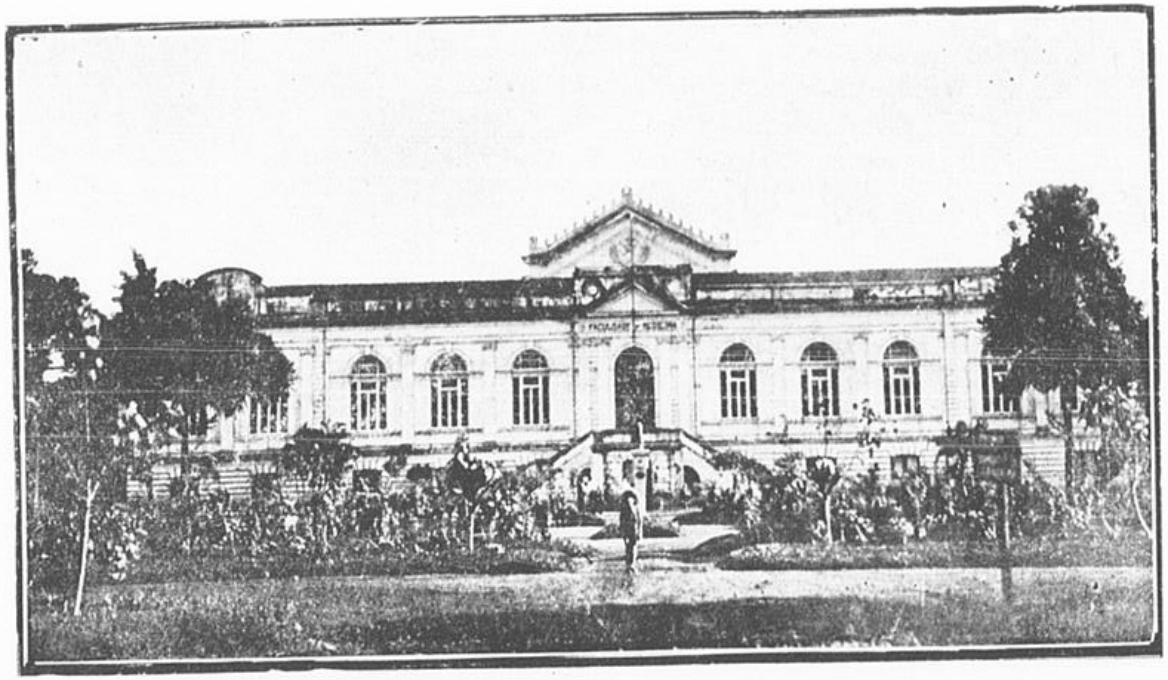
E é tão segura a certeza que tenho de que todos esses esforços hão de germinar, florir e fructificar, que, desde já, vos convido a erguermos um *viva*, repassado de todo o enthusiasmo das convicções sinceras .

Viva a autonomia intellectual do Estado de Minas Geraes!!!

(*Muito bem! Muito bem! Vivas e estrepitosos applausos cobrem as ultimas palavras do orador, sendo este vivamente felicitado e abraçado por muitas pessoas do povo e medicos presentes*).

(Do *Commercio de Minas*, de 13 de julho de 1902).

Nove annos depois, a 5 de março de 1911, uma outra sociedade sabia, a Associação Medico-Cirurgica de Minas, convertendo em realidade luminosa o sonho de tantas gerações, fundou a Faculdade de Medicina de Bello Horizonte, a qual, sendo, como se affirmou acima, uma obra de fé e de amor, é, egualmente, uma conquista esplendida da opinião publica.



Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Geraes

QUESTÕES DE PEDAGOGIA

RETARDADOS E DEBEIS ORGANICOS

Dentre as questões sociaes que a civilização actual tem posto em equação -- e não são poucas — nenhuma mais interessante e de maior alcance para a obra de socialisação, nenhuma mais attrahente pela cambiante de seus aspectos, do que a da EDUCAÇÃO. Tambem não poupam as nações modernas nenhum sacrificio para sua solução .As dotações orçamentarias votadas assombram pelo seu vulto; a somma das actividades mobilisadas para a execução dos programmas de acção é incalculavel e no estudo preparatorio dos differentes meios a empregar na resolução dos problemas suscitados pela variedade, sempre crescente, de seus aspectos até a moderna sciencia experimental vem intervindo com os seus methodos.

O HOMUNCULUS

Nos tempos antigos, eram assumptos de caracter pedagogico tratados empiricamente; os philosophos tomavam como principios fundamentaes de suas longas e por vezes fastidiosas dissertações factos aprioristicamente estabelecidos como verdadeiros e sobre elles elevaram pesadas construcções que a sciencia de hoje derrocou. O erro capital dessa velha pedagogia foi de ter desconhecido a significação da infancia no desenvolvimento da personalidade humana; não reconheciu entre a psychologia do adulto e a da creança outra differença senão a decorrente da falta de experiencia desta, que ella considerou uma simples miniatura daquelle. Fez do infante o *homunculus*, com tendencia, sentimentos e necessidades, com uma fórma de actividade, eguaes ás do homem adulto, concluindo pela applicabilidade do mesmo tratamento tanto a um como ao outro. As más consequencias deste erro, que se nos affigura hoje tão grosseiro, só modernamente vão sendo corrigidas.

Se a sciencia contemporanea vem procurando lançar um pouco de luz no caminho que a humanidade vae trilhando em busca da eterna perfeição e da felicidade intangivel; se, com o physiologista IMBERT, desceu a estudar os phenomenos que caracterizam o trabalho muscular, indagando ao mesmo tempo do valor nutritivo da alimentação das classes operarias, para trazer ás reivindicações do proletariado, na luta pelo augmento do salario e diminuição das horas de trabalho, um argumento novo e de feição surprehendente; se com as pesquizas de BINET, STERN, CLAPAREDE, LAGUIER e outros lançou a surpresa nos arraiaes da justiça tradicional, provando a invalidade da prova testemunhal e demonstrando a necessidade de uma reforma dos methodos de investigação da verdade, como poderia deixar de attentar para o problema da educação, que tão de perto contende com a desejada perfectibilidade, que está tão estreitamente ligado ao sonho de felicidade que todos perseguimos?

E nesse empenho de bem servir á causa da educação, os resultados por ella colhidos são já notaveis e deixam entrever ainda melhores. Nelle trabalham legiões de obreiros: — medicos, hygienistas, physiologos, biologistas, psychologos, juristas, sociologos e philosophos, em extreita collaboração com os educadores profissionaes.

UMA NOVA SCIENCIA

Foi assim que do velho e carcomido tronco da pedagogia, já agora provido de raizes novas, embebido de mais rica seiva, brotaram rebentos novos, qual mais viçoso. Delle emergiu um galho frondoso, infelizmente baptisado com o barbaro e malsonante titulo de PEDOLOGIA, cujos fructos abundantes se consubstanciam nos modernissimos estudos de physiogenia e de psychogenese que transformaram o ridiculo *homunculus* de antanho num ser dotado de uma forma particular de actividade, que compellido pelas necessidades proprias da edade ao exercicio insopitavel dessa actividade, exige um tratamento especial, methodos adequados de cultura.

Perquiridas as condições do crescimento normal, tanto no ponto de vista physico, como intellectual e moral, estabeleceu-se o valor relativo de cada um dos seus factores, de modo a se utilizarem na pratica da educação os ensinamentos alcançados. A influencia da condição social e do meio cosmico em geral, a significação psychogenetica dos brincos infantis, da imitação, da sympathia, dos interesses variaveis com a edade, são os fructos opimos das pesquisas scientificas instituidas, com as quaes vão se colligindo os elementos indispensaveis á creação de uma psychologia infantil cheia de encantos, referta de surpresa, porque nos permitte a visão maravilhosa do desabrochar das almas, ao calor do ambiente, nos offerece o assombroso espectaculo das primeiras manifestações dos instictos, dos sentimentos, da formação das idéas geraes, da affirmação crescente de uma actividade, orientada sempre para uma finalidade que nos assombra, embora nos escape.

Mercê desta intervenção dos methodos scientificos modernos, a obra educativa rompeu os estreitos limites em que viveu largo tempo, e, elevando-se, arrebatou para o alto, no conceito universal, o educador profissional — o mestre — hontem um paria, um desclassificado, hoje um plasmador de almas, um renovador social. Em torno delle, como realizador, congregam-se obreiros empenhados na ingente tarefa de preparar novas e melhores gerações.

Tambem quanta amplitude vae alcançando, em nossos dias, a eterna questão do preparo dessa sementeira do futuro, que é a infancia!... E' para amanhar o solo em que deverá ser lançada que intervem a ENGENIA — uma outra creação dos nossos dias — pesquisando, para afastal-as, as taras de possivel transmissão hereditaria, oppondo-se á degenerescencia dos fructos. E dahi a obra da educação extende-se pela assistencia ás gestantes; prolonga-se atravez de numerosas instituições de protecção e assistencia á infancia; dilata-se pela inspecção medica escolar; desgalha-se na triplice empresa de roborar a creança, physica, intellectual e moralmente, para o que vão se creando cada dia instituições novas: — escolas ao ar livre, colonias de férias, estações de curas, escotismo, etc., nas quaes se applicam methodos cada vez mais apurados; alteia-se nas escolas pofissionaes e nas de aperfeiçoamento, para culminar nesse anhelo de perfeição que é a pedagogia *sob medida* aspiração de um ideal sublimado, embora irrealizavel.

OS ANORMAES

Toda essa obra monumental da educação ficaria incompleta se se desinteressasse da sorte daquellas creanças para as quaes foi madrasta a natureza, tornando-as pela força das circumstancias, incapazes de assimilar a educação commum.

Na linguagem medica são essas creanças denominadas *anormaes*, porque os disturbios verificados em seu desenvolvimento determinaram nellas anomalias de ordem pathologica que as afastaram do typo medio da humanidade. Os anormaes formam um grupo numeroso, mas heterogeneo pela variedade das anomalias observadas. Como typos principaes citam-se os cegos, os surdos-mudos, os debeis mentaes em todos os gráos, os idiotas, os instaveis e certos epilepticos. O unico laço de parentesco existente entre typos tão variados é a impossibilidade em que se acham de receber a instrucção pelos methodos ordinarios.

Se bem que dignos da maior piedade, não despertam, para a escola primaria, egual interesse. Os surdos-mudos e os cegos, por motivos obvios, não podem frequentar a escola commum; sua instrucção requer methodos especializados. Do mesmo modo, os idiotas, porque incapazes de attender ás suas mais comesinhas necessidades, não podem dar entrada na escola primaria. Sua assistencia, como a dos epilepticos sujeitos a frequentes ataques convulsivos e a impulsões morbidas de caracter grave, compete aos asylos e hospitaes.

Já não acontece o mesmo com os debeis mentaes e com os instaveis. Aos primeiros a escola acolhe e facilmente retem em seu seio, porque são em geral doceis e capazes de grande affectividade. Os mestres, se não logram instruil-os tambem não os repellem de si com desamor.

Limitam-se quasi sempre a deixal-os entregues ao seu fadario, abandonados a um canto.

Com os instaveis o caso é differente: a natureza de seu mal torna-os indesejaveis na escola, onde são permanente elemento de desordem. Ao professor custa maior trabalho a vigilancia de um anormal instavel do que a de toda uma classe de normaes.

A proporção dos anormaes, comprehendidos todos os typos, é calculada, segundo as melhores estatisticas, em cinco por cento da população em edade escolar. Dentre todos, os mais numerosos são os debeis mentaes, tambem denominados *atrazados* ou *retardados*, porque sua anomalia consiste justamente no retardamento do desenvolvimento mental. Se em uns casos o *deficit* observado é tão insignificante que toca as raias da normalidade, em outros a deficiencia attinge a linha fronteriça com a idiotia. Entre os dois extremos ha logar para todos os graus intermedios.

A experiencia e a observação fixaram um tanto empiricamente o nivel médio de crescimento para cada anno de edade e é essa média que serve de estalão para aferir-se, por simples comparação, o grau de desenvolvimento attingido nos casos *sub judice*. Se, applicada a medida, verifica-se que o sujeito examinado apresenta, máo grado os seus dez ou doze annos completos, um desenvolvimento mental só comparavel ao de uma creança normal de oito ou dez, diz-se que o individuo é um retardado de dois annos. Se, pelo contrario, o paciente tem seis annos e demonstra conhecimentos que, normalmente, só se alcançam aos dez, considera-se o caso como de adeantamento, tambem computado em dois annos.

O crescimento, porém, não se faz sempre com a mesma uniformidade, póde variar normalmente em sua marcha, conforme as condições individuaes.

Em 1829 VILLERME' já chamava a attenção para a influencia do bem estar e do conforto e sobre o desenvolvimento da estatura.

Niceforo mais recentemente demonstrou nas escolas de Lausane que as creanças das classes proletarias, em razão das condições de meio apresentam estatura, peso e perimetro thoracico menores do que as das classes abastadas e suas observações foram confirmadas por pesquisadores de differentes paizes. As razões do facto são faceis de comprehender. Mas, como por outra parte, estas variações normaes nunca ultrapassam os limites de dois annos para mais ou para menos, só se consideram anormaes os afastamentos excedentes desse praso.

A AFERIÇÃO DO ATRAZO

O modo de aferir o grau de atrazo pela comparação, a que já nos referimos, está condemnado por alguns observadores. A parada do desenvolvimento é quasi sempre parcial: — Affecta umas tantas faculdades acquisitivas, deixando indemnes as outras, de sorte que os atrazados são apenas desharmonicos. Muitos delles revelam aptidões especiaes que os singularizam.

BINET teve a opportunidade de estudar em seu laboratorio da Sorbonne dois calculadores celebres, INAUDI e DIAMONDI, e chegou á conclusão de que ambos eram assaz mediocres de intelligencia, distinguindo-se apenas pela memoria assombrosa para os algarismos. Alguns debeis mentaes apresentam aptidão particular para a musica, outros para os trabalhos manuaes. Muitos delles, pela hypertrophia da memoria, supprem suas deficiencias mentaes simulando talento que não têm e chegam a situações por vezes brilhantes.

Outro inconveniente do citado processo de aferição do grau de atrazo intellectual está no facto de fazer suppor que, para instrucção dos individuos atrazados bastariam os processos ordinariamente empregados com as creanças normaes, na edade correspondente ao atrazo.

A pratica tem demonstrado o erro deste raciocinio. Para instruir os atrazados mentaes, é indispensavel o estudo prévio, do seu psychismo, com a verificação do grau de desenvolvimento de cada uma de suas faculdades, estabelecendo-se a formula de sua desharmonia, e depois disso o plano da sua educação. Como se vê, a educação desses sujeitos deverá variar com os casos e o ensino ha de ser forçosamente individual, não só na accepção vulgar do termo, mas ainda na accepção psychologica.

Não é facil o exame destes casos, innumeras são as causas de erro. Ha individuos intelligentes, mas sujeitos a um certo emperramento nos seus processos de elaboração mental ou no modo de se exprimirem que, submettidos a um exame apressado ou mal orientado, podem apparentar deficiencia. Outros — os chamados atrazados pedagogicos — são victimas de uma iniciação literaria defeituosa, de uma classificação superior á sua capacidade ou de timidez excessiva. Só um exame intelligentemente feito e por pessoa que, ao tirocinio, allie o conhecimento de todas as causas de erro, poderá decidir com segurança em taes casos. E a questão não é de somenos importancia, porque envolve muita vez todo o futuro da creança, injustamente acoimada do inintelligente.

No tocante aos *instaveis*, desde que a sua instabilidade venha desacompanhada de outras anomalias, são facilmente instruiveis; seu rendimento social, todavia, é na immensa maioria dos casos insufficiente. A educação delles não pode realizar-se nas escolas communs, pelos motivos que dissemos. Tambem elles requerem classes especiaes.

A educabilidade dos retardados mentaes está de sobejo demonstrada desde os trabalhos iniciaes de Seguin e de Itard no começo do seculo passado, de Bourneville, posteriormente, e modernamente confirmados. De passagem, lembrarei a prova decisiva a que se sujeitou a insigne Montessori, levando a exames publicos, nas escolas primarias de Roma, os imbecis que havia instruido pelos seus methodos de ensino.

Revelaram um grau de instrucção perfeitamente assimilado, em nada inferior ao alcançado pelas creanças normaes das mesmas escolas. Sómente o tempo e o esforço despendidos tinham sido infinitamente maiores e o grau de instrucção alcançado, que para os retardados era o maximo a que poderiam attingir, para os normaes não passava do primeiro degrau de uma escada por onde poderiam subir muito mais.

Esta synthese apertada não tem outro fim mais do que fundamentar os applausos com que saudo a feliz idéa ora suggerida ao Congresso de Instrucção de se crearem nos grupos escolares classes especiaes para os retardados.

Não creio que seja a melhor solução para o caso: acredito preferiveis os institutos ou escolas especializadas, mas isso não impede ensaiemos a solução lembrada, de mais facil realização, ainda que a titulo provisorio.

Dois obstaculos principaes irá encontrar a creação das classes de retardados. A primeira é a carencia de mestres especializados, porque, si a educação dos deficientes mentaes é difficil e penosa, está claro que sua primeira condição de exito encontra-se na selecção cuidadosa de educadores habeis, apparelhados com um preparo pedagogico differente do necessario para as escolas communs.

Este primeiro obstaculo é de facil remoção. Felizmente não faltam ao magisterio mineiro elementos de escol, capazes de um preparo especializado, desde que a administração do Estado lhes faculte os meios de se habilitarem. Importa antes de tudo ter bem presente que para empresa delicada como é a do melhoramento intellectual dos deficientes mentaes só podem servir mestres de alta intelligencia, de solida cultura pedagogica e de elevados sentimentos de humanidade.

Mais grave é o obstaculo opposto pelo amor proprio dos paes que não se resignarão facilmente a reconhecer as anomalias mentaes dos proprios filhos, consentindo que sejam transferidos para as classes especiaes. Muitos, sentindo-se humilhados na pessoa dos filhos, preferirão retiral-os da escola publica para conserval-os em casa ou para matricular-os em escolas particulares, onde irão perder o tempo utilizavel para sua educação. Poderá a creação de um rotulo apropriado e adrede escolhido contornar a difficuldade?

A instituição de estabelecimentos especializados talvez resolvesse o caso, porque ordinariamente o que mais irrita a sensibilidade dos paes é a desegualdade flagrante do tratamento nas escolas communs e sobretudo os motejos e zombarias dos outros companheiros mais bem dotados. Reunidos em um mesmo estabelecimento, onde se libertassem das comparações depreciativas a que ficam expostos na escola publica, e submettidos ao mesmo regimen, a situação dos retardados tornar-se-ia menos penosa. Ha ainda a questão do aproveitamento das aptidões individuaes desses retardados que a escola primaria não póde resolver.

No tocante aos debeis organicos, aos individuos de crescimento physico apoucado, mas isentos de anomalias mentaes, não vejo razão séria para confinal-os em classes especiaes, de vez que a sua debilidade organica em nada prejudica seu adeantamento. O ar-

gumento de sua menor resistencia á fadiga não prevalece, porque este phenomeno não é de verificação corrente na escola primaria, onde as creanças fogem aos effeitos da fadiga pela desattenção.

Entendo pois que os debeis organicos poderão frequentar as classes ordinarias, sem nenhum prejuizo. Sómente na parte relativa á educação physica convirá, em attenção ao seu estado de menor resistencia organica, estabelecer um regimen especial que o medico escolar fixará de accordo com as condições individuaes.

CONCLUSÕES

I — São consideradas *anormaes* as creanças que, pelas anomalias sobrevindas no seu desenvolvimento psycho-physico, ficam incapazes de assimilar o ensino estabelecido para o typo medio da humanidade.

II — Dentre os differentes typos de anormaes, só despertam interesse no ponto de vista da escola commum os retardados mentaes e os instaveis, unicos que podem bater ás suas portas.

III — A educabilidade dos retardados mentaes está demonstrada desde muito pelos trabalhos realizados neste terreno.

IV — Ao Estado impende o dever de assistencia educativa aos retardados, como a outros typos de anormaes pathologicos, não só porque a instrucção recebida virá melhorar a situação social delles, como tambem no interesse da collectividade alliviada do encargo de prover a assistencia dos mesmos em asylos ou hospitaes.

V — Para occorrer á assistencia educativa dos retardados a creação de classes especiaes nos grupos deverá ser acceita, apenas, como solução provisoria.

VI — A solução definitiva está na creação de institutos especializados.

VII — Os obstaculos á creação das classes especiaes podem ser removidos.

VIII — Quanto aos debeis organicos não ha razão para que se criem escolas especiaes, desde que a sua debilidade seja desacompanhada de anomalias mentaes.

ALEXANDRE DRUMOND

Secção do Centro Pedagogico Decroly

O SYSTEMA DECROLY

Conferencia feita pelo professor Julio de Oliveira, no Grupo Escolar "Barão do Rio Branco", em presença das altas auctoridades do ensino e grande numero de professores. Pertence á série promovida pela Inspectoria Geral da Instrucção.

Mourejando no ensino publico ha dezoito annos, nunca o meu espirito havia dado um assentimento pleno ás innovações em materia de ensino elementar. Essa adhesão acabo de dar agora ao systema educativo creado pelo professor Decroly. Dei-a, depois de haver penetrado no seu espirito, mais neste do que nas suas razões scientificas.

Passei a encaral-o respeitosamente, percebendo no referido systema um corpo logico, com base legitima na psychologia da creança. Em vez de consideral-o como um methodo simplesmente, tomo-o como um corpo pedagogico completo. Sendo assim, divido-o em partes, a saber: o conhecimento biologico e psychologico da creança, collocando esta como centro do systema; os centros de interesse; o methodo propriamente dito. Estas duas partes ultimas derivam da primeira. Tal interpretação da obra de Decroly é toda pessoal.

OS CENTROS DE INTERESSE

Os centros de interesse derivam, conforme o pensamento do creador da escola, das necessidades biologicas do menino: alimentação, defesa, trabalho, recreação. Elles têm a grande importancia de dar uma razão logica ao conjuncto dos conhecimentos a serem ministrados e relacionar esses conhecimentos com uma idéa central. Basta esta consideração para encarecer a obra.

Tomando o professor a *alimentação* como directriz ou como bussola do seu trabalho durante o anno, tirando dessa idéa geral os innumeros assumptos a ella associados, o ensino em toda a sua complexidade se unificará, tornar-se-á ordenado e logico, o que é condição essencial para se tornar educativo.

O centro de interesse póde ser comparado á estrella dos navegantes do ensino, para evitar que a actividade mental se perca no emmaranhado das licções desconnexas.

Estas licções desconnexas é o que temos constatado entre as varias disciplinas dos programmas. Unificar todas essas partes,

é dar-lhes corpo e vida no dominio intellectual.

Si o professor collocar para a observação do alumno um objecto ou um facto que desperte o seu interesse e sympathia, as noções formadas dessa observação projectarão sobre as outras idéas associadas o mesmo interesse e a mesma sympathia. Nisto existe a maior vantagem para o ensino.

O METHODO

Na base das necessidades psychicas da creança se levanta o methodo. Os centros de interesse constituem as fontes materiaes da cultura. O methodo é o modo racional de conduzir a lympha dos conhecimentos para o laboratorio mental.

Esse methodo tenho-o dividido em dois membros, que denomino:

a) actividade de acquisição;
b) actividade de expressão.

Daremos as razões. Duas tendencias vivas e imperiosas revelam a alma do menino: a curiosidade que é a indagação em vista dos objectos e phenomenos que nos cercam; a actividade realizadora, que se manifesta pela palavra, pelos gestos e pela acção. Quanto mais claras são as idéas e as noções, tanto mais energica é essa actividade, por isso que ella é estimulada pelo sentimento da verdade.

A actividade de acquisição nasce da primeira tendencia mencionada; a de expressão da segunda. Representando ambas por duas linhas, estas formam um angulo, cujo vertice é a mente do educando.

O methodo consiste em acompanhar estas duas linhas, começando pelo ponto inicial que é

A OBSERVAÇÃO

E' este o ponto mais importante na cultura das faculdades do espirito e o valor dos conceitos adquiridos depende da firmeza com que se dá esse passo.

Si a creança indaga, ao educador cabe satisfazer a sua curiosidade, offerecendo-lhe os objectivos que correspondam aos appetites de sua mentalidade.

Podemos considerar o livro como um desses objectivos?

Não, sem duvida, responde o professor Decroly. O livro não foi feito para a creança, e sim para o adulto. O livro não póde ser um meio de desenvolvimento para a intelligencia infantil, porque não interessa a esta como cousa abstracta que é. Elle deve ter o seu logar no ensino, depois das lições de cousas.

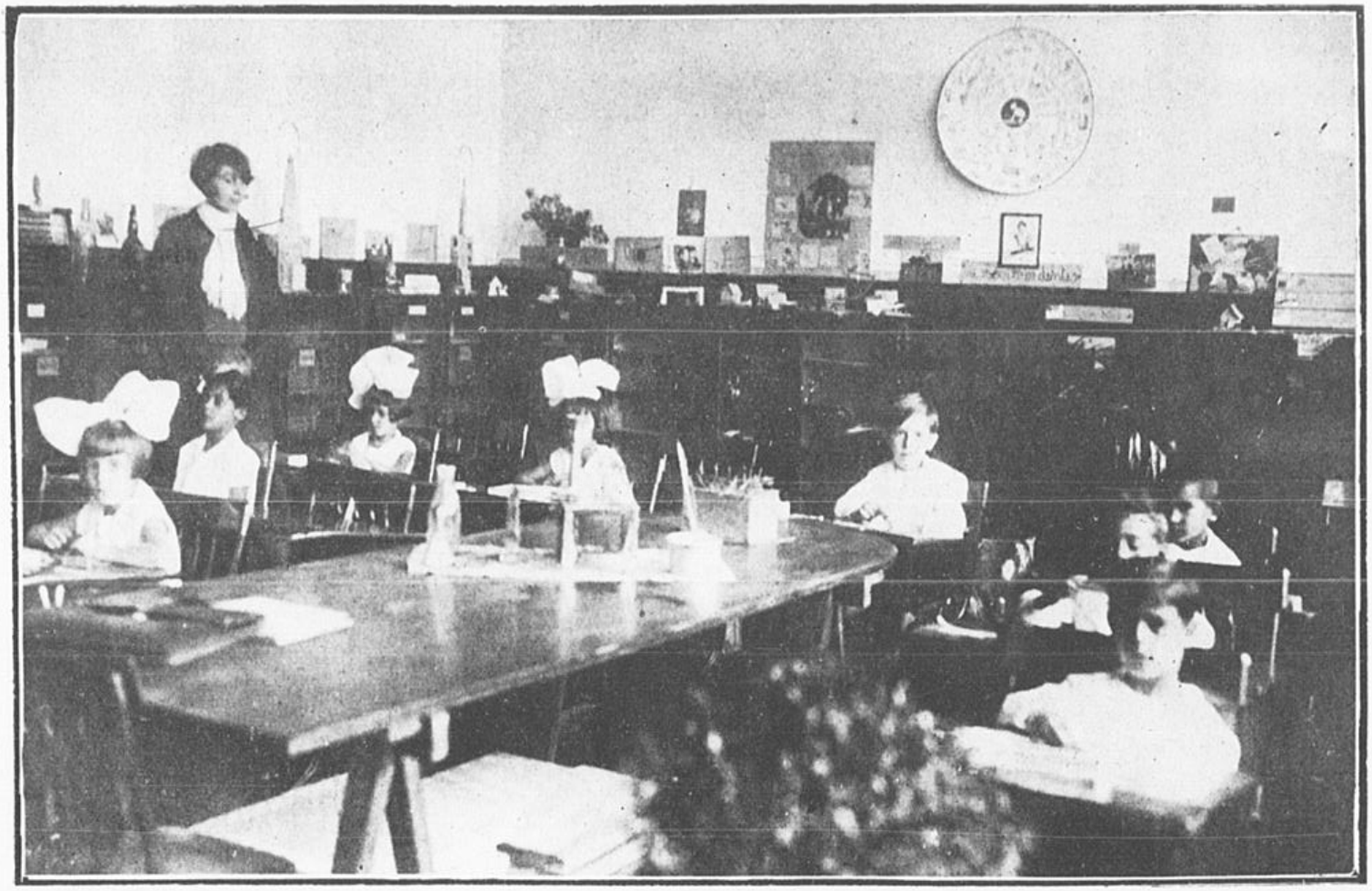
E' a natureza com a variedade innumeravel dos seus quadros e dos seus phenomenos, com a majestade do seu espectaculo, o livro que deve ser aberto á intelligencia sequiosa da alma que se entreabre. São os factos concretos e palpaveis as paginas vivas para as quaes os olhos atilados da alma infantil estão voltados.

Colleccionar conhecimentos praticos, elaboral-os e multiplical-os em associações de idéas e juizos, robustecer e aprimorar todos os conceitos adquiridos pela realização, pela expressão, eis o melhor meio de educar a mente da creança.

Escolhendo um dos assumptos em que se divide o centro de interesse adoptado, o professor fará todo o possivel de attrahir para esse ponto a attenção da classe. Exemplificarei o presente caso com uma aula de observação a que assisti na escola de Ermitage, em Bruxellas.

A senhorinha Suzana Decroly, bastante joven ainda, mas muito intelligente, viva e energica, é uma ardente collaboradora na obra de seu pae.

Em torno de uma mesa redonda da aula, ella convocou uma pequena classe do primeiro anno. Em cima da mesa um aquario de vidro, contendo dois crocodilos



Aspecto da classe Decroly do Grupo Pedro II

novos. Os alumnos tornam-se aguçados de curiosidade.

A professora tomou o animalzinho entre as mãos e começou descrevendo a sua maneira de viver. Contou que os trouxe da Florida, Norte America, quando lá esteve. E, apertando a juncção dos maxillares, ella obrigou o reptil a abrir a bocca, mostrando todos os recantos desta; passou os dedos nos dentes, na lingua, e mandou que os alumnos a imitassem. Explicou, assim, o modo de alimentação daquelle vivente. Fez com que elle mostrasse uma segunda palpebra transparente, destinada a proteger os olhos, quando mergulhados n'agua. E ella apalpava todo o corpo do animal, seguindo-a nessa operação as creanças. E o animalzinho supportava todos esses incommodos, passivamente, sem reagir. Referiu-se ao clima adequado á vida dessa especie e mencionou os paizes que a possuem. Narrou que, chegando uma vez numa praia da Florida, com o seu automovel, um bando de crocodilos se assustara e correra. E com vivacidade ella imitava o ruido e a corrida dos bichos. E as creanças, avivadas pela narrativa, formulavam questões de todo modo, ás quaes ella respondia de maneira clara e concisa, satisfazendo a curiosidade dellas.

Com essa lição, a professora Decroly associava idéas e noções no tocante á vida dos animaes, á sua anatomia, physiologia, bem como a assumptos geographicos.

Outra aula de observação foi dada pela professora Amelia Hamaïde.

Antes ella propuzera á classe, tambem de menores, uma excursão pelo parque afim de colher uvas. Cada alumno trazia um cesto e uma tesoura. Depois de alguns avisos, os alumnos tiveram ordem de seguir.

Mas não caminharam em passo natural, e sim medindo a distancia entre a escola e o parreiral, com os pés. Para isso estes se uniam de extremidade a extremidade, o que demandava paciencia e attenção. Chegados ao termo da caminhada, cada alumno dizia os passos que havia dado. Era uma observação e ao mesmo tempo uma associação de idéas sobre medida de extensão, com referencia ao facto da colheita de uvas. Da diversidade na contagem dos passos, houve ensejo para exercicio de calculo.

Como eu dissesse que no Brasil não havia necessidade de estufa, para a cultura de uvas, a professora discorreu sobre o Brasil. Era uma associação com referencia á geographia do nosso paiz.

Estes exemplos são trazidos para a elucidação dos exercicios de observação e associação.

A observação é o ponto de partida no caminho da actividade cognoscitiva. Diz Héger: "Durante a primeira edade, é unicamente pelas impressões que cabe procurar desenvolver os juizos". E é muito conhecida a phrase de Locke: "Nada existe na intelligencia que não tenha estado antes nos sentidos".

As idéas e os conceitos, os juizos e os raciocinios, tudo que faz a educação das faculdades da intelligencia e augmenta o patrimonio intellectual depende de bons actos de observação. Para que esse patrimonio seja duradouro, é necessario que as impressões sejam vivas.

Os sentidos, como instrumentos das faculdades superiores do espirito, arrancam dos factos objectivados as impressões, que trabalhadas por aquellas faculdades, irão formar o complexo dos conhecimentos.

Entre essas faculdades se encontra a das associações de idéas. Em torno de um facto ou um objecto qualquer vem logo a idéa de numero, medida, localização, tempo. Si o assumpto principal mereceu da classe a sympathia intellectual, que é a condição de vitalidade na cultura das impressões, a corrente das noções

associadas merecerá o mesmo salutar influxo.

Mas para despertarmos ainda mais essas associações, temos a comparação. A comparação promovendo o discernimento entre objectos, factos e idéas, aviva a comprehensão. Que é o juizo senão a resultante da comparação entre duas idéas, e que é o raciocinio senão a comparação de dois juizos com uma idéa?

Nos exercicios de jogos educativos, destinados á cultura das creanças anormaes, é quasi sempre pela comparação que os alumnos resolvem os casos.

Tendo explanado resumidamente a primeira parte do methodo, constando da observação, da comparação e da associação de idéas, passarei á segunda.

A EXPRESSÃO

Estando o alumno no dominio de suas impressões, idéas e conceitos; adquiridos pelo processo anterior, tem elle necessidade de exteriorizal-os de algum modo. Esta necessidade todos nós sentimos. Aquillo que sabemos desejamos communicar a outros.

Que são os maravilhosos monumentos da arte senão o producto dessa força incontida da alma dos artistas, uma idéa corporificada na imaginação?

Pois é o que acontece a todo ser humano, em maior ou menor grau.

Existe aqui uma questão importante de psychologia social. Quanto mais claras são as idéas de um povo, tanto maior o seu poder productivo.

Porque o nosso povo progride lentamente?

Penso que devido ao excesso de sensibilidade, uma das peiores heranças da raça, dando origem ás paixões egoisticas que como nuvens densas impedem a clara visão das cousas.

Das idéas claras provêm as realizações fructuosas. Difficil é conter os impetos da alma, quando esta se encontra em posse da realidade.

Tratemos, pois, dos exercicios de expressão. Elles comprehendem: a expressão verbal ou elocução; a expressão graphica ou o desenho; a escripta; a leitura; a realização pelo trabalho manual, comprehendendo a modelagem, a cartonagem e outros mais.

Diz o professor Louis Dalhem: "Estes exercicios de expressão, mais que todos os outros, mostram as differenças notaveis entre as creanças, mas é preciso que elles guardem nas suas realizações caracteres nitidamente individualizados. Elles serão então estrictamente pessoaes e o professor deverá sempre abster-se de se intrometter nelles, afim de melhorar a sua qualidade. Sabe-se perfeitamente que os trabalhos dos alumnos jámais são perfeitos. Si estes o fossem, o logar dos alumnos não seria mais na escola. Vale mais obter um modelo mal feito, mas executado pela propria creança, do que um modelo perfeito, no qual a creança quasi nada tenha collaborado. Acima de tudo, repetiremos, dizendo que toda lição deve comprehender exercicios em que os alumnos possam affirmar o seu caracter pessoal."

A ELOCUÇÃO

Na escola de Ermitage esta especie de expressão se reveste de uma grande importancia, quanto á fórma. Esta fórma é a conferencia. Para isso o alumno colligirá dados a respeito do assumpto proposto, ajuntará objectos, gravuras, para illustrar o discurso, fará desenhos no quadro. Sua conferencia póde ser na sala de aula ou ao ar livre. Finda a oração, o orador procurará responder ás questões e aos apartes propostos pelos ouvintes, que são seus collegas e professores.

O DESENHO

O programma das escolas da cidade de Bruxellas exprime bem

o que é preciso entender por esse desenho:

Depois de uma lição sobre o galo, por exemplo, o professor fará reproduzir este animal pelo desenho. O trabalho de correcção consistirá em fazer que o alumno rectifique os defeitos resultantes de uma observação insufficiente. Para isso procederá, com effeito, seja pela comparação entre os trabalhos dos collegas, seja por um novo e rapido exame do animal. Importa que o trabalho da creança não seja reduzido a uma simples copia, mas que seja realmente a expressão do seu pensamento."

A ESCRIPTA

Já nas primeiras lições de escripta o alumno é levado a externar os seus pensamentos. Primeiro elle desenha no seu caderno o que viu e observou; em seguida ajunta a esse desenho uma sentença, cujo sentido é o mesmo expresso por aquelle. Supponhamos que o desenho represente uma escola. Elle copiará então a phrase: "A escola é bella".

No começo das lições o alumno interpreta o que escreveu por meio do seu desenho. Esse processo de ensinar a escrever decorre do methodo applicado ao ensino da leitura e é chamado ideo-visual, pela razão que a idéa é ligada ao symbolo da escripta por intermedio da percepção visual.

E com a sua escripta e os seus desenhos, o alumno irá formando o seu livro. Com figuras recortadas de publicações de toda especie e tudo que possa se adaptar ás suas paginas, esse trabalho vae-se tornando uma especie de pequenino museu Deirole.

E' na verdade interessantissimo e de alto valor educativo e instructivo esse trabalho, que o alumno preza de toda alma. Ha na escola de Ermitage exemplares dessa natureza organizados com tanto carinho que o visitante curioso tem logo o desejo de possuil-o.

No segundo anno, o alumno dá nova fórma ao seu trabalho escripto, por meio da machina de escrever. A partir d'ahi começam os trabalhos a ser impressos na typographia da escola, por mãos dos alumnos.

O TRABALHO MANUAL

E' este considerado como um dos instrumentos mais importantes de cultura, quer pelo lado technico, quer pelo lado psychologico. No tocante á utilidade do trabalho manual, já Comenius, no seculo XVI, doutrinava: "Apprender é progredir de uma noção conhecida a uma noção desconhecida, e, para isso, ha tres cousas a considerar: o conhecido, o desconhecido e o movimento intellectual para passar do primeiro ao ultimo; com este fim, é preciso ajuntar ao espirito que pensa e á lingua que fala, a mão que produz".

O trabalho manual deve então estar associado ao mesmo assumpto que constituiu materia das outras formas de expressão. Elle será então mais uma valiosa pedra de toque no exame do valor das noções adquiridas pelos educandos, pois que conforme pensa Louis Dalhem, nem sempre a verbosidade de uma creança exprime o valor de seus conceitos. Accrescenta o referido professor que "observações feitas sobre certos alumnos mostraram que os anormaes têm muitas vezes enganado os mestres com um repertorio vasto de palavras, emquanto que suas idéas eram bem pobres".

Na modelagem são principalmente os dedos que devem trabalhar. Os modelos podem ser pintados seja por meio de giz de côr, pulverisado, seja por meio de aquarela.

No mesmo modelo poderá o alumno associar a cartonagem, a modelagem e o desenho. Exemplo: a carreta do vendedor de

pães póde ser feita de papelão; sobre rodas serão desenhados os raios; o vendedor, o animal e os pães serão modelados.

O essencial é obter um concurso de materiaes que dê ao trabalho o caracter de uma realização a mais perfeita possivel.

Empregar-se-ão para isso todos os materiaes que se puderem encontrar: botões, caixas e paus de phosphoros, carreteis, gravuras impressas e outros mais.

A iniciativa do professor descobrirá todos os meios de tirar partido desse pequenino material que faz o enlevo das creanças.

Ao trabalho manual serão associadas as noções geometricas do modo mais vantajoso possivel.

A LEITURA

Referindo-me a esses processos de apprendizagem, poderão os interessados que me escutam formular já esta pergunta: "Como é feito o ensino da leitura?"

Conforme declarei anteriormente, o ensino da leitura no systema Decroly se acha estreitamente ligado ao da escripta. Para ambos o methodo é o synthetico analytico e se denomina ideo-visual.

Por ser synthetico, são estes os fundamentos. Os methodos de ensino devem partir do simples para o complexo. Mas o que é simples para a mente adulta não o é para a mente infantil. Para esta o simples é a synthese. "A noção de laranja (synthese) será adquirida antes da noção de fórma, côr, sabor (analyse). Do mesmo modo a cadeira, (synthese) antes de assento, encosto (analyse).

A evolução mental vae da synthese á analyse. A acquisição da linguagem falada é uma prova disto. A creança que começa a falar não aprende sons, isto é, letras e syllabas, que são a analyse do vocabulo. A mãe ensina-lhe phrases. A phrase é a synthese que a creança depois decompõe em seus elementos por meio de um exercicio natural espontaneo. Ora, si assim é para a linguagem oral, porque não o ha de ser para a linguagem escripta?

Tal methodo de ensino da leitura adoptado nas escolas Decroly não é simplesmente de phraseação. Elle é antes de tudo um methodo ideologico. Neste ponto é mais aperfeiçoado que os methodos analogos que o precederam.

Decorar um trecho ou uma phrase e depois decompol-o em palavras e syllabas, não é o mesmo que formar idéas para depois expressal-as.

A caracteristica essencial desse methodo não consiste em começar o ensino da leitura pelo conhecimento de phrases ao em vez dos processos phoneticos, em que se começa pelos sons. Não é esta sua principal relação psychologica.

O ensino por esse processo é synthetico e analytico, mas seu ponto culminante é a formação de conceitos no espirito da creança.

Como methodo synthetico, a percepção da creança engloba a sentença, sendo esta ponto de partida. Como analytico, a sentença será decomposta em seus elementos componentes, dentre os quaes os phoneticos. No caracter de visual, é o symbolo visivel o elemento associavel á idéa. Finalmente, como processo ideologico, é a idéa a alma de todos esses elementos. Eis porque elle se denomina idéo-visual ou visual natural.

O facto de ser a idéa a essencia prima desse processo, segue-se que na sua applicação o que mais se deve ter em vista é a formação de idéas e noções na mente do alumno.

Isto se obtem pelo exercicio da observação em torno de um objecto ou um facto, relacionado com um centro de interesse.

Tendo a creança visto e observado, ella expressa suas idéas na sua propria linguagem, mediante as interrogações do professor,

sendo as suas expressões motivo e materia para as sentenças que vão ser escriptas e collocadas deante dos seus olhos, como imagem abstracta dessas expressões. Afim de facilitar a ligação das idéas aos symbolos escriptos, se interpõe um desenho rapido exprimindo aquellas idéas, e como um traço de união entre ellas e os caracteres escriptos.

Em todo esse trabalho, note-se a preoccupação de passar a idéa para os symbolos.

Agora, dando esse methodo tal valor á idéa, o que se exige é que a expressão resultante della deva ser natural e espontanea.

Nada de se preoccupar com vocabulario em attenção aos sons da lingua.

Assim como as sentenças resultam espontaneamente das noções, assim os sons resultarão espontaneamente da linguagem expressa da creança, seja qual fôr essa linguagem.

O espirito dos processos modernos de educação primaria é todo de espontaneidade, tendo como agente a alma infantil. O segredo está em fazer que esse agente vibre e produza.

Penso não ser outro o criterio sobre o qual se funda o methodo idéo-visual.

O systema phonetico póde se preoccupar com vocabulario e sons, porque no seu ponto de partida elle não cogita de formação de idéas.

No methodo idéo-visual aquella preoccupação cercearia a idéa, ou pelo menos a relegaria em segundo plano.

Resumo—Mediante o estudo experimental de um objecto ou um facto, as expressões resultantes do conhecimento do alumno, modificadas ou não pelo professor, darão as phrases para o ensino da leitura.

O PROCESSO TECHNICO DA LEITURA

E' este o processo technico de ensinar a ler. O professor manda a cada alumno que execute sobre pedacinhos de papel tres desenhos como sendo a expressão concreta de tres phrases. Pouco importa que o alumno faça bem ou mal esse trabalho. Não ha nada tão interessante como essa expressão da creança.

Em seguida, o professor faz os mesmos desenhos no quadro negro, ao lado esquerdo, em columna. Fixa junto aos desenhos tres largas tiras de cartolina com as phrases respectivas a cada um delles. Essas sentenças não são lidas por emquanto.

A cada alumno são distribuidas tres pequenas tiras com as ditas phrases em letras de tamanho normal.

O primeiro exercicio do alumno consiste em comparar suas fichas com as do quadro negro, identifical-as, afim de as collocar junto aos seus croquis, da mesma fórma como se encontram no quadro, isto é, figura correspondente a cada phrase, junto a esta. Feito isto, os alumnos lêm as sentenças, ora no quadro, ora nos seus cartãozinhos.

Para mais firmar o conhecimento dos symbolos escriptos, os alumnos misturarão fichas e desenhos, e tornarão a collocal-os em ordem.

O espirito inventivo do professor poderá variar estes exercicios de muitas maneiras engenhosas.

Após o conhecimento de mais cinco séries de phrases, começarão estas a ser decompostas em palavras.

Para isso, o professor passará um traço bem visivel entre as palavras da primeira sentença ensinada, no que imitarão os alumnos. Seguindo os traços, o professor dividirá a sentença em palavras, cortando com a thesoura a cartolina. Da mesma maneira procederá a classe.

Possuindo já uma série de palavras em fragmentos de cartão, os alumnos guardarão estes em caixinhas. As caixinhas de phos-

BIBLIOTECA PUBLICO MINEIRO

phoros prestam-se muito para isso.

Conhecendo perfeitamente as palavras, os alumnos começarão a formar com ellas novas sentenças, quer ditadas pelo professor, quer sahidas da propria imaginação delles.

Na decomposição das palavras em syllabas, o processo será o mesmo. Apenas aconselha-se a escrever as syllabas em cores differentes, afim de melhor serem distinguidas pelos alumnos.

Pelo processo descripto, o ensino da leitura caminha rapido, e nenhum escolar de intelligencia normal retardará.

O que sobreleva notar neste processo, é que o alumno apprende activamente e encontra muito prazer nesses exercicios.

Póde haver melhor meio de manter a disciplina em classe?

Assisti a essas lições em uma das classes de um grupo escolar de Bruxellas, estabelecimento que acolhe somente creanças da gente mais humilde, e pude constatar que o progresso dos alumnos, em leitura, no fim de tres mezes, era satisfactorio.

OS JOGOS EDUCATIVOS

A psychologia infantil estabelece que a creança vive para jogar e brincar. Esta é uma das suas inclinações irresistiveis.

O dr. Decroly muito judiciosamente creou os jogos educativos que são os mais excellentes meios de ensino.

Elles são muito interessantes e variados, havendo para cada disciplina uma série graduada, segundo o desenvolvimento mental da classe. Nada mais pratico que a sua confecção, pois os jogos educativos são feitos na propria escola pelos alumnos, como sendo uma proveitosa applicação do desenho e trabalho manual.

Elles estão generalizados do seguinte modo. Qualquer que seja o jogo, consta de um cartão de 18 x 25 centimetros. Sobre este, desenha-se um quadro, ora dividido em quadrinhos, ora em columnas, ora em linhas horizontaes. Cada uma das divisões representa uma questão que o alumno deverá satisfazer, collocando sobre ella uma pequena ficha que é a resposta.

Assim, na leitura para conhecimento de syllabas, encontra-se em um dos quadrados a palavra incompleta *ja* .... *la*.

O alumno sabe que é *janella*, porque dentro da divisão está a figura dessa cousa. Então elle irá procurar na série de cartãozinhos separados a syllaba *ne* que será collocada no respectivo logar.

Esses jogos são illustrados, quer por meio de desenhos, quer com gravuras recortadas de publicações. São trazidos dentro de envelloppes, os quaes têm uma pequena bolsa para conter separadas as pequeninas fichas.

Para um professor habilidoso, deverá ser um agradavel trabalho a organização desse material escolar.

Como as creanças encontram muito prazer em colleccionar gravuras, são ellas mesmas que contribuem com essas, tanto para a illustração dos referidos jogos, como para a dos cadernos.

Tudo isso se pratica em torno dos centros de interesse.

Os jogos educativos servem para exercicios de apprendizagem, e ao mesmo tempo são excellentes testes pedagogicos.

A EXPERIENCIA DIRECTA

O dr. Decroly adopta na escola de Ermitage o methodo da experimentação directa. Não existe lá o mechanismo de um apparelhamento didactico industrializado. Os instrumentos do ensino são os objectos em toda sua simplicidade natural. E si alguma cousa existe feita, é obra da creança. Assim é a série numerosa de jogos educativos, mappas, e o interessante calendario, que registra o movimento escolar durante o

anno. Os desenhos da parede, a ornamentação da sala, são obra dos alumnos. O ambiente dessa escola é o reflexo da mentalidade infantil.

Para que se tenha uma noção da duração do tempo e de um instrumento para medil-o, serve-se na aula de um pendulo, construido de um cordel e uma peça pesada, amarrada na extremidade oscillante. O numero das oscillações desse pendulo mede a duração de um facto qualquer, exemplo: a entrada dos alumnos para a classe. São contadas sessenta oscillações até que o ultimo alumno tome o seu logar. Quando os alumnos tiverem uma clara noção do tempo e de uma unidade para medil-o, esse apparelho tosco é comparado em seus movimentos com o ponteiro de um relogio que marque minutos. Depois que os alumnos descobrirem a necessidade de uma unidade para medir o tempo, passarão a comprehender a utilidade e o mechanismo do relogio.

As oscillações do pendulo são mais rapidas ou mais lentas, á proporção que este se encurta ou se alonga. Tendo encontrado um comprimento em que o rythmo do pendulo corresponda ao tic-tac do relogio, esse comprimento será de um metro, na latitude de Bruxellas. Com essa descoberta, chega-se a encontrar uma associação entre a medida de comprimento: o metro, e a medida de tempo: o segundo, e a dar uma razão logica ao metro.

Antes de descobrir esse fundamento, o alumno apprenderá a medir por meio dos limites naturaes que elle poude descobrir primeiro: o dedo, a mão, o pé, seguindo nisto a marcha da civilização.

A UNIDADE NO SYSTEMA

Si a direcção do ensino conseguir amoldar toda a organização escolar do Estado ao systema Decroly, terá realizado o maior beneficio na educação popular. Esse beneficio provém da centralização e da systematização pedagogica na base dos mais solidos principios educativos. Essa transformação valorizará e augmentará de modo notavel a capacidade do magisterio.

O que mais nos impressiona e attrae no systema Decroly são os caracteristicos de centralização e unidade.

Jamais a escola se deveria abster desses conceitos. A unidade é a chave da sabedoria, o equilibrio e a disciplina na actividade do espirito .

O universo se revela aos olhos da intelligencia por meio desse espelho magico.

O novo systema se caracteriza em todas suas partes pelo sentimento de unidade: unidade de todo elle em relação á vida da creança; unidade de todos os conhecimentos em relação aos centros de interesse.

FINALIDADE

Eu perguntei ao dr. Decroly qual era a finalidade de sua escola, e elle assim me respondeu:

"Uma das finalidades da educação é fazer com que a creança tornada adulto seja capaz de, pelo desenvolvimento harmonico de todas as suas faculdades, e pela comprehensão dos phenomenos vitaes e sociaes, bastar a si mesmo sem ser pesado aos outros; e quando tiver de sobra aquillo que já lhe bastou, dar ao seu irmão necessitado. E' o cumprimento da maxima evangelica.

"Embora pareça ser demasiado optimismo, devemos querer que a escola tenha por alvo o progresso geral da humanidade. Mas o certo é que hade haver sempre a fraqueza na velhice, entes que soffrem moral e physicamente, esperando uma protecção".

E com referencia ao ambiente a se formar na escola, disse elle:

"Convém que para o filho do rico a escola tome um pouco mais as feições do trabalho e da officina e para o pobre seja mais artistica e mais alegre. Por quan-

to estando o rico habituado á vida do conforto e dos encantos do progresso, precisa conhecer as difficuldades do pobre; emquanto que este somente no caridoso abrigo escolar poderá encontrar os meios de aprimorar o seu espirito e amenisar as durezas de sua existencia".

Por uma circumstancia muito simples, qual a de não haver restaurante nos arredores da escola que eu visitava, em Uccle, distante de Bruxellas, fui forçado a aceitar o convite para almoçar diariamente na propria escola de Ermitage. E assim me pude acamaradar muito mais com as encantadoras creanças que ahi se educavam.

Almoçava, passeava e me divertia com ellas. Na tosca mesa redonda do refeitorio, rodeado de pequenitos de varias nacionalidades, eu tomava logar, tendo quasi sempre ao meu lado o dr. Decroly. Ora um menino, ora uma menina me dirigia uma pergunta a respeito do Brasil. Era a cortezia das creanças. Hora de franca alegria é a da refeição, nesse recinto. Professoras e alumnos se nivelam na mesma expansividade.

Certo dia, porém, um dos pequenos, de cinco annos talvez, corre para mim e me diz como em confidencia, mas com certa emphase:

— Meu senhor, eu amo a vida! (Monsieur, j'aime la vie!)

Admirado, com a expressão do menino, peguei-lhe na mãozinha e perguntei:

— Então, você ama a vida?

E porque não havia de ser assim?

E elle num tom esquivo e de quem reflecte:

— Mas, em casa não é a mesma cousa. Aqui na escola é que amo a vida.

Sem duvida, pensei eu commigo, pois não é esta escola um hymno á vida da creança?"

Plano da aula modelo com que o orador illustrou sua palestra

Centro de interesse:

A creança e a escola

Assumpto do dia:

O conhecimento da escola

I — Observação

A classe será levada a observar todo o interior da escola, seus compartimentos e dependencias. Ficará sabendo o fim de cada um delles. Fará uma inspecção ao redor do predio.

I — Associação

O asseio. O professor despertará a attenção dos alumnos para o asseio do predio. Como conserval-o asseiado? (tinta, rabiscos na parede, pés enlameados, etc).

III — Realização

Expressão graphica. Cada alumno receberá tres pedacinhos de papel; sobre elles desenhará:

1.°) Um menino indo á escola;

2.°) A casa da escola;

3.°) Um menino em aula.

O professor reproduzirá esses desenhos no quadro negro, na ordem recommendada.

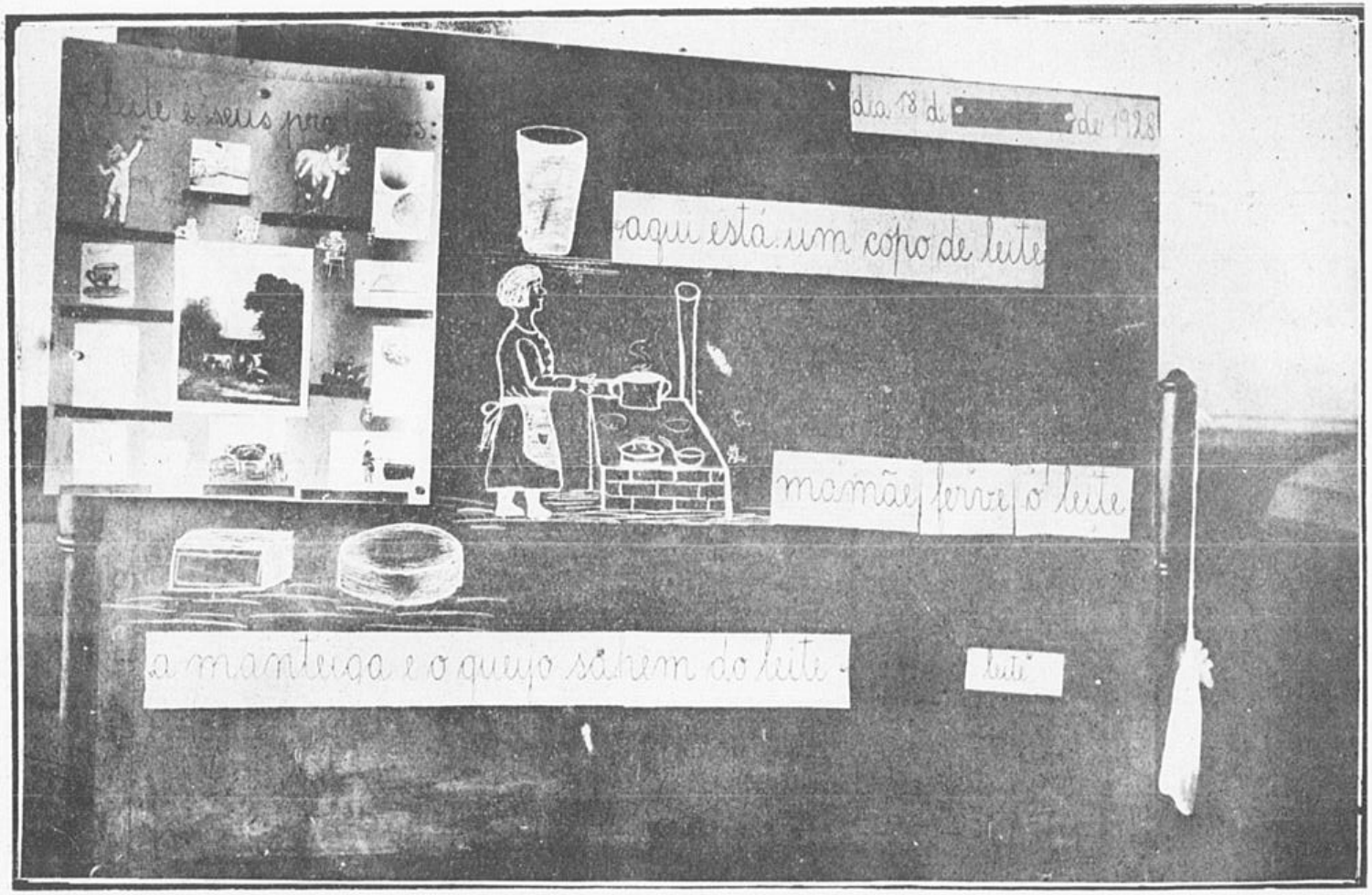
Leitura. Em seguida, o professor fixará no quadro, junto ao desenho, lado a lado, respectivamente, tres tiras de papelão com sentenças de sentidos correspondentes ás expressões do desenho.

São ellas:

Paulo vai á escola;
a escola é bella;
na escola, eu estou;
na classe I.

(Estas phrases serão escriptas com traços bem visiveis, na largura do de um giz, e as letras curtas poderão ter 4 centimetros de altura).

A seguir, o professor distribuirá a cada alumno tres pequeninas tiras com as mesmas sentenças que estão fixas no quadro.



Aula Decroly

EXERCICIOS

1. Os alumnos collocarão seus desenhos na mesma ordem dos do quadro.

2. Procurarão descobrir nos seus cartõesinhos as phrases que estão no quadro, as quaes, depois de identificadas, serão collocadas junto aos desenhos na mesma ordem, como estão no quadro.

3. Leitura das phrases no quadro negro e depois nos cartõesinhos.

4. O professor apagará os desenhos do quadro, e os alumnos lerão nelle as sentenças.

5. O professor mudará a ordem das sentenças do quadro e os alumnos farão o mesmo com seus cartõesinhos, sem separar o desenho correspondente.

6. O professor citará uma sentença e os alumnos a apontarão.

7. Os alumnos misturarão as phrases e os desenhos e tornarão a collocal-os na ordem anterior.

3. O professor isolará a palavra commum ás tres sentenças "escola", pondo-a separada dessas, e os alumnos farão o mesmo.

Escripta. O professor copiará uma das sentenças para o quadro e cada alumno seguirá com o dedo a sua fórma no espaço.

Em caderno não pautado, os alumnos copiarão uma phrase, illustrando-a com um desenho, ou uma gravura impressa.

Orthographia. Os alumnos copiarão diversas vezes a palavra "escola".

Modelagem. Cada alumno modelará uma das tres idéas expressas no texto de leitura, depois collocará sob o modelo o cartão com a phrase correspondente.

IV *Numeros*. Os numeros de 1 a 10.

Cada alumno contará as carteiras, as portas, as janellas e os collegas.

Por meio dos *croquis*, decomposição do numero 3 em 2 + 1, 1 + 1 + 1; por meio dos dedos, 2 + 2, 3 + 1, 1 + 1, etc.

V *Exercicio e canto*. Marcha. hymno á escola.

Notas

Estes exercicios constituem as normas geraes das primeiras licções.

O professor, depois de penetrar no espirito do methodo, com sua iniciativa, poderá amplial-os ainda mais.

A applicação deste plano poderá tomar uma semana.

CENTRO DE INTERESSE: A ALIMENTAÇÃO

Assumpto do dia: o leite

Observação — Visita a uma leiteiria. Assistir desnatar e pasteurizar o leite. O leite gordo ou crême e seus derivados: a manteiga, o queijo. O leite magro e sua applicação. O sôro e o assucar de leite na medicina. A massa do coalho e sua applicação na industria. Coalhar o leite para o queijo. Ferver o leite. Fazer a manteiga em classe.

Exercicios sensoriaes: distinguir pelo cheiro e pelo gosto o leite cru' do fervido; o leite bom do azedo.

Associação — Palestra recreativa sobre os mammiferos em geral e sobre a vacca em particular. Os perigos do leite de animal doente. O leite e seus productos, especialmente a nata como base da alimentação infantil. As diversas maneiras de se empregar o leite em mingáos e em doces varios. A maneira hygienica de ser ingerido o leite em goles lentos. O leite como alimento completo indispensavel ás creanças na primeira infancia. O leite da vacca por ser o que geralmente mais se usa. A conveniencia de serem bem alimentadas as vaccas para que não passem para o leite nenhuma substancia nociva.

Comparação: — Mostrar sementes do feijão denominado "soja", a fava admiravel que encerra todos os elementos existentes no leite de vacca. Illustrar esses assumptos com cousas reaes e gravuras.

Expressão — Desenho: os differentes pontos da observação, como o trajecto do Grupo á leiteria visitada; a lata de leite; o litro de leite; a caixa de manteiga; o queijo. Linguagem graphica: illustrar o texto da leitura.

Leitura: feitos os "croquis", a professora fixará no quadro-negro as fichas correspondentes ás expressões do desenho. Os alumnos acompanharão a professora na leitura dessas sentenças muitas vezes. Os desenhos dos alumnos, em pedacinhos de papel, serão conservados sobre a carteira; em seguida, cada um receberá tres pequeninas fichas com o mesmo assumpto das do quadro-negro para os exercicios de leitura.

Suggestões para a illustração do texto, no quadro, pela professora:

aqui está
um copo de leite

Mamãe ferve
o leite

a manteiga
e o queijo sahem do leite

Escripta: copiar o texto da leitura, illustrando-o.

Orthographia: isolar a palavra — leite. Mostrar esta palavra escripta no quadro-negro durante alguns segundos, apagal-a e mandar que os alumnos a reproduzam nos cadernos. Proceder do mesmo modo com relação ás outras palavras das sentenças.

Realizações — Modelagem: a vacca, o litro de leite, o copo de leite, o queijo, em argila.

Nos cadernos de associação, realizar em tiras de cartolina o trajecto da excursão á leiteria visitada.

Trabalho collectivo: em uma folha de cartolina collar algumas gravuras recortadas e desenhar os differentes pontos da observação.

Calculo — Numero e medidas: contar as colheres de leite que contém um copo; contar os copos que contém um litro; pesar a manteiga feita em classe. Provar que o litro de leite contém duas vezes o meio litro. Problemas oraes e recreativos sobre a venda do leite em litro, meio litro, copos. Graphia do numero 8.

GYMNASTICA RYTHMICA: — O LEITE

"L serve para Leite
Maravilhoso alimento
Que, tomado todo dia,
Garante um bom crescimento.

M em Manteiga se encontra,
Sem a qual não serve o pão,
Junto do leite, de manhã,
Na primeira refeição."

Explicação — Com os pés firmes as crianças farão movimentos de tronco ao compasso da musica, imitativos de quem ordenha a vacca.

CONTO SEMANAL

MARINA E A BILHA DE LEITE

Marina era muito boasinha. Ajudava sua mãe nos trabalhos caseiros, era obediente e, quando podia, auxiliava o pae na roça. Por isso todos lhe queriam bem.

Certo dia a madrinha de Marina deu-lhe de presente uma bilha cheia de leite.

Marina poz a bilha na cabeça e foi para a cidade.

Pelo caminho foi pensando: Eu venderei todo o leite. Com o dinheiro comprarei uma gallinha. A gallinha ha de pôr um ovo por dia. Farei chocar os ovos e nascerão muitos pintinhos bonitos. Os pintinhos crescerão e eu terei frangos e gallinhas.

Vendendo os frangos e creando as gallinhas ajuntarei dinheiro para comprar uma vaquinha. Depois comprarei uma chacara. Vendendo ovos, frangos, leite e hortaliças ficarei rica e serei muito feliz.

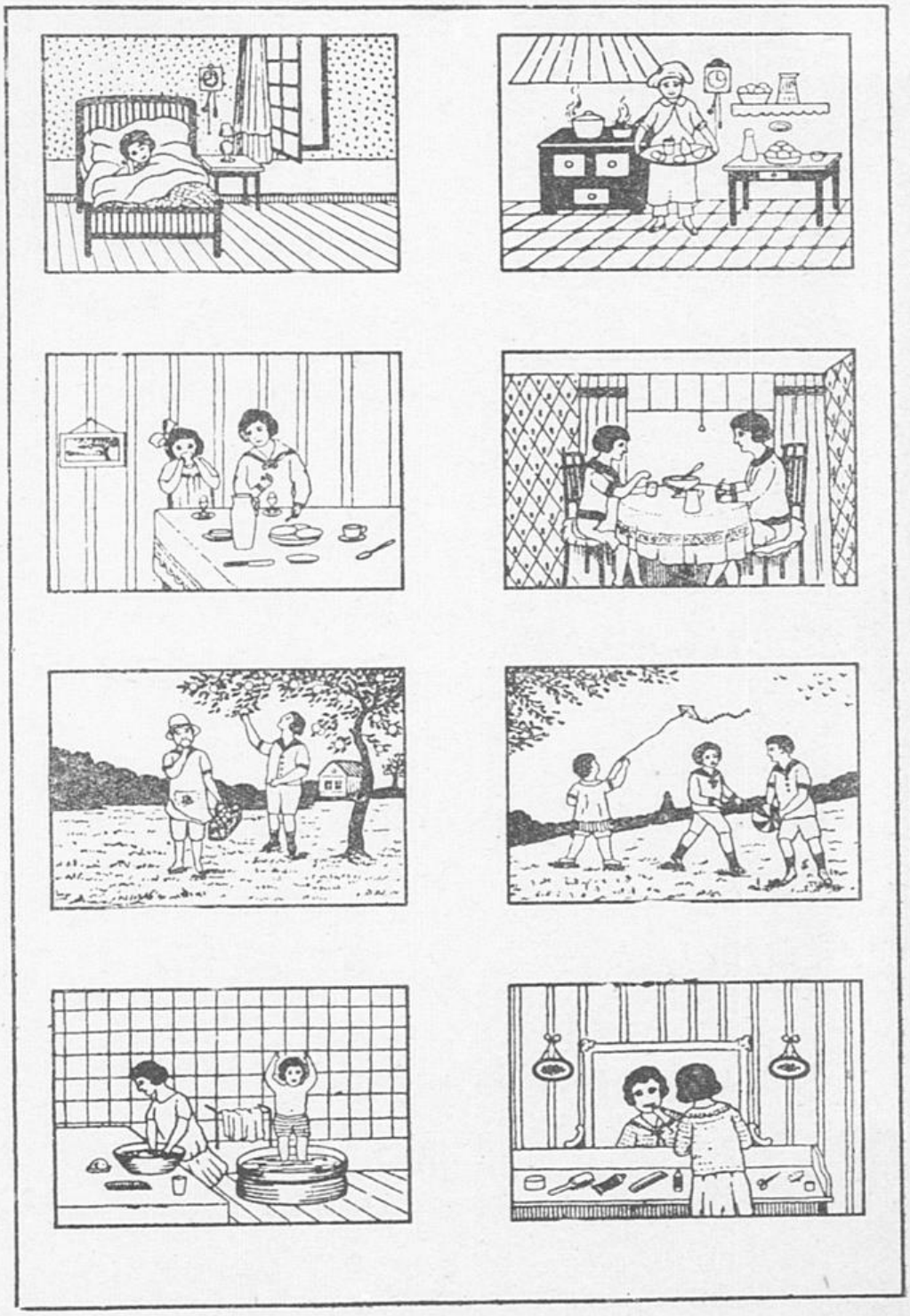
E Marina poz-se a dançar muito contente. Mas a bilha que trazia na cabeça cahiu ao chão e ficou em pedaços. O leite foi derramado todo na estrada.

Marina ficou muito triste e voltou para casa enxugando as lagrimas."

MARIA DA GLORIA BARROS

JOGO EDUCATIVO — LEITURA E HYGIENE

Professora Maria da Gloria Barros



Eu dormirei
com a janella
aberta

No almoço e
no jantar
comerei legumes

Tomarei um
copo de leite
bom todo dia

Comerei de vagar
e mastigarei bem.
os alimentos

Todos os dias
comerei fructas

Brincarei
em pleno ar
todos os dias

Tomarei um
banho todos
os dias

Escovarei os
dentes todos
os dias

EXPLICAÇÃO

Este jogo para ser aproveitado pelas professoras em suas classes deve ser collado sobre cartolina ou papelão, acontecendo o mesmo aos cartõesinhos que se adaptarão ás scenas do cartão grande.

E' um jogo simples em que as crianças serão guiadas pela imagem visual do desenho correspondente.

Informações uteis

Serão respondidas, nesta secção, tanto quanto possivel, todas as consultas concernentes ás questões de ensino, quer technicas, quer administrativas.

I — *Uma professora, que foi removida ex-officio em setembro, pergunta si deve assumir immediatamente a nova cadeira ou esperar o novo anno lectivo. Pergunta tambem si tem direito a posse.*

De accordo com o Regulamento, deve seguir immediatamente e tem direito á requisição dos passes necessarios, porque foi removida ex-officio.

II — *Professoras, que foram contractadas pelos directores para substituirem as alumnas do Curso de Aperfeiçoamento, querem saber como hão de receber os seus ordenados.*

Requerendo á Secretaria, com attestado de exercicio, o pagamento relativo ao tempo em que serviram no grupo.

III — *Uma estagiaria dirige uma classe desde o começo do anno lectivo e pergunta si só tem direito a seu ordenado de estagiaria.*

Desde que a consulente esteja regendo classe propria, isto é, classe supplementar, além dos vencimentos, terá a gratificação de 25%, de accordo com o regulamento.

A respeito deve ser ouvida a directoria do grupo.

Origem: Doação
Preço: —

2

N° 2 6